

IV JORNADAS EBP SEÇÃO LESTE-OESTE

# Que loucura é essa?

Obra: Ilton Silva



CONVIDADO:

**GUY BRIOLE**

AME, MEMBRO ECF, ELP / AMP

COORDENAÇÃO GERAL:

**GIOVANNA QUAGLIA**

EBP/AMP

**15 e 16 de setembro de 2023**

Local: Museu Nacional da República  
Brasília- DF

Modo: híbrido (presencial e remoto)

INFORMAÇÕES:

[infraestruturajornadas.slo@gmail.com](mailto:infraestruturajornadas.slo@gmail.com)

IV JORNADAS EBP SEÇÃO LESTE-OESTE

# Que loucura é essa?



*Escola Brasileira  
de Psicanálise*  
Seção Leste-Oeste

#### **CONSELHO**

Alberto Murta (Presidente)  
Cristiano Alves Pimenta (Secretário)  
Elisa Alvarenga  
Fábio Paes Barreto  
Renato Carlos Vieira  
Tânia Regina Anchite Martins

#### **DIRETORIA**

Diretoria geral: Ruskaya Maia  
Diretora de Secretaria e Tesouraria: Carla Serles  
Diretora de Cartéis e Intercâmbios: Claudia Murta  
Diretora de Biblioteca: Denizyê Zacharias

#### **COORDENAÇÃO GERAL IV JORNADAS**

Giovanna Quaglia (EBP/AMP)

#### **COMISSÃO CIENTÍFICA**

Alberto Murta (EBP/AMP) – Coordenador  
Ary Santos de Farias (EBP/AMP)  
Denizye Aleksandra Zacharias (EBP/AMP)  
Giovanna Quaglia (EBP/AMP)

#### **COMISSÃO EDITORIAL**

Caroline Cabral Quixabeira  
Denizye Aleksandra Zacharias (EBP/AMP)  
Eliza Maria Xavier  
Giovanna Quaglia (EBP/AMP)  
Maria Clara Serles Farias

#### **EDITORACÃO**

Bruno Senna

# SUMÁRIO

|                            |   |
|----------------------------|---|
| ARGUMENTO                  | 7 |
| Giovanna Quaglia - EBP/AMP |   |

## PAINÉIS TEMÁTICOS | PLENÁRIAS

|                                         |    |
|-----------------------------------------|----|
| COADUNAR SONS, CRIAR MÚSICAS            | 11 |
| Rosangela Ribeiro- EBP / AMP            |    |
| A CÓLERA E O RACISMO                    | 15 |
| Rodrigo Oliveira dos Santos             |    |
| ALIENISTA OU ALIENADO?                  | 19 |
| LeticiaRosa                             |    |
| DE QUAL ENSINO SE TRATA NA PSICANÁLISE? | 22 |
| Alberto Murta – EBP/AMP                 |    |

## SALA 1 | CONTINGÊNCIA

|                                                                       |    |
|-----------------------------------------------------------------------|----|
| LOUCURA E CONTINGÊNCIA EM DOIS FRAGMENTOS CLÍNICOS.                   | 26 |
| Cristiano Alves Pimenta - EBP/AMP                                     |    |
| DO IMPOSSÍVEL À CONTINGÊNCIA                                          | 29 |
| Cristina Alves Barbosa Santos                                         |    |
| O ALIENISTA, DE MACHADO DE ASSIS, A NEUROSE E A PSICOSE – ENTREPROSAS | 32 |
| Leticia Ferreira Braga                                                |    |
| LOUCURA GENERALIZADA OU NATUREZA HUMANA                               | 35 |
| Nazaré Mangabeira                                                     |    |

## SALA 2 | AMOR

|                                                                                                                             |    |
|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----|
| “O AMOR É UMA PEDRA RINDO AO SOL”                                                                                           | 39 |
| Bartyra Ribeiro de Castro – EBP/AMP                                                                                         |    |
| O QUE HÁ DE LOUCURA NA DEVASTAÇÃO?                                                                                          | 42 |
| Olenice Amorim                                                                                                              |    |
| COMO ENSINAR O QUE NÃO SE ENSINA? A TRANSFERÊNCIA DE TRABALHO                                                               | 45 |
| Regina Cheli Prati                                                                                                          |    |
| QUANDO O TODO PERVERSO FOI SOBREPUJADO PELA LOUCURA DA<br>NÃO-TODA OU A HISTÓRIA DE UM CASAMENTO DA PERVERSÃO COM A PSICOSE | 48 |
| Adriano Moreira                                                                                                             |    |

## SALA 3 | GOZO

|                                                   |    |
|---------------------------------------------------|----|
| CLÍNICA DA DECIFRAÇÃO E CLÍNICA DO GOZO           | 52 |
| <i>Luis Francisco Espíndola Camargo – EBP/AMP</i> |    |
| SOLUÇÕES ÀS DESMEDIDAS DO GOZO MELANCÓLICO        | 55 |
| <i>Adriana Gonring</i>                            |    |
| QUE LOUCURA É ESSA, A VIOLÊNCIA?                  | 58 |
| <i>Fernando Figueiredo dos Santos e Reis</i>      |    |
| UBI INSANIA VIVIT!                                | 61 |
| <i>Waléria Paixão</i>                             |    |

## SALA 4 | HUMANIDADE ARTIFICIAL

|                                                       |    |
|-------------------------------------------------------|----|
| EM INSTANTES, VOCÊ SERÁ DIRECIONADO À SUA SESSÃO?     | 65 |
| <i>Jaqueline Coelho- EBP/AMP</i>                      |    |
| BLADE RUNNER                                          | 68 |
| <i>Tânia Mara Alves Prates</i>                        |    |
| NEM INTELIGENTE, NEM ARTIFICIAL? QUE LOUCURA É ESSA?  | 71 |
| <i>Juliana Aguiar de Melo Prado</i>                   |    |
| UMA HIPNÓTICA SATISFAÇÃO: A LOUCURA DO GOZO DO IDIOTA | 74 |
| <i>Henrique Alves Lopes</i>                           |    |

## SALA 5 | VOCIFERAÇÃO

|                                         |    |
|-----------------------------------------|----|
| CADA UM EM SEU MUNDO                    | 78 |
| <i>Renato Carlos Vieira – EBP/AMP</i>   |    |
| QUE LOUCURA É ESSA?                     | 81 |
| <i>Gabriel Caixeta</i>                  |    |
| POLÍTICA E RELIGIÃO                     | 84 |
| <i>Isangela Lins Almeida</i>            |    |
| CONTEMPORANEIDADE E SINTOMA OBSESSIVO   | 87 |
| <i>Ruth Cavalcanti Garcia de Castro</i> |    |

## SALA 1 | DELÍRIO

|                                                                                            |    |
|--------------------------------------------------------------------------------------------|----|
| PHILIP K. DICK - A LOUCURA COMO FICÇÃO CIENTÍFICA                                          | 91 |
| <i>Elisa Alvarenga – EBP/AMP</i>                                                           |    |
| O UNIVERSAL E O SINGULAR NO DELÍRIO DE UM ARTISTA                                          | 94 |
| <i>Tiago Barbosa Santos</i>                                                                |    |
| O DELÍRIO FAMILIAR NA HIPERMODERNIDADE - UMA LOUCURA GENERALIZADA, NO SINGULAR DA CLÍNICA. | 97 |
| <i>Ceres Rúbio.</i>                                                                        |    |

## SALA 2 | CORPO

|                                                 |     |
|-------------------------------------------------|-----|
| “ESSA É A MINHA LOUCURA”                        | 101 |
| <a href="#">Rafaella Cunha</a>                  |     |
| O FEMININO E A DANÇA DOS CORPOS EM ANÁLISE      | 104 |
| <a href="#">Christiane Pinto Rosa</a>           |     |
| SAVOIR-FAIRE COM UM CORPO ESQUIZOFRÊNICO: TILDA | 107 |
| <a href="#">Mariana Ribeiro Porcides</a>        |     |
| “O VERÃO EM QUE MAMÃE TEVE OLHOS VERDES”        | 110 |
| <a href="#">Claudia Murta – EBP/AMP</a>         |     |

## SALA 3 | FEMININO

|                                                                       |     |
|-----------------------------------------------------------------------|-----|
| OUBLIER DE MARIE LABERGE: DEVASTAÇÃO, UM AMOR LOUCO QUE DEIXA MARCAS. | 114 |
| <a href="#">Anna Rogéria Nascimento de Oliveira</a>                   |     |
| A MULHER E UMA LOUCURA SOB MEDIDA                                     | 117 |
| <a href="#">Fernanda do Valle</a>                                     |     |
| PSICANÁLISE E POLÍTICA: DO UM TOTALITÁRIO AOS UNS DEMOCRÁTICOS.       | 120 |
| <a href="#">Daiane Ossuna Ribeiro</a>                                 |     |
| A MULHER NÃO EXISTE E “A CARTA ROUBADA”                               | 123 |
| <a href="#">Tânia Regina Anchite Martins – EBP/AMP</a>                |     |

## SALA 4 | POLÍTICA CLÍNICA

|                                                            |     |
|------------------------------------------------------------|-----|
| É SÓ ISSO!                                                 | 127 |
| <a href="#">Adriana Gomes Pessoa</a>                       |     |
| “O QUE NÃO TEM NOME NEM NUNCA TERÁ”: AS EVIDÊNCIAS DO REAL |     |
| A PARTIR DE UM LAUDO NEUROPSICOLÓGICO                      | 130 |
| <a href="#">Luciana da Silva Pedron</a>                    |     |
| A LOUCURA CODIFICADA E SUAS RESSONÂNCIAS NO CORPO          | 133 |
| <a href="#">Delza Eloy de Santana Gonçalves</a>            |     |
| LUCIDEZ DE MAIS TAMBÉM É LOUCURA.                          | 136 |
| <a href="#">Ordália A Junqueira- EBP/AMP</a>               |     |

## SALA 5 | ENCONTRO E ENIGMA

|                                                                           |     |
|---------------------------------------------------------------------------|-----|
| “DA ARTE À INTERPRETAÇÃO: UMA REFLEXÃO.”                                  | 140 |
| <a href="#">Fernanda Fernandes</a>                                        |     |
| O ENIGMA                                                                  | 143 |
| <a href="#">Simone Souza Vieira</a>                                       |     |
| COMO ENSINAR O QUE NÃO SE ENSINA: ECOS DESSE PARADOXO                     | 146 |
| <a href="#">Roseane Patriota Albuquerque Melo</a>                         |     |
| O PARADOXO DA DEMOCRACIA: UMA LEITURA PSICANALÍTICA SOBRE O 08 DE JANEIRO | 149 |
| <a href="#">Geanine Lucas Vieira</a>                                      |     |

# Argumento |

Giovanna Quaglia - EBP/AMP  
COORDENADORA GERAL DAS IV JORNADAS DA EBP-LO  
giovannaquagliar@gmail.com

O aforismo: “Todo mundo é louco” (Lacan, 1978/2010), de Lacan, já vem ecoando na comunidade da Seção Leste Oeste, seja pelas ressonâncias da fala de Jacques-Alain Miller ao lançar o título do próximo Congresso da AMP ou a partir das atividades do Conselho no Seminário de Orientação Lacaniana, bem como nas atividades da Diretoria. Partindo de “todo mundo é louco”, lançamos como tema para nossas próximas jornadas “*Que loucura é essa?*”, propondo uma fronteira entre o universal, o singular e como os dois se articulam. É nessa ficção entre o globalizado nos ideais da civilização e o que incide de singular na indagação “Que loucura é essa?” que somos convocados a pensar a psicanálise engajada na subjetividade de nossa época e, dado esse horizonte, refletir sobre os modos atuais de articulação da loucura de cada um. (Miller, 2022).

Escutado em sua singularidade, nenhum humano seria normal se considerarmos a ruptura que é o encontro contingente com a linguagem. Desse modo, o delírio é universal porque somos falantes. Uma análise nos mostra que também somos *loucos*, e que cada um tem sua língua própria, apesar da língua comum a todos. *Fazemos de conta* que estamos falando as mesmas coisas, seguindo a norma languageira, no entanto é nos sonhos, nos chistes, nos atos falhos, no sintoma, que algo escapa e nos adverte a respeito da *verdade mentirosa* da igualdade universal.

Quando perguntamos “Que loucura é essa?” lançamos algo na *temporalidade*, cruzamos o instante de ver, para ser-



mos içados ao tempo para compreender. Assim, podemos pensar que o demonstrativo “essa” no tema de nossas Jornadas indaga aquilo que está implicado na transferência, uma vez que a pergunta terá sua solução dirigida ao Outro, lançando a possibilidade de olharmos para o que acontece em uma análise, na peculiaridade de soluções que parecem loucura. Como indicou Lacan, em uma análise pode-se descobrir “justamente até que ponto o sujeito dito, considerado normal não o é”. Na prática clínica, portanto, não é possível fazer entrar a noção de normalização. Nós, enquanto analisantes, vivemos essa experiência! (Miller, 2022).

Se uma análise trata da singularidade, sendo a experiência de um saber suposto, sem ordem ou coerência, como ensinar alguém sobre isso? O discurso analítico não é matéria de ensino, indicou Lacan. E é aí que tocamos em outra sutileza de nosso tema: Ensinar é uma loucura? Como pensar então na formação do analista? Freud (1939/2017) nos indicou os ofícios impossíveis – governar, ensinar e analisar! Para refletir sobre isso, é essencial perceber a ambiguidade da palavra impossível, naquilo que toca a contingência. Então, como pensar essa loucura de ser analista, sem ter como miragem o momento de torção na passagem de analisante a analista?

Em outra diretriz, despontar algo do impossível não é o que faz a arte? O artista não é aquele atravessado por alguma coisa, além da construção do enredo delirante da fala, que cria outra dimensão para a experiência de nossas loucuras? Teatro, literatura, cinema, escultura, pintura, música, dança, arquitetura... O objeto da arte não nos faz loucos, nem nos salva da loucura, mas como espectadores, seu efeito nos deixa um pouco mais fora da realidade, do senso comum, desfigura a norma, contornando com a estética o vazio radical e singular deixado pela impossibilidade de dar sentido. “Que é a vida? Uma ilusão, uma sombra, uma ficção... toda a vida é sonho, e os sonhos, sonhos são.” Escreveu La Barca, na peça *A vida é sonho*. (La Barca, 1635).

Alucinação, delírio, devaneio, doidice, insensatez, maluquice, desatino, desvario, elucubrações, fantasias que habitam a intimidade... Múltiplos modos para a eclosão das crises e suas respostas sintomáticas, nomeações para o que escapa ao senso comum do que é a realidade, e a experiência da psicanálise nos indica que “cada um só acredita profundamente no seu sintoma. [...] é por isso que o sintoma não se reduz à psicopatologia.”(Laurent, 2011)

Por outro lado, na contemporaneidade, notamos a tendência do “sou quem digo ser”, cada um no seu estilo de vida. Entre a universalização dos significantes e a particularização dos modos de gozo, surgem movimentos de “despatologização generalizada”, que, a partir de grupos de iguais, reivindicam seus direitos, em uma redução do sujeito a si mesmo, formas de identidade que rejeitam o Outro (*heteros*). O que pode se traduzir, como indicado por Miller, pela “desaparição programada da clínica”, mas isso não parece uma loucura? *Todo mundo é normal?* (Miller, 2022)



Em outra vertente da exclusão do Outro, a tentação dos extremismos totalitários visa submeter uma única forma do mesmo. Exagero e radicalismo, fenômenos contemporâneos como é o caso da violência, intolerância, segregação, racismo, fanatismo, que levam a cenas de *barbárie*. Cenas *loucas* que assistimos pelo mundo globalizado. Que normalidade é essa que não suporta a diferença? Tempos do “mundo imundo” (Lacan, 2011), que se revela como forma destrutiva da civilização, face da pulsão de morte. Que loucura é essa!

Eis os desafios com os quais nos deparamos no momento atual: fazer-nos presentes como psicanalistas, não apenas na clínica, mas também na cidade, no campo político.

Finalmente, uma palavra sobre a escolha do local de nossas IV Jornadas em Brasília<sup>1</sup>. Para os que não conhecem a cidade, o Plano Piloto é o cruzamento de duas retas: o Eixo Monumental do Oeste-Leste e o Eixo Rodoviário Sul-Norte. Dois Eixos se cruzam na Rodoviária do Plano Piloto, que tem, logo adiante, o Museu Nacional da República, escultura a céu aberto, miragem de Oscar Niemeyer, em formato de semiesfera, objeto agalmático, para ocuparmos com nossas Jornadas!

Abrem-se, por esses recortes, algumas interrogações que nos servirão de guia para explorar o tema destas Jornadas! Clínica, ensino, arte e política: peças soltas para pensar “Que loucura é essa?”

Convidamos todos ao trabalho

## REFERÊNCIAS

Freud, S. **A análise finita e infinita**. In: Fundamentos da Clínica Psicanalítica. Obras Incompletas de Sigmund Freud. Belo Horizonte. Autêntica, 2017/1939, p 315-364.

Lacan, J. **A terceira**. Opção Lacaniana, nº 62. São Paulo: Eolia, 2011, p.11

Lacan, J. **Transferência para Saint Denis? Lacan a favor de Vincennes!** In: Correio, Revista da Escola Brasileira de Psicanálise, (65). São Paulo: abril, 2010/1978, p.31.

Lacan, J. (1960-1961) **Seminário, livro 8**. A transferência. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Editor, 1992.p. 312.

Lacan, J. **O tempo lógico e a asserção de certeza antecipada**. In: Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.1998. p. 197-213.

La Barca, C. (1635) **A vida é sonho**. Editorial Estampa – Seara Nova. (anotações pessoais)

Laurent, E. **O delírio da normalidade**. In: Loucuras, sintomas e fantasias na vida cotidiana. Belo Horizonte: Scriptum, 2011, p. 45-56.

Miller, J.A. **Todo mundo é louco – AMP 2024**. In: Opção Lacaniana 85, dezembro 2022, p.11.

---

1 A Capital Federal é a cidade sede da nossa Seção Leste-Oeste. Local escolhido para nos fazermos presentes, como psicanalistas, diante da barbárie de 08 de janeiro 2023!

PAINÉIS TEMÁTICOS | PLENÁRIAS



## Coadunar sons, criar músicas |

Rosangela Ribeiro- EBP / AMP  
rosangelamr1@hotmail.com

O texto musical não é seguido (com contrastes ou amplificações), é explosão: é um contínuo *big-bang* ...

Roland Barthes

### O que pode a psicanálise?

Penso, particularmente, que a psicanálise pode fazer muito pouco para o *falasser*. Mas esse pouco abre espaço para acolher e tratar o que agita e maltrata o corpo, levando o *falasser* a uma invenção que lhe permite aí fazer.

Nesse sentido, usarei de breves enunciados de um sujeito que busca análise pela primeira vez. Pedro chega ao consultório devido a um acontecimento em sua vida. No casamento de seu tio paterno, independentemente dos sons à sua volta ou mesmo no silêncio externo aos seus ouvidos, ele começou a ouvir música sem parar. Isso o leva a uma

internação psiquiátrica e é diagnosticado com TDAH e hiperacusia ou misofonia. Ao chegar, sua queixa é de que “as músicas não param, elas não me deixam trabalhar... É um remix o tempo todo.”

Pareceu-nos estar sob o domínio de uma escuta acusmática, ou seja, de um fenômeno em que a escuta se volta às propriedades inerentes do próprio som, agora entendido como objeto sonoro, que independe de sua causa ou significado. O objeto sonoro é exaustivamente testado às suas mais infinitas possibilidades. Cumpre lembrar que o terreno da música, da experiência sonora

não refere nem nomeia coisas visíveis, como a linguagem verbal faz, mas aponta com uma força toda sua para o não-verbalizável; atravessa certas redes defensivas que a consciência e a linguagem cristalizada opõem à sua ação e toca em pontos de ligação efetivos do mental e do corporal, do intelectual e do afetivo. Por isso mesmo é capaz de provocar as mais apaixonadas adesões e as mais violentas recusas (WISNIK, 1989, p. 27-8).

Paralelamente, pensando no congresso da AMP, “Todo mundo é louco”, apostamos que a loucura, não é da mesma maneira para todos, uma vez que a clínica diferencial dá um novo olhar aos detalhes no “um a um”, na singularidade da relação entre o gozo e as palavras. Ainda que o gozo não se negue, esse gozo pode amarrar a vida do sujeito quando bem posicionado, por isso a invenção desse algo que retorna sempre no mesmo lugar.

Pedro, que cantava em bares, ouve uma voz lhe dizendo: “A vida do músico é do Diabo.” No mesmo contexto, Pedro diz que seu irmão gêmeo, com quem tocava, vê, ao redor da cama, um diabo soltando fogo. Aqui o analista se levanta e docilmente lhe diz: “Vamos enfrentar esse diabo! Venha amanhã!” Essa é a orientação para nossa clínica, desmontar a defesa, desordenar a defesa contra o real. Nessa nova orientação, em direção ao real, o analista conduz desde o início pontos do real, em uma tentativa de fazer ressoar o nó de *lalíngua* e do corpo, para que, ali, possa emergir um significante novo e um novo arranjo com o gozo no percurso de uma análise.

Mesmo com a ruptura das apresentações em bares, a música para Pedro não cessa. No decorrer das sessões, opera-se a partir do conhecimento teórico e subjetivo de que a psicanálise não é apenas uma questão de escuta, mas sim uma questão de leitura, uma leitura do sintoma, uma vez que o sintoma é o que a psicanálise tem de mais real. Nota-se ainda que “no ser falante, *falasser*, o gozo se apresenta sempre sob a forma do sintoma. O gozo é o próprio corpo como tal, é um fenômeno de corpo. O estatuto do corpo vivo é gozar de si mesmo, ele

‘se goza’” (MILLER, 2015, p. 130). Nessa perspectiva, recorreremos à Aula 8 do seminário *O lugar e o laço*, na qual Jacques-Alain Miller orienta que fazer vibrar o ininterpretável que aninha no real do corpo não se alcança com o desejo do analista; o que é preciso é que o analista coloque seu corpo, através do tom, da voz, do acento, do gesto ou do olhar. Não se trata mais de uma presença que coloca em ato o objeto do paciente, porém se trata de colocar em jogo o próprio corpo do analista.

Ainda como um delicado terreno arqueológico, recolhemos elementos que nos permitem ler o caso de Pedro, com repetidas falas que o relacionam com o irmão, com uma *folie à deux*. No entanto, nosso foco está no que amarra e desamarra esse *fallasser* diante do aforismo de Lacan “Outro não existe”. Assim, impomos a questão: se o Outro não existe, temos outros recursos? E se não existe, operamos pelo real? Sim, o Outro não existe, mas pode funcionar diante das manobras que o *fallasser* tenta velar, tamponar esse ponto do real. E é por aí que perturbamos as defesas para irmos bordeando o excesso que agita o corpo. Esse gozo que agita, que não cabe nos contornos da pele, que surge como um vulcão em erupção no corpo, diante do impossível de negatizar.

Esse caso traz em si o que Lacan expõe em sua virada de seu ensino, ou seja, que o Nome do Pai não pode tudo, introduzindo o gozo, um gozo interditado para quem fala, um gozo que não tem um Outro para nomeá-lo. Esse novo olhar do ensino de Lacan, com delicadeza de Miller em clarear a teoria, mostra-nos que tanto os casos de neurose quanto os de psicose possuem um ponto em comum, ou seja, aquilo que amarra e que desamarra o gozo que não tem nome. Mesmo que o Nome do Pai esteja inscrito, marcado, registrado, ainda assim não é o suficiente para afastar o gozo invasivo que excede o gozo fálico. Assim, o Nome do Pai tenta organizar, contornar o gozo, mas ele retorna e, por isso não se deve contê-lo, mas sim inventar com o que retorna, que irrompe do real, ao que o simbólico não consegue transcrever, o simbólico não estanca tudo que vem do real.

No decorrer de uma sessão, no contexto de elementos fornecidos por Pedro, o analista solfeja o “Samba de uma nó só”, de Tom Jobim. Os elementos dados por Pedro e a melodia parecem se amalgamar e localizar um bom lugar em seu corpo. «E quem quer todas as notas / Ré-Mi-Fá-Só-Lá-Si-Dó / Fica sempre sem nenhuma / Fique numa nota só.» Até o momento, Pedro tem lidado coadunando todas as notas do fluxo musical que lhe invade em uma nota só, dedicando-se à composição de música Gospel.

#### REFERÊNCIAS

Barthes, R. *O Óbvio e o Obtuso*. São Paulo: Nova Fronteira, 1990.

MILLER, J-A. (1995-1996) *L'orientation lacaniana. La fuite du sens*. Inédito. Aula de 31/1/1996.

\_\_\_\_\_. *Ler um sintoma*. In: *Opção Lacaniana*, n. 70. São Paulo: Eolia, 2016.

\_\_\_\_\_. *El lugar y el lazo*. Buenos Aires, Editorial Paidós, 2013

WISNIK, José Miguel Soares. *O som e o sentido: uma outra história das músicas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

## A cólera e o racismo |

Rodrigo Oliveira dos Santos  
*rodrigoliveiradosantos@hotmail.com*

Ao introduzir que a angústia não é uma emoção, mas um afeto, Lacan (1962-1963/2005) afirma que o afeto não é nem o ser e nem o sujeito em forma bruta. O afeto não é recalçado, fica à deriva. Encontramo-lo deslocado, enlouquecido. “O que é recalçado são os significantes que o amarram” (Lacan, 1962-1963/2005, p.23).

A relação dos afetos com o significante é tomada por Lacan (1962-1963/2005) através do exemplo da cólera, que acontece nos sujeitos quando os pininhos não entram nos buraquinhos, quando no nível do Outro, no da boa-fé, não se joga o jogo.

Ao destacar que Freud insistiu que os afetos têm um caráter não de significantes, mas de sinal, é no viés do real que Lacan (1959-1960/1988) vai tecer que a cólera é uma paixão que se manifesta por meio do corpo, mediante uma decepção, um fracasso de uma correlação esperada entre uma ordem simbólica e uma resposta do real. A cólera advém “quando as cavilhazinhas não entram nos furinhos” (Lacan, 1959-1960/1988, p.130).



Para Lacan (1973/2003), é a representação que está ligada ao significante que é recalca-da e a cólera, como um afeto, encontra-se dela deslocada. Pelo corpo habitar a linguagem, o afeto chega por não encontrar alojamento. “Será um pecado, uma pitada de loucura, ou um verdadeiro toque do real?” (Lacan, 1973/2003, p.526).

Lacan (1967/2003) afirma que para o nosso horror, o que emergiu dos campos de con-centração representou uma reação ao remanejamento dos grupos sociais e à universaliza-ção introduzida pela ciência que visa a uniformização do gozo. Diante disso, ele profetizou que os mercados comuns advindos com a globalização acarretariam numa ampliação dos processos de segregação, numa escalada do racismo. Para Miller (2010), o modo universal da ciência encontra limites no modo de gozo, naquilo que não é universal, que é estrita-mente singular.

Lacan (idem) diz que no desatino do nosso gozo, só há o Outro na medida em que esta-mos dele separados e que só seria possível deixar o Outro entregue a seu próprio modo de gozo se não impuséssemos o nosso.

Da Cunha considera que é próprio da expansão dos mercados comuns, que estão na perspectiva do capital e da tecnociência, a “evaporação” do Pai. O lugar vazio deixado pelo Pai, que é revelado como um semblante, outorga o desvario do gozo. É o isolamento dos mo-dos de gozo, o gozo do Um-sozinho que diz respeito a segregação.

Correspondente a essa “evaporação” do pai, Miller, em Intuições Milanesas II, considera que Lacan primeiro isolou, depois pluralizou o significante mestre, S1, o significante central da identificação, dando a ele o valor de enxame. Essa pluralização de significantes mestres promove o sujeito sem referência. Em busca de referência os sujeitos acabam se enganchan-do em zonas limitadas de certeza. Para Laurent (2016), essas “bolhas de certeza”, são sem limites e sem totalização, estando mergulhadas na estrutura social do não-todo. Nas bolhas de certeza, o sujeito se engancha aos significantes mestres de crenças fanáticas rejeitando discursos externos.

Para Hobsbawn (2008), o contraste entre as mudanças e inovações do mundo moderno e a tentativa de estruturar de maneira imutável alguns aspectos da vida social leva a invenção das tradições. O conjunto de práticas rituais ou simbólicas da tradição inventada visa inculcar valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica numa continuidade com o passado. Miller (2010) entende que a raiz da potência dessas tradições é prescrever sobre o que deve ser a relação sexual. Sobre a intolerância ao gozo do Outro se engancham identificações históricas ao mesmo tempo inertes e variáveis.

Entretanto, se os afetos se encontram deslocados em relação aos significantes, conforme Moraga, eles vinculam corpo, linguagem e gozo entre si. Os afetos não deixam de ser efeitos de discurso, entrando em conexão com o Outro. O discurso de Deus, Pátria e Família e a homenagem a torturadores do período ditatorial vociferados por representantes políticos da extrema direita tornam explícitas quais práticas do passado devem ser repetidas. Entre o discurso e o afeto, imersos em bolhas de certeza avessas à democracia, alguns sujeitos tomados pela cólera, não obtendo uma resposta esperada do simbólico, uma vitória eleitoral da extrema direita, foram levados ao não-limite da destruição de instituições como o Congresso Nacional e o STF nos ataques de 8 de janeiro em Brasília.

Diante do enxame de significantes mestres, o gozo do Outro, que é exterior às bolhas de certezas a que os sujeitos se engancham é alvo de rechaço e ódio. Moraga (idem) considera que o ódio, em sua face real, revela a impossibilidade de fazer do próximo um semelhante. Assim, se o amor supre a inexistência da relação sexual, o ódio tem como suporte o Um mostrando que no nível do gozo não há comunicação.

Miller (2010) afirma que no ódio ao Outro, como é próprio do racismo, há algo a mais do que a agressividade. Há uma consistência dessa agressividade que merece o nome de ódio e que aponta ao real no Outro. É o gozo que implica aquilo em relação ao qual e mesmo por causa do qual o Outro seja Outro. Assim, o ódio se dá ao gozo do Outro, odeia-se a maneira singular pela qual o Outro goza. Entretanto, o Outro é Outro dentro de mim mesmo. Assim, a raiz do racismo é o ódio ao próprio gozo, pois se o Outro está em meu interior em posição de extimidade, daquilo que também me é externo, ele é também meu próprio ódio.

O racismo também tem validade para pensar o sexismo, no sentido de que, como pensa Miller (idem), o homem e a mulher são duas raças. Não duas raças biológicas, mas naquilo que faz a relação inconsciente com o gozo. É essa a posição de Lacan. Apoiar isso numa determinação anatômica nos levaria a falar em complementariedade, mas no nível da relação inconsciente com o gozo está a sexualização. Nesse nível se trata de dois modos de gozo: o gozo masculino e o gozo feminino. Assim, a localização, o uso do gozo na ordem do discurso é o que marca as diferenças.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Eric HOBBSBAWN e Terence RANGER. **A invenção das tradições**, Rio de Janeiro. Paz e Terra, 2008.
- Éric LAURENT, **O avesso da biopolítica. Uma escrita para o gozo**, Rio de Janeiro, Contracapa, 2016.
- Jacques-Alain MILLER, **Intuições Milanesas II**, <http://www.opcaolacaniana.com.br/nranterior/numero6/texto1.html>.
- Jacques-Alain MILLER, **Extimidad**, Buenos Aires, Paidós, 2010.

Jacques LACAN, **O seminário, livro 7: a ética da psicanálise**, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1959-1960/1988.

Jacques LACAN, **O seminário, livro 10: a angústia**, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1962-1963/2005.

Jacques LACAN, **Outros Escritos, Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola**, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1967/2003, p. 248-264.

Jacques LACAN, **Outros Escritos, Televisão**, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1973/2003, p. 508-543.

Luiz Fernando Carrijo da CUNHA, **O ódio – além, aquém do pai**. Disponível em: <http://enapol.com/ix/pt/o-odio-alem-aquem-do-pai-luiz-fernando-carrijo-da-cunha-ebp/>

Patricia MORAGA, **Do ódio como laço social**. Disponível em: <http://ampblog2006.blogspot.com/2018/12/normal-O-false-false-false-es-ar-ja-x.html>.

## Alienista ou Alienado? |

LeticiaRosa

leticia.rosa.lerosa@gmail.com

Trata-se, pois, de uma experiência, mas uma experiência que vai mudar a face da Terra. A loucura, objetivo dos meus estudos, era até agora uma ilha perdida no oceano da razão; começo a suspeitar que é um continente. (ASSIS, 2019)

*Todo mundo é louco.* Tal aforismo de Lacan (1978/2010) evocou em mim a lembrança de um clássico da literatura brasileira escrito por Machado de Assis, “O Alienista”.

Dotada de uma fina prosa, a obra é marcada por sátiras, críticas e indagações sobre a existência de fronteiras definitivamente demarcadas entre a razão e a loucura.

*Todo mundo é louco.* Poderíamos dizer que o alienista, um crente na razão e no cientificismo, desavisado da prática analítica, fez deste aforismo seu slogan, o que o levou à produção de efeitos segregativos internando quase toda a po-

pulação de Itaguaí, que, segundo ele, apresentava comportamentos que lhe eram estranhos, no asilo por ele criado ao qual deu o nome de Casa Verde. (MILLER, 2022)

Nas palavras do Dr. Bacamarte: “O principal nesta minha obra da Casa Verde é estudar profundamente a loucura, os seus diversos graus, classificar-lhe os casos, descobrir enfim a causa do fenômeno e o remédio universal. Este é o mistério do meu coração. Creio que com isto presto um bom serviço à humanidade.” (ASSIS, 2019, p. 11) Afinal, seria este o seu delírio?

Podemos considerar que sim, pois tinha ele a crença cega de que “a ciência tem o inefável dom de curar todas as mágoas” (ASSIS, 2019, p. 08) e que haveria um remédio universal, um ideal de normalidade, um saber absoluto, sendo que este não existe, visto que logo o saber produzido estará defasado, apontando que sempre haverá um resto do qual a ciência não dará conta de significantizar, circunscrever no simbólico, algo que retorna com o que irrompe do real. “Podemos dizer que aquilo que o Nome-do-Pai não consegue circunscrever é o que nos obriga a delirar o tempo todo, com nossos fantasmas, com nosso sintoma, com nossas crenças. [...] É um delírio da ciência pensar que todo real pode ser articulado ao simbólico” (BRODSKY, 2013, p. 34).

Fiel representante do discurso científico, o médico ignorou que: a cada um à sua loucura, a sua estranheza, um modo de gozo. Ao idealizar a normalidade, o que fez foi distanciar-se do real.

De alienista a alienado, imerso no delírio da normalidade, rumou ao igualitarismo e, conseqüentemente, ao desaparecimento da clínica. Não vislumbrou que o vazio que a ciência rejeita, a psicanálise inclui (BROUSSE, 2018), o que poderia lhe servir como um possível acesso à singularidade, que escapa ao sentido compartilhado. Para Lacan, “é, propriamente falando, de *Verwerfung*, que se trata no discurso da ciência” (1988, p. 160), esta que rejeita a presença da Coisa, sendo assim, “todos sabem que essa perspectiva se revela na história, no final das contas, como que representando um fracasso.” (LACAN, 1988, p. 160)

Deste modo, ao relativizar os limites entre o perfeito juízo e a insânia, o Dr. Bacamarte percebeu que já não havia regra para a completa sanidade mental. “Não se sabia já quem estava são, nem quem estava doido” (ASSIS, 2019, p.30), o que o fez se deparar com o desmoronamento de sua teoria e, obstinado em sua nova doutrina, entregou-se ao estudo e à cura de si mesmo recolhendo-se à Casa Verde.

*Todo mundo é louco, ou seja, delirante.* Desta forma, “não há nenhuma possibilidade de visar uma norma comum. Quanto mais forem globalizados os ideais da civilização, [...] quanto mais for proposta uma norma para todos em utilitarismo sem limite, mais precisaremos lembrar que todo mundo é louco.” (LAURENT, 2011, p. 51-52)

Nos servimos da arte para fazer avançar a psicanálise e, a partir do aforismo *todo mundo é louco*, me servi da psicanálise para reler esta intrigante e afortunada obra machadiana. Sendo assim, para prosseguir na clínica, onde o que importa é possibilitar que a singularidade do Um emergja a partir de como cada um se arranja com o gozo, me valho do dito de Tom Zé: “Persistindo os médicos, os sintomas deverão ser consultados.” (ZÉ, 2004).

## REFERÊNCIAS

ASSIS, M. de. (1839-1908) O Alienista. Jandira- SP: Princips, 2019.

BRODSKY, G. A loucura nossa de cada dia. In: Opção Lacaniana Online, ano 4, nº 12, novembro 2013, p. 34.

[http://www.opcaolacaniana.com.br/pdf/numero\\_12/a\\_loucura\\_nossa\\_cada\\_dia.pdf](http://www.opcaolacaniana.com.br/pdf/numero_12/a_loucura_nossa_cada_dia.pdf) Acesso em: 26 de jul de 2023.

BROUSSE, M. -H. O inconsciente é a política. 2ª ed. São Paulo: Escola Brasileira de Psicanálise, 2018, p. 65.

LACAN, J. Transferência para Saint Denis? Lacan a favor de Vincennes! In: Correio, Revista da Escola Brasileira de Psicanálise, (65). São Paulo: abril, 2010/1978, p. 31.

LACAN, J. (1960-1981) Seminário, livro 7: a ética da psicanálise. Rio de Janeiro: Zahar, 1988, p. 160.

LAURENT, E. O delírio da normalidade. In: Loucuras, sintomas e fantasias na vida cotidiana. Belo Horizonte: Scriptum, 2011, p. 51-52.

MILLER, J. -A. Todo mundo é louco - \*AMP 2024. In: Opção Lacaniana 85, dezembro 2022, p. 10.

ZÉ, T. Persistindo os médicos, os sintomas deverão ser consultados. Entrevista cedida a Ivolethe Duarte. Revista ser médico. Ed. 29 Out/Nov/Dez 2004. Disponível em: <https://www.cremesp.org.br/?siteAcao=Revista&id=154> Acesso em: 28/07/2023.

## De qual ensino se trata na psicanálise?

Alberto Murta – EBP/AMP

O discurso psicanalítico não pode ser ensinado já que ele é ecoado como não universal. Como abordar o ensino analítico face ao tema das jornadas: “Que loucura é essa?” Parece-me que essa questão é eminentemente analítica. No fundo, é por aí que constitui nosso desafio nesta jornada: como ensinar o que não pode se ensinar? Freud inaugurou uma nova via mediante o discurso analítico. Ele se torna *um* dos que, nos legou a *Interpretação dos Sonhos* como o trabalho de cifragem do inconsciente e, por conseguinte, ele deixa as marcas no seu ensino de uma interpretação que revela uma verdade relativa ao sentido sexual.

Lacan nos ensina algo da prática analítica que tentamos praticar, ainda hoje. Em função de mudanças operadas no ensino lacaniano pelo advento do registro Real, vou comentar algumas respostas ao *Real em jogo*. Sim, é verdade que Lacan, na sua empreitada, procurou desvencilhar a psicanálise de um certo impasse quando desloca a interpretação freudiana dos efeitos de sentido para o Real fora-sentido,

Real sem lei que, no fundo, traduz algo da impossibilidade de escrever a relação sexual entre todos nós. Sob essas condições, diz Miller que cabe aos psicanalistas “alinhar nossa prática a essa nova era” (2022, p.9). Afinal, qual é a era que ele anuncia? Será que esta *nova era* traz o advento da escrita da nossa própria língua que rompe com a língua oficial? Afinal, *O que é uma análise?* A questão do *normal* e do *anormal* pode evidenciar que a prática lacaniana rompe com quaisquer princípios dualistas. Parece-me que alguns cursos de Miller, na apropriação destas referências lacanianas, sinalizam um certo monismo presente na orientação proposta por Lacan.

O desenvolvimento estabelecido sobre a *loucura* pode ser enviado a alienação do *Ego*. No momento depois, passamos a saber que o próprio *Ego* é louco, isto é, no instante da sua formação, o *Ego* traz momentos de eventos loucos. *Que loucura é essa?* a do *Ego*. Ora, se o sujeito da Psicanálise passa a ser dividido é para acentuar a dimensão do inconsciente e, por conseguinte, um rompimento com o *Ego*. Acrescento: *Henri Ey* mantém a dualidade do normal e do patológico supondo que uma norma seja objetivável, isto é, objetivando o patológico, chego à norma. No entanto, Lacan desnaturaliza esta diferença entre o normal e o patológico quando, incessantemente, nos mostra que a experiência de uma análise não é legiferada pela dicotomia, por conseguinte, ela não é regida nem pela *norma*, nem pelo *anormal*. Em outros termos, tem uma linha transponível entre o normal e o patológico. Há uma continuidade entre eles.

Estou convencido que num determinado momento do ensino de Lacan, ele nos oferece alguns elementos que vão além da *Norma* e que vão se sobressair. Em outros termos, a representação, a linguagem, não nos permitem saber o que anda rolando nos nossos consultórios. Criar condições de abordarmos a *loucura* não pela via binária, mas pelo monismo do *ar*. O que do *ar* é vital e nos interessa no exercício da prática analítica? Lacan, ao apontar o *ar* como inerente a nossa existência indica que “o objeto *a* é o que permite arejar um pouquinho a função do mais-de-gozar” (1992, p. 189)

O advento do ultimíssimo ensino de Lacan, traz à tona um real que nos orienta em relação ao posicionamento anterior. Não é mais um real como impossível que se acessa pela via simbólica. A operação de transição, do Real como impossível ao Real sem lei, passa a ser nosso constante desafio. Sob essa passagem, parece-me que o ensino de Lacan dilui completamente o binário entre o *normal* e o *anormal* quando nos apresenta um Real que não anda, um Real “que não funciona” (LACAN, 1974/2005, p.63). Ora, o mundo em que vivemos gravita em torno de uma certa funcionalidade que mascara este *Real* que se encontra em jogo. Esse mundo não quer perceber o *que não funciona*, o que não movimenta mediante a expansão de uma língua universal, que traduzo aqui como expansão do domínio da Religião.



Convoco, na perspectiva do ensino da psicanálise a emergência do significante *movimento*, como efeito-mundo topológico na SLO. Eis aí uma escrita da deformação contínua que enoda o Real, Simbólico e Imaginário. Assim, digo, não posso recuar face ao triunfo da *norma* religiosa com seu acento ontológico tão presente no Congresso Brasileiro. “O Ser se mede pela falta própria à norma. Existem normas sociais, por falta de qualquer norma sexual, é o que diz Freud” (LACAN, 1973/2022, p. 34).

A experiência de uma análise é uma das respostas de Lacan para nos inspirar em algo que não seja a *loucura* do Ser. Desdobra-se que a celebre *loucura* do Ser continua a ser reinante na nossa Política. Sob essas condições, reencontrar algo da nossa *ex-sistência* é motivo para convocarmos a transmissão de uma experiência de análise orientada pelo *fora* da *doxa*. Forjo a seguinte saída: como transmitir/ensinar o que não pode galgar no Ser? Assim sendo, é desejável que o singular do *sinthoma* nos guie nesta nova orientação em que o Real, continuando sempre a mentir, esteja presente neste *Todo mundo é louco* ou nesta *Que loucura é essa?*

Por último, sabendo que na orientação psicanalítica perpassa a ordem do ensino e que, por sua vez, ocorre a interpretação da Psicanálise desde que a prática da Psicanálise se singulariza no advento de um psicanalista, é ou não, o dispositivo do passe uma acolhida ao *Um só?* Logo, como o acesso ao ensino provém da experiência analítica? Ora, na experiência de análise da Anna Aromi o significante, *se casser la tête*, era sempre retomado numa cadeia alienante. Eis que seu analista se insurge, numa das últimas sessões, quando geme e repete dizendo: *Escreve todas essas magníficas palavras*. Desenha-se um novo uso de  $S_1$  que se vociferava como acontecimento de Gozo.

## REFERÊNCIAS

- Lacan, J. **Seminário, Livro 17: o avesso da psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1969-70/1992, p. 189.
- Lacan, J. **O triunfo da religião, precedido de Discurso aos católicos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1974/2005, p. 63.
- Lacan, J. **O gozar do ser falante se articula**. Opção Lacaniana – Revista Brasileira Internacional de Psicanálise, n. 84, 1973/2022, p. 34.
- Miller, J-A. **Todo Mundo é louco**. Opção Lacaniana – Revista Brasileira Internacional de Psicanálise, n. 85, 2022, p. 9.

Mesas Simultâneas

# SALA 1 | CONTINGÊNCIA



## Loucura e Contingência em dois fragmentos clínicos.

Cristiano Alves Pimenta - EBP/AMP  
[cris.alvespimenta@gmail.com](mailto:cris.alvespimenta@gmail.com)

Gostaria de citar dois casos clínicos de Miller<sup>1</sup>. O primeiro é uma paciente que na vida se valeu do princípio “*não preciso de ninguém*”. Nas parcerias ela dizia: “não preciso que meu marido pague por mim”. E sua escolha foi por um homem que não pagava jamais as contas dela, eles as dividiam. A análise deixou ver que isso decorria de um acontecimento primordial: ela foi abandonada pelo pai antes mesmo de nascer. Foi criada pela mãe e por seu padrasto. “Não precisar de ninguém” foi o modo paradoxal de se consagrar a esse pai. Proponho encontrar aqui a sua crença fundamental estruturada desde muito cedo, a de que o amor só pode ser vivido a partir de uma posição de independência. Essa é a sua *loucura*. Toda sua vida afetiva está submetida a essa determinação, que se impõem sob a forma da repetição.

---

1 Miller; J.-A.; Publicado na rádio France Culture; 2005.

Em análise ela se lembra que, quando criança, ia ao mercado comprar doces e dizia: “papai vai pagar” (padrasto). Essa recordação participa da queda do seu sintoma e ela rompe o *pacto* que sustentou seu casamento e passa a demandar que ele pague. Ela lhe coloca em suas mãos o talão de luz, o boleto do gás, e ele, indignado, não cede. O desfecho é a separação. Ela paga caro pela modificação de seu modo de gozo.

O segundo caso é o de uma jovem que se casou com um rapaz que amava viver entre amigos. Casados ele passou a odiá-la e injuriá-la com vários insultos. Essa relação abusiva a fez procurar um analista.

Em análise ela descobre que a *palavra de insulto* é o cerne de seu gozo, é o que a devasta. Esse marido era o meio pelo qual ela se reencontrava com o profundo desprezo que seu próprio pai, homem religioso, nutria pelas mulheres. Se ela quis esse marido: “foi na medida em que ele fala com ela sob a forma do insulto. É assim que ela se sente como uma mulher. Esse casamento infernal comemorava o sintoma do pai. Por meio do parceiro que ela escolheu, ela gozava da estigmatização paterna. E ela só poderá deixá-lo se ela deixar, se for apagada, a *imagem eternizada de seu pai*. Da mesma forma, se ela parar de desejar o insulto, talvez seu parceiro também pare de se dirigir a ela dessa maneira.”<sup>2</sup>

Sabemos que se não houver a queda do pai a separação do marido não bastaria, pois “A pessoa com a qual alguém se casa não faz mais que “vestir esse real” que é o *seu verdadeiro parceiro sintoma*, o parceiro essencial”<sup>3</sup>. É em relação ao pai que a verdadeira separação está em jogo. Aqui temos a loucura desse sujeito, a *loucura* que estrutura sua vida de vigília assim como os seus sonhos. E ainda que esse parceiro seja fonte de sofrimento é ele quem a faz feliz. A fórmula “todo mundo é louco quer dizer a mesma coisa que o sujeito é feliz”<sup>4</sup>.

“O sujeito sonha tal como o sujeito é feliz. O que se poderia dizer do analista é que ele sonha um pouco menos, que *não toma toda contingência no regime da repetição*”<sup>5</sup>.

Aqui temos um *estatuto da contingência enquanto dominada pela repetição*. A repetição é uma articulação significativa, um *saber* que se impõe como uma *lei*. No primeiro caso clínico, o encontro contingente está submetido à condição de que *ele não pague*. No segundo, a condição é a de que o parceiro reproduza os insultos paternos. Em ambos a possibilidade de

---

2 Idem.

3 Idem.

4 Miller; J.-A.; Todo mundo es loco; Paidós; 2015; p. 340.

5 Idem.

que algo novo aconteça está obliterada. A posição do analista é, portanto, a de ir contra essa loucura na medida em que ela tende a tomar toda contingência no regime da repetição.

Gostaria de propor que *o que está realmente obliterado para o sujeito é a relação com o real sem lei*, pois o que domina é uma submissão à lei da repetição.

Para nos orientarmos na clínica é preciso perceber que esses campos estão separados. O real sem lei é o campo das peças soltas, cuja desordem equivale ao campo de lalange e da contingência. Já a loucura é o campo do necessário, de um saber/lei que se articula, seja pela via do N. P., seja pela via da psicose e funciona como uma defesa contra o real sem lei.

Acessar a contingência é, portanto, “delirar um pouco menos”. É preciso que o sujeito consinta em se deixar determinar, se deixar levar, pelo campo de lalíngua, de um real sem lei, *não sem um saber fazer aí, para que o bom encontro possa acontecer. Há uma obstrução que condena aquilo que itera no campo da contingência a se sujeitar à dominação da repetição*. No tratamento é preciso a *paciência* do analista para liberar a experiência vivificadora com o real.

Na supervisão é preciso que o supervisor não creia demais nas suas construções e saiba transmitir que não há saber no real, que as construções são semblantes. É preciso manter aberta uma hiância que preserve os dados clínicos ao nível das peças soltas, sempre suscetíveis a novas leituras.

## DO IMPOSSÍVEL À CONTINGÊNCIA

Cristina Alves Barbosa Santos  
*cristina.alvesbarbosa@gmail.com*

O eixo “ensino” proposto por estas Jornadas me levou a retomar Freud (1925) e sua construção em torno da relação entre a psicanálise e a educação. Lembrei-me, primeiramente, de sua afirmação sobre a impossibilidade de educar, na medida em que, se pensarmos na educação como uma forma de preparar um sujeito para a cultura, para a padronização de comportamentos e para o aprendizado de certos conteúdos, perceberemos de antemão a impotência que há no processo educativo. Os fracassos estampados nos *rankings* escolares (números de analfabetos funcionais, por exemplo) e nas tristes notícias de violência nas escolas comprovam que é mesmo impossível educar.

Porém, Freud (1925) aproximou a profissão de educar com a do psicanalista, pois também colocou o curar como algo impossível, embora não tenha desenvolvido muito essa relação. E de fato, dentro da minha divisão subjetiva entre a prática docente como professora de língua portuguesa, mais especificamente redação, em uma escola de ensino médio e a prática clínica no consultório, noto uma aproximação entre esses dois impossíveis.

No processo inicial de formação como professora, fui apresentada à concepção da educação como aprendizagem, a qual se impôs como “solução ideal” para os impasses dos sistemas educacionais de ensino básico: essa tentativa de decompor todo saber (linguagens, matemática, ciências humanas etc.) em segmentos repetitivos simples, para que sejam repetidos uma quantidade de vezes suficiente, numa palavra de ordem lançada pelo educador de modo a produzir um coro uníssono. Só que no mundo real, a sala de aula, os professores não encontram esse ideal para o qual foram orientados: o que se encontra é um buraco no qual eles estão prestes a cair e para o qual não foram preparados. Eis aqui o real que, justamente por não poder ser elucidado, reconhecido e compreendido, gera angústia: como não ensinar aquilo que se acreditou poder ensinar?

Formar um indivíduo apenas “adequado para as necessidades sociais” é justamente excluí-lo como sujeito, excluir a sua singularidade na maioria das vezes. Ademais, a dimensão do amor de transferência, que é um conceito fundamental na psicanálise, de Freud a Lacan, traz à tona um grande desafio para o professor: fazer o aluno construir um saber e não apenas reproduzir algum conhecimento. Assim, na matéria que leciono, muito voltada para os vestibulares mais concorridos do país – Enem, Fuvest, ITA etc. –, esse impasse se eleva à máxima fordista da repetição: textos semanais, sobre temas variados, corrigidos muitas vezes de forma também fordista, mecânica, por uma equipe que dá uma nota de acordo com a grade de cada prova. E diferentemente da época em que fui aluna, quando não havia o aparato tecnológico facilitador da cópia, o que experimento enquanto professora é o ápice desse apagamento dos alunos enquanto sujeitos de seu texto. Na ânsia por se adequarem às imposições sociais – passar no vestibular, neste caso –, buscam a “solução ideal”, o texto pronto, que vem do outro, e lamentam quando não é isso que recebem.

Contudo, no percurso de formação como analista, percebi uma coerência muito maior entre estudo e prática. Para a psicanálise, compreender que o discurso psicanalítico não pode ser ensinado, nem no âmbito universitário nem na clínica, já está posto desde sempre, ao menos para quem faz uma formação com transferência na orientação lacaniana. Obviamente, isso não elimina as angústias do caminho, mas as coloca em questão de um modo mais genuíno e menos paralisador. E é nesse sentido que talvez seja possível reaproximar as duas práticas, porém visando a um saber fazer com esse impossível.

Parece ser na contingência que se torna possível que o impossível pare de não se escrever e, ao menos em alguns momentos, algum ensino aconteça. Do mesmo modo que, pela transferência, uma análise pode acontecer, uma transmissão também pode ser feita. Mas o que se transmite? Bom, ao falar sobre o desejo e o professor, no seu seminário sobre a angústia, Lacan (2005) pontuou que, se surge a questão do desejo do docente, “é sinal de que a

questão existe” e “de que existe um ensino” (p. 190). Logo, um verdadeiro professor, nas palavras de Lacan “um docente”, difere-se “dO professor” justamente pelo seu desejo: o docente é aquele que faz uma “colagem de maneira menos preocupada com a continuidade, menos comedida” (p. 190), enquanto o professor é “aquele que ensina sobre os ensinamentos”, “faz recortes sobre os ensinamentos” (p. 190).

Assim, vislumbrando o ensino, tenho me ocupado em não ser professora o tempo todo.

#### REFERÊNCIAS

FREUD, S. *Prefácio à juventude desorientada de Aichhorn*. In: FREUD, S. Obras Completas (1925). Rio de Janeiro: Imago, 1976. p. 341-346. v. 19.

LACAN, Jacques. (1962-1963) *O seminário, livro 10: a angústia*. Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller; tradução de Vera Ribeiro; revisão de Marcus André Vieira. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. Ed. 2005.

**Algumas contribuições da psicanálise à educação a partir dos conceitos de transferência e discurso** disponível em: <https://www.scielo.br/j/er/a/BkTZcG7YGLqZSxbb6C5yLNG/?lang=pt#:~:text=Para%20Freud%2C%20educar%20%C3%A9%20transferir,adquirido%20que%20expressamos%20ao%20outro.>



## O ALIENISTA, DE MACHADO DE ASSIS, A NEUROSE E A PSICOSE – ENTREPROSAS

Leticia Ferreira Braga

*lelefbraga@yahoo.com.br*

Diante da imensidão que uma obra de arte nos agracia para interpretações e usos, ou nada e nenhum afazer com ela (!), dou a mão à obra literária *O Alienista*, de Machado de Assis, buscando uma prosa entre ela, a neurose e a psicose.

No Capítulo XI - O assombro de Itaguaí, Simão Bacamarte escreve no ofício à Câmara que “(...) a verdadeira doutrina não era aquela, mas a oposta, e portanto, que se devia admitir como normal e exemplar o desequilíbrio das faculdades, e como hipóteses patológicas todos os casos em que aquele equilíbrio fosse ininterrupto” (Assis, 1881/1987, p. 80). A partir dessa maravilha de fragmento da narrativa partimos a uma prosa com Freud em seu texto “A perda da realidade na neurose e na psicose”, de 1924, quando ele diz que tanto a neurose quanto a psicose se mostram como a expressão de uma rebelião por parte do inconsciente contra o mundo externo; é a indisposição ou a incapacidade do

inconsciente se adaptar à necessidade e às exigências da realidade; em ambas as estruturas um fragmento da realidade é inicialmente evitado, busca-se dele fugir. Freud chama “um comportamento de ‘normal’ ou ‘sadio’ se ele combina certas características de ambas reações” (Freud, 1924/1996, p. 209), da neurose e da psicose. Mas, sim, para ele há uma decisiva distinção entre elas: enquanto a perda da realidade na neurose é evitada e, sem repudiá-la, apenas a ignora com processos que fornecem uma compensação contra o recalque do momento primeiro de rebelião do inconsciente em adaptar-se à realidade, na psicose essa fuga inicial da realidade já é patológica em si mesma e só poderia levar à enfermidade; é repudiada e remodelada na tentativa de substituí-la por meio de alucinação e delírio com violenta força.

Lacan adentra essa prosa quando diz que Freud “considerou que nada é apenas sonho, e que todo o mundo (se tal expressão pode ser dita), todo mundo, é louco, ou seja, delirante” (1978/2010, p. 31), e esse postulado ganha mais corpo no seu percurso de trabalho, fértil de reelaborações, estando numa seara para-além das anatomias corporais, já, pois, na das relações significantes, ao tratar o ser falante na posição feminina como sendo aquele que, em linhas gerais, tem fundamental e indiscutível relação com a função fálica não mais pela total garantia de que nada escapava à significância que o Nome do Pai tinha, mas por ser não-todo frente à significação fálica e ter, digamos, um pé na forclusão, uma vez que se trata é de um modo de operar com os traços do sem limite, do fora da norma, dos excessos, os quais são traços da loucura, sem de fato nos remeter à psicose propriamente dita.

Freud (1924/1996) também transmite em seu texto que tanto para os psicóticos como para os neuróticos há um fragmento da ordem de um ‘não querer saber’ contra “o qual tem de defender-se” (Freud, 1924/1996, p. 211), e nesse mesmo sentido Machado de Assis, no Capítulo XIII – Plus Ultra!, nos traz que quando Simão Bacamarte chega ao resultado de que “(...) os cérebros bem organizados que ele acabava de curar, eram tão desequilibrados como os outros” (Assis, 1987, p. 89); de modo que para ambas as estruturas, neurose e psicose, Freud (1924/1996) vê que o desfecho do conflito entre perda e substituto da realidade mostra-se possível devido um mundo de fantasia. E Lacan retoma esse ponto em seu texto “De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose” (1957-58/1998) considerando incisivo em Freud que a atenção não está no problema da perda da realidade, “mas no expediente daquilo que vem substituí-la” (Lacan, 1957-58/1998, p. 549). De modo que, para Freud, na neurose, por meio do mundo da fantasia se absorve o material do passado real satisfatório para novas construções de desejos, enquanto que na psicose o mundo da fantasia é mediador de um novo e imaginário mundo externo, diferente daquele contra o qual tem que se defender — não com ilusão de que, assim, se atingiria uma completa satisfação, seja na neurose ou na psicose.

E Miller é, pois, inserido nessa prosa com “A salvação pelos dejetos” (2011), na perspectiva, digamos, de se buscar uma maneira singular de lidar com o impossível particular. Ele diz, inclusive, que esse título é uma citação que ele buscou em Paul Valéry, por meio da qual Valéry definiu o surrealismo: e isso não é pouco! Então, Miller diz que essa busca, essa saída é um caminho, uma maneira de se deslizar no mundo do discurso, uma vez que para a psicanálise importa os “dejetos da vida psíquica, os dejetos do mental que são o sonho, o lapso, o ato-falho e mais além, o sintoma” (Miller, 2011, p. 227); não é buscada uma salvação no estrito da cura, do ideal — afinal, a psicanálise não é um remédio social! —, mas mira-se uma verdade contida no dejetos: isso “é o que cai, é o que tomba quando, por outro lado, algo se eleva. É o que se evacua, ou que se faz desaparecer, enquanto o ideal resplandece. O que **resplandece** tem forma. Pode-se dizer que o ideal é a glória da forma, enquanto o dejetos é in-forme. Ele prevalece sobre uma totalidade da qual ele é só um pedaço, uma peça avulsa” (Miller, 2011, p. 228). Em suma, pruma prosa tão breve, uma salvação que viria a se dar por aquilo que, ainda que precário, surja inédito, porque tem aquilo que se deixa cair para poder prosseguir, de alguma forma, mais leve.

#### REFERÊNCIAS

- Miller, J-A. (2011). **Perspectivas dos escritos e outros escritos de Lacan, “A salvação pelos dejetos”**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011. p. 227-233.
- Lacan, J. (1957-58/1998). “De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose”. Rio de Janeiro: Zahar, 1957-58/1998. p 531-590.
- Lacan, J. (1978/2010) *Revista da Escola Brasileira de Psicanálise*, “Transferência para Saint Denis? Lacan a favor de Vincennes!”. São Paulo, n.65. p 31-32.
- ASSIS, Machado de. (1881/1987). **Seus 30 melhores contos, “O Alienista”**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. P. 41-90.
- FREUD, Sigmund. (1924/1996) **Obras completas, “A perda da realidade na neurose e na psicose”**. Rio de Janeiro: Imago vol. XIX. p 204-2011.

# LOUCURA GENERALIZADA OU NATUREZA HUMANA

Nazaré Mangabeira  
nazaremangabeira@gmail.com

A natureza destrutiva humana sempre foi uma questão para Freud, desde o início para quem a ferocidade dos homens em relação a seus semelhantes supera tudo quanto podem fazer os animais. Conceitos como a agressividade, o par amor-ódio, o sadismo e o masoquismo, a passagem ao ato, as pulsões de vida e de morte, o narcisismo, o trauma, entre outros, evocam, em sua obra, a dimensão da violência no humano.

Em 1915, Freud postula que o homem, sem a ação da civilização, é instintivamente destrutivo e a melhor prova disso seria o modo de vida dos povos primitivos.<sup>1</sup> Em 1929 no texto O mal-estar da civilização, postula que instintos destrutivos humanos, são os responsáveis pelo mal-estar da civilização: “(...) mantereí o ponto de vista de que a agressividade constitui uma disposição instintiva primitiva e autôno-

---

1 FREUD, S. *Reflexões para os tempos de guerra e morte* (1915). In: \_\_\_\_\_. *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* Rio de Janeiro: Imago, 1974. v. XIV, p. 309-326. Edição Standard Brasileira.

ma do ser humano (...) Aqui, como já conhecemos, o problema consiste em descartar o maior obstáculo encontrado pela civilização, qual seja a agressividade constitucional do ser humano contra o outro”<sup>2</sup>.

Em resposta à carta de Einstein, por que a guerra? (1932) Freud coloca em foco as raízes pulsionais, Eros misturado a Tânatos, o ódio e o prazer de destruição misturados ao amor. Assim conclui-se que a guerra é inevitável, é consubstancial à própria existência da sociedade. “as pulsões humanas são de apenas dois tipos: as que tendem a preservar e as que tendem a destruir (...) Nenhuma dessas duas pulsões é menos essencial do que a outra: os fenômenos da vida surgem da ação confluyente ou mutuamente contrária de ambas (...) A dificuldade de isolar as duas espécies de pulsões em suas manifestações reais é, na verdade, o que até agora nos impedia de reconhecê-las.”<sup>3</sup>

Lacan, ao longo de seu ensino, reorienta o afeto em direção às paixões reformula o ódio: retira-o do registro puramente imaginário para ressaltar sua conexão com o gozo, seja o gozo pulsional que o sujeito desconhece no fantasma, seja o real do gozo que faz ser o singular do Outro<sup>4</sup>. Ele propõe “ler o amor e o ódio como paixões do ser, reconhecendo no par “amor-ódio” como a face unilateral da Banda de Moebius. Tanto o ódio, quanto o amor, são vias na qual o ser pode se ancorar negando o ser do outro, mas ainda assim levando em conta que Freud demonstrou que as duas faces não têm suporte comum.”<sup>5</sup>

8 de janeiro loucura ou falta de capacidade de fazer luto?

A espécie Humana é gregária, precisa de grupos para sobreviver e se consolida na figura de um líder que exerça a função paterna, de proteção e amparo diante das ameaças externas. posteriormente, diante da necessidade que os povos têm de se proteger elegem líderes políticos que articulem pautas que melhor atendam às necessidades da população.<sup>6</sup>

A jornadas de 2013 que culminaram no impeachment da Dilma, levou o país à uma crescente polarização na política, com expressões de ódio na mídia e nas redes sociais, é um mal-estar que não é um fenômeno brasileiro, é um movimento aliado de um outro de maior

2 FREUD, S. **O mal-estar na civilização** (1929-1930). In:\_\_\_\_\_. *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* Rio de Janeiro: Imago, 1974. v. XI, p. 73-171. Edição Standard Brasileira

3 FREUD, S. **Por que a guerra?** (1933 [1932]). In:\_\_\_\_\_. *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* Rio de Janeiro: Imago, 1974. v. XXII, p. 235-259. Edição Standard Brasileira. Einstein e Freud

4 <http://ampblog2006.blogspot.com/2018/12/normal-0-false-false-false-es-ar-ja-x.html?m=1>

5 Comissão Científica do IX ENAPOL Argumento in <http://enapol.com/ix/pt/argumento->

6 <https://www.migalhas.com.br/depeso/380080/a-psicologia-das-massas-e-analise-do-eu>

tamanho, mundial, que criou líderes supremacistas que podemos constatar no mundo afora, exemplo: eleição do Trump no USA, a última eleição na França, da Itália, do Chile etc.

Entretanto o surgimento do bolsonarismo, é um sintoma do conservadorismo brasileiro à uma reação que foi reprimido com as mudanças a partir da Constituinte de 1988, mudanças que levaram as instituições numa direção das pautas progressistas, o que não é consenso em grande parte da população brasileira, cujo ideais são amparados na família, no discurso religioso nacionalista, de salvação da pátria.<sup>7</sup>

Esta polarização política provocou rupturas de amizades e famílias, muitos que se conheciam há tempos e de repente não se falam mais, culminando na loucura generalizada dos atos de 8 de janeiro. incapacidade de fazer o luto, os que se acreditavam dono do país perderam a eleição ao invés do luto veio uma confrontação pela incapacidade de fazer o luto da perda de ideais.

De repente o amigo, os familiares viraram inimigos, e diante da perda da eleição o sujeito não tem um lugar para se situar, muitos já estavam exilados em casa a sem um grupo de pertencimento. Isso transforma-se numa dor que enlouquece.

---

7 Alonso, A O Brasil é um país muito conservador, que não muda fácil, nem rápido e nem sem reação. in [https://brasil.elpais.com/brasil/2019/02/01/politica/1549050356\\_5206](https://brasil.elpais.com/brasil/2019/02/01/politica/1549050356_5206)

Mesas Simultâneas

SALA 2 | AMOR



## “O amor é uma pedra rindo ao sol”

Bartyra Ribeiro de Castro – EBP/AMP  
*bartyrardecastro@gmail.com*

Isto é uma metáfora!

É “uma definição incontestável do amor”<sup>1</sup>.

Esta afirmação de Lacan, no Seminário III, sobre a metáfora e sua representação sob formas absolutamente paradoxais coloca-a como expressão simbólica em que o significante e significado aparecem em sua dialética, na busca de um melhor contorno do real.

O amor faz um. Esta afirmativa não é uma metáfora nas psicoses. Essa loucura é possível, ao custo de o sujeito suprimir-se e colar-se ao Outro que ele julga amá-lo, podendo chegar a fazer-se objeto de seu gozo. Aí, não se instala a dimensão do desejo. “... para o psicótico uma relação amorosa

---

1 Lacan, J. *O Seminário – Livro III As Psicoses*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., p.258.



é possível abolindo-se como sujeito, enquanto ela admite uma heterogeneidade radical do Outro. Mas esse amor é também um amor morto<sup>2</sup>.”

Encontramos cinco formas com as quais Lacan representa a loucura e a articula ao amor, em seu ensino<sup>3</sup>:

Em *Formulações sobre a causalidade psíquica*<sup>4</sup>, difere loucura de psicose e diz que há loucura também na neurose. Uma loucura narcísica dada pelo apego ao objeto amado que promove uma exaltação ao narcisismo.

No Seminário I, o amor equivale à loucura por uma disputa entre o Eu e o Ideal do eu ocasionando uma loucura narcísica. Ele toma este ponto em *Psicologia das Massas*<sup>5</sup>, de Freud, onde o Eu está articulado ao Ideal do eu. Neste Seminário, elenca três características do enamoramento como loucura: o apego ao objeto, a exaltação ao narcisismo e o imediatismo.

No Seminário III, aproxima loucura e psicose e discorre, especialmente, sobre Schreber, seu delírio e sua entrega amorosa ao pai e suas representações, chegando a Deus.

No Seminário VI, comenta sobre Hamlet e aponta para a loucura fora da psicose. Ali, é tomada como o ponto em que o sujeito se perde de seu desejo e não se sustenta na fantasia.

No Seminário XXIII, afirma: “Para Joyce, só há uma mulher [...] é visível que apenas com a maior das depreciações é que ele faz de Nora uma mulher eleita. Não apenas é preciso que ela lhe caia como uma luva, mas que ela o cerre como uma luva<sup>6</sup>. Lacan ressalta que Nora é como a luva virada ao avesso (que coloca o botão para dentro), que lhe confere um corpo. E que tem com ela, uma relação sexual.

Segundo Lacan, tanto Joyce quanto Schreber tinham uma relação de amor morto e, assim, faziam a relação sexual existir com suas mulheres. Para Schreber, sua mulher era seu guia imaginário. Funcionava como regulador, como um elemento estabilizador da psicose. Há uma relação bastante próxima entre o derrame cerebral sofrido pela esposa de Schreber e sua terceira e última internação.

---

2 Idem, p. 287

3 Patrício Álvarez Bayon <https://www.youtube.com/watch?v=4EGehCyrVQ&t=4s>

4 Lacan, J. (1946/1998) **Formulações sobre a causalidade psíquica**, in *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar.

5 Freud, S., *Psicologia das massas e análise do eu*. Obras completas, volume 15

6 Lacan, J. **O Seminário, livro XXIII, O sinthoma, Joyce era louco?** Zahar, Rio de Janeiro, p.81/2.

Há outro tipo de amor nas psicoses – o amor louco. É o tipo de amor que Schreber tem por Deus – uma “erotomania divina”<sup>7</sup>. Um amor que faz borda ao furo deixado pelo desencadeamento construindo um delírio de ser amado pelo Outro, e o sujeito passa a ser seu objeto de gozo. A entrega de Schreber a este amor se agrava à medida em que a ausência da esposa se faz cotidiana – ela que passava horas junto a ele. “O prontuário hospitalar registra, quinze dias depois, que o paciente afirma ser uma mocinha assustada por ataques indecentes”<sup>8</sup>.

Jacques- Alain Miller esclarece que “o amor nas psicoses nos ensina sobre o amor em geral”<sup>9</sup>, pois é o tipo de amor “que melhor representa o sintoma que faz patente que se ama amar um Outro que não existe”<sup>10</sup>. Para ele, o amor na psicose se torna possível, uma vez que “não é mais um amor imaginário, mas real, e próprio a nos mostrar o real incluso no amor”<sup>11</sup>.

O amor nas psicoses não permite metáforas ou metonímias.

É uma pedra rindo ao sol.

---

7 Lacan, J. **O Seminário, livro III, As psicoses, O falo e o meteoro**, Zahar, Rio de Janeiro, p. 349.

8 Carone, M., **Da loucura de prestígio ao prestígio da Loucura**, in, Schreber, D.P., *Memórias de um doente dos nervos*, Edições Graal, Rio de Janeiro, 1984, p. 13.

9 Miller, J-A., *L'amour dans les psychoses*, Ed. Seuil, Paris, p. 8. Tradução livre para o português.

10 Idem, p.9.

11 Idem, p.9.

## O QUE HÁ DE LOUCURA NA DEVASTAÇÃO?<sup>1</sup>

Olenice Amorim  
olenice.psi@gmail.com

*Que loucura é essa?*

Por que elas voltam ao mesmo lugar? Elas, mulheres violentadas, uma, duas, três... “n” vezes... Qual é o ponto de basta?

Algumas são financeiramente independentes, e ainda assim, quando a dor passa, ela volta, e volta, e volta... E ainda, outra e mais uma vez, volta...

Recorri à arte cinematográfica em duas releituras contemporâneas: *Ofélia* (2018)<sup>2</sup> e *Blonde* (2022)<sup>3</sup>. O que estes filmes nos ensinam? O que *Ofélia* e *Blonde* apresentam em comum? O que as distingue?

*A devastação na arte*

Este amor sem fim, ao qual se refere a devastação, está presente em situações na nossa sociedade. Uma delas é a violência nas parcerias amorosas, nas quais vemos repetidamente pessoas degradadas, retornarem às situações de violência inúmeras vezes.

Ofélia e Blonde, ambas as personagens foram interpretadas com diferentes roteiros, contudo as duas narrativas aqui apresentadas são contadas a partir da perspectiva das protagonistas e incluindo suas trajetórias desde a infância. As mães das personagens comparecem pela ausência; ambas marcadas pelo abandono, mesmo que por motivos diferentes, filhas órfãs. A experiência de desamparo é apresentada em cenas dos dois filmes. Nas duas obras o endereçamento amoroso ao pior, à loucura comparecem, chegando à morte. Suas “madrastas” (funções maternas substitutas) também as abandonam em algum momento da obra.

Em Blonde, a mãe louca, devastada pelo amor dirigido a uma foto que cobre parcialmente as ranhuras na parede, é uma mãe excessiva, violenta, que evoca o pai (da menina) pela imagem, um ator de cinema famoso, sem nome. A ausência da mãe de Marilyn Monroe (Norma Jeane) se faz por sua loucura devastadora, sem qualquer recurso ao falo, ao nome, ao simbólico, à lei. As cenas de incêndios na película remetem à noção do termo devastação como ruína, estrago, uma ausência marcada pelos excessos da mulher na mãe, uma mulher sem limites.

Ofélia é uma releitura da tragédia Hamlet. O roteiro apresenta uma Ofélia diferente das anteriores, o apaixonamento errante por Hamlet visita uma loucura encenada, um suicídio dissimulado e a saída da devastação amorosa pela maternidade. Há, contudo ainda uma passagem em que ela, no alto das torres do castelo, quando acreditando morto o objeto de seu amor, endereça-se ao pior.

Em ambos os filmes a devastação está presente como amor infinito, como uma demanda insaciável, o que se vê na mãe de Norma, em Marilyn, em Ofélia, e na mãe de Hamlet.

Este amor sem fim algumas vezes é endereçado a um parceiro específico (como em Ofélia em sua parceria errante com Hamlet, ou como no caso da mãe de Norma). Em outras situações, ao longo de uma vida, como em Blonde, quando a personagem experiencia a devastação em sucessivas relações amorosas aos moldes da parceria amorosa inaugural com a mãe.

### *O que há de loucura na devastação?*

Devastação é uma noção cara à psicanálise de orientação lacaniana.

Na tentativa de estabelecer uma tradução para uma linguagem acessível, um amor, pois se há demanda (pedido) há amor, que se endereça ao insaciável, ao sem limite, à satisfação plena - ou seja, àquela satisfação que em vida, enquanto houver pulso, pulsação, pulsão - não existe. A satisfação plena e perene não existe na vida. Desde Freud, a satisfação é parcial, limitada, circunstancial e contingente, e a satisfação plena e perene estaria fadada à morte.

Assim, a devastação, esta demanda de amor exigente ao extremo, está destinada ao estrago, a aquilo que não cessa, sem ponto de basta, ao impossível, uma espécie de loucura, ou melhor, de enlouquecimento.

A devastação é também, por dedução, uma das maneiras de gozar na vida. O que nomeamos gozo Outro: uma maneira de obter satisfação pulsional que não passa pela castração, pelo limite. Um tipo de sacrifício destinado a um gozo ilimitado, sem nome, impossível de dizer.

Atenção: aqui a referência é distinta da psicose (ao que comumente a ciência define por doideira/ doido/ doida). Mas sim, refere-se a um amor que dói, doído, que causa sofrimento; um enlouquecer até às últimas consequências.

Fundamental é distinguir para que se evite confundir: Não são exemplos de psicose ou neurose. Não é à classificação nosológica ou ao diagnóstico que ao que se refere a devastação. Trata-se sim de uma atuação em momentos da vida, orientada para o gozo (pulsional) que se direciona ao pior. Um enlouquecer de amor ao infinito.

## REFERÊNCIAS

Texto produto do trabalho de cartel **O Mistério da Sexuação**. inscrito na Escola Brasileira de Psicanálise, Seção Leste-Oeste em 01/05/2022, cujos cartelizantes são: Claudia Pereira do Carmo Murta (Mais-Um), Carlos Alberto de Sá Barros Júnior, Maila Thaiane Reis Rocha Siqueira, Olenice Amorim Gonçalves, Rafaella Cunha Paulino Silva Pfrimer. <https://www.ebp.org.br/carteis-e-intercambios/catalogo-online/#>.

2 **Ophelia** (2018) filme de drama estadunidense de 2018 dirigido por Claire McCarthy, roteiro da californiana Semi Chellas, inspirado em Hamlet, de William Shakespeare e Ophelia, de Lisa Klein, lançado no Festival Sundance de Cinema em 22 de janeiro de 2018.

3 **Blonde** (2022) o filme é uma releitura ficcional biográfica estadunidense, com roteiro e direção de Andrew Dominik e baseado no romance de Joyce Carol Oates. Disponível na Netflix. Lançado em 28 de Setembro de 2022.

4 LACAN, Jacques, Outros Escritos, **O Aturdido** (1972), Rio de Janeiro, Zahar, 2003, p.456.

5 LACAN, Jacques. **O Seminário, livro 17: o avesso da psicanálise** (1969-1970), Rio de Janeiro, Zahar, 1992, p.118.

6 LACAN, Jacques, Outros Escritos, **O Aturdido** (1972), Rio de Janeiro, Zahar, 2003, p.456.

7 LACAN, Jacques. **O Seminário, livro 23: o sinthoma** (1975-1976), Rio de Janeiro, Zahar, 2007, p.98.

8 FREUD, Sigmund. **A pulsão e seus destinos** (1915), Belo Horizonte, Autêntica, 2013, p.6 e p.49.

9 LACAN, Jacques. **O Seminário, livro 20: mais, ainda**, (1972-1973) – 3.ed. – Rio de Janeiro: Zahar, 2008, p.45.

10 LACAN, Jacques. **A terceira** (1974). Opção Lacaniana N°62, p. 11- 36, São Paulo, 2011.

# COMO ENSINAR O QUE NÃO SE ENSINA? A TRANSFERÊNCIA DE TRABALHO

A TRANSFERÊNCIA DE TRABALHO ■

Regina Cheli Prati  
reginacheliprati@gmail.com

“O ensino da psicanálise só pode transmitir-se de um sujeito para outro pelas vias de uma transferência de trabalho” (LACAN, 1971/2003, p. 242)

É na Nota anexa ao Ato de Fundação da sua Escola que Lacan constitui a transferência de trabalho como a via pela qual a psicanálise pode ser transmitida. “Os ‘seminários’, inclusive nosso curso” diz ele, “não fundarão nada, se não re-meterem a essa transferência” (LACAN, 1971/2003, p. 242)

No final do capítulo VIII e nos capítulos IX e X do seminário *El banquete de los analistas*, Miller (2000) examina a tese da transferência de trabalho e esclarece que há duas vertentes no ensino da psicanálise: aquela que se pode chamar de iniciática, pois não é distinta das condições da expe-

riência onde o principal vetor é o amor ao saber, e aquela da transferência de trabalho que se funda na relação de um sujeito com o outro, mas que visa a indução ao trabalho pela via do desejo de saber.

Para compreender a diferença entre uma e outra julgo importante uma digressão até a transferência que é, para Freud (1917/1996), a transferência de sentimentos à pessoa do analista que podem se apresentar sob a forma de amor ou como hostilidade na transferência negativa.

Tanto Freud quanto Lacan concordam que no início da análise está a transferência e que ela é o principal motor do seu progresso. É o amor, diz Miller, “que põe o analisante para trabalhar. O amor se dirige ao saber e o resultado é um trabalho (o do analisante) que se faz sobre a égide do amor” (MILLER, 2000, p. 172). Ao analista cabe “autorizar, introduzir o trabalho e com esta garantia, esta autorização, esta presença, sustentar o ato analítico” (MILLER, 2000, P. 181). Assim, quando falamos da experiência analítica, trata-se da busca de um saber suposto, que ex-siste no inconsciente e que é subjetivado por meio do trabalho de transferência.

A transferência de trabalho é outra coisa. Ela diz respeito ao saber exposto, o saber que se constrói a partir do furo no saber – S(A/). Alvarenga, no texto *Ensino e Transferência de trabalho*, diz que “ao encontrar o Outro barrado, o sujeito toma a seu cargo o saber, que ele vai produzir no seu ensino, na supervisão etc. Não um saber suposto ao Outro, mas um saber que ele terá que produzir” (ALVARENGA, N° 335).

Esse saber produzido precisa da Escola para ser transmitido e a Escola precisa de trabalhadores decididos “que esperam de seu próprio trabalho as luzes que sentem lhes faltarem, a ele e aos outros” (MILLER, 1992, p. 4)<sup>8</sup>. Isso tem uma potência extraordinária, pois torna cada analista responsável pelo que ensina/aprendendo a partir da pesquisa e do trabalho e do que aprende/ensinando, não sem o outro.

Assim, a transferência de trabalho compõe uma das invenções de Lacan, consequência da “sua loucura”, marca da sua singularidade, cujo desejo era restaurar a lâmina cortante da verdade freudiana, reconduzindo sua práxis ao dever que lhe compete.

E diz Miller, “se a experiência analítica levanta as inibições, a primeira ou a última que deve levantar é precisamente a que detém o sujeito nos caminhos do saber, não do saber iniciático, mas do que se consegue pelo trabalho” (MILLER, 2000, p. 176). Dessa forma, o trabalho de transferência e a transferência de trabalho se vinculam na experiência e no ensino da psicanálise.

Além disso, a transferência de trabalho tem como finalidade dar lugar ao trabalho um a um. Em relação a isso, aponta Miller, “não se prescreve para o ensino da psicanálise uma finalidade de algo completo, de perfeição, de dar exemplo de um *eu sei tudo*, mas um objetivo inteiramente determinado de indução, o que significa dar lugar ao trabalho de outros” (MILLER, 2000, p. 182).

Para Lacan, lembra Miller, não basta transferir os resultados da psicanálise, é preciso transferir um estilo e esse estilo é o trabalho. Assim, a transferência de trabalho, visa “o surgimento de um conjunto que não deve nada ou que deve pouco ou o menos possível ao pai morto. O pai morto é o que está com os braços cruzados enquanto ao lado alguém trabalha” (MILLER, 2000, p. 156).

Enfim, um último apontamento de Miller, “aquele que não transfere em seu trabalho, que nada espera dele, é aquele que rouba, não cita nunca e opera com os restos do Outro com o qual se identifica” (2000, p. 4) exatamente o oposto do que propõe Lacan.

#### REFERÊNCIAS

- Alvarenga, E. **Ensino e Transferência de trabalho**. In: Um por Um: Boletim Eletrônico do Conselho Deliberativo da EBP. Nº 335. Disponível em: [https://www.ebp.org.br/1por1/335/um\\_por\\_um\\_335\\_ensino\\_e\\_transferencia\\_de\\_trabalho.html](https://www.ebp.org.br/1por1/335/um_por_um_335_ensino_e_transferencia_de_trabalho.html). Acesso em 14/08/2023.
- Freud, S. (1917). **Conferência XXVII: Transferência**. In: Obras Completas. Vol. XVI. (p. 433 – 448). Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- Lacan, J. (1971). **Nota Anexa**. In: **Outros Escritos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003. p. 242
- Miller, J-A. (1989-1990). **El Banquete de los analistas**. Buenos Aires: Paidós, 2000.
- Miller, J. A. (1992) **Observações sobre a travessia da transferência**. In: Opção Lacaniana: Jornal Brasileiro de Psicanálise. Ano zero, nº 3, inverno de 1992. p. 4.



## QUANDO O TODO PERVERSO FOI SOBREPUJADO PELA LOUCURA DA NÃO-TODA OU A HISTÓRIA DE UM CASAMENTO DA PERVERSÃO COM A PSICOSE

Adriano Moreira  
f.psi@hotmail.com

Sabemos que as parcerias são sintomáticas. Disso temos o exemplo clássico do casamento da histérica com o obsessivo. Hoje gostaria de chamar a atenção para uma parceria da perversão com a psicose. Se a perversão já é uma parceria devastadora para o neurótico que sofre o seu enlace, tão mais o é numa parceria com a psicose. A título de ilustração resgatamos a fala de Lacan a propósito do filme *O Império dos Sentidos*, de Nagisa Oshima, contida no seminário 23:

(...) vi um filme (...) escolhi algumas pessoas da minha Escola para assistirem a esse filme, e suponho que elas, assim como eu, ficaram embasbacadas. Foi esse o termo que me servi para dizer do efeito provocado em mim

pelo filme (...). Há uma barra que qualquer mulher pode saltar, é a barra entre o significante e o significado, como pôde lhes provar, espero, o filme a que fiz alusão a pouco.<sup>1</sup>

Lacan diz que o filme aborda o erotismo feminino, um erotismo levado ao extremo, ao extremo da fantasia de matar o homem. *O Império dos Sentidos* é um filme franco-japonês de 1976, do gênero drama erótico, um clássico, diga-se de passagem, e que conta a história real de uma ex-prostituta, Sada Abe (Eiko Matsuda), que se envolve em um caso de amor com o senhor da propriedade da qual ela é contratada como criada, Kichizo Ishiza (Tatsuya Fuji). O casal de amantes vive uma paixão levada ao extremo busca pelo gozo.

Sada mata Kichizo e logo após decepa seu órgão em uma tentativa de possuir o outro de tal forma que não possa dele separar-se. O que está em questão não é simplesmente a loucura de Sada, mas a loucura em sua relação com o outro sexo, na tentativa de fazer um. O que se vê é a impossibilidade de inscrever essa relação, o que não sendo possível no registro simbólico, ultrapassa o imaginário, realizando-se no real sem lei.

Gostaria de chamar atenção para o fato de que muitos comentadores do filme, inclusive Lacan, impressionados com a passagem ao ato de Sada, se esquecem da posição subjetiva de seu amante, Kichizo, que se coloca em uma posição perverso-masoquista, sendo o seu gozo tornar-se objeto de gozo de Sada, conforme nos mostra o matema da perversão:  $\$ < > a$ . Sada é tomada pelo fogo de sua loucura. Lacan se serviu do fogo para metaforizar o real no seminário 23: “De onde vem o fogo? O fogo é real. O real põe fogo em tudo. Mas é um fogo frio.”<sup>2</sup>. No filme o sexo está a todo momento do lado da morte, nos apresentando o gozo em seu estado mortífero puro. E o desejo é desejo de morte, desejo perverso, naquilo que perverte sempre o normativo.

As palavras de Sada quando de seu primeiro contato sexual com Kichizo, parecem pre-nunciar a tragédia que viria: “Vou ficar maluca!”. A loucura feminina. A loucura da não-toda, daquilo que escapa ao poder do falo, do que está fora da inscrição simbólica, da marca do significante. Um ciúme doentio está presente em Sada, que não é capaz de dividir seu homem com nenhuma outra, nem mesmo com a esposa dele e com a qual rivaliza. Ela não está disposta a deixá-lo, pois que delira com o um. Se o perverso é o mestre do gozo, é o masoquista quem está no controle, utilizando-se de seus encantos para que pareça o contrário, Kichizo diz: “Eu amo isto. Meu prazer é lhe dar prazer e obedecer aos seus desejos.” Adverte Lacan:

1 LACAN, Jacques. **O seminário, livro 23: o sinthoma**. Rio de Janeiro: Zahar, 2007, p. 122 e 123.

2 LACAN, Jacques. **O seminário, livro 23: o sinthoma**. Rio de Janeiro: Zahar, 2007, p. 117.

“Que o masoquista faça da voz do Outro, por si só, aquilo que dará a garantia de responder como um cão, isso é o essencial.”<sup>3</sup>

O falo que Sada não possui, o real que ela trazia em seu corpo como um buraco, foi preenchido pelo falo de seu amado, nem que fosse preciso cortá-lo para isso. O *todo* foi sobrepujado pela *não-toda*. Conta-se que Sada ficou vagando por Tóquio levando o falo do amado durante quatro dias e que, quando presa, tinha no semblante um sorriso incomum. Termino com as palavras de Lacan: “No final das contas, ele (o homem) faz amor com seu inconsciente, e mais nada.”<sup>4</sup>

---

3 LACAN, Jacques. **O seminário, livro 16: de um Outro ao outro**. Rio de Janeiro, Zahar, 2008, p. 249.

4 LACAN, Jacques. **O seminário, livro 23: o sinthoma**. Rio de Janeiro: Zahar, 2007, p. 123.

Mesas Simultâneas

SALA 3 | GOZO



## Clínica da decifração e clínica do gozo

*Luis Francisco Espíndola Camargo – EBP/AMP*

*E-mail: lfe.camargo@gmail.com*

Maleval (2022) destaca a orientação conclusiva de Lacan (1998, p. 590) ao fim do seu escrito sobre a direção do tratamento das psicoses: “usar a técnica que ele [Freud] instituiu fora da experiência a que ela se aplica é tão estúpido quanto esfalfar-se nos remos quando o barco está encalhado na areia”. Trata-se do método psicanalítico, cuja regra fundamental é a “associação livre” e cujo objetivo é percorrer a rede significativa em direção aos complexos de memórias patogênicas responsáveis pelo trauma de difícil aplicação no tratamento das psicoses.

Segundo Maleval (2022, p. 20), a psicanálise aplicada às psicoses não está voltada para o passado, nem para a decifração do inconsciente, mas para o apaziguamento do gozo desregulado, cujo objetivo não é a travessia do fantasma, nem a libertação de um significante-mestre, mas a invenção de uma suplência. Trata-se mais de um tratamento por meio de “conversações psicanalíticas” do que uma prática interpretativa. Essa orientação subverte a prática visando os

casos contemporâneos, entre eles um dos tipos que mais tenho dificuldade, aqueles em que observamos o transbordamento de um gozo excessivo que se realiza sobre o corpo, não-limitado pelo significante. Um dos fenômenos elementares frequente desses tipos de casos é a passagem ao ato como uma tentativa de interpretação do gozo em excesso proporcionando a sua localização por meio de uma extração do objeto *a*, geralmente sem sucesso.

É importante lembrar que Freud não apresentou somente uma teoria da clínica decorrente do sentido dos sintomas, da qual obtemos como modelo a decifração dos sonhos. Restava solucionar o impacto da linguagem sobre o corpo, o fator quantitativo pulsional do sintoma. A primeira teoria sobre as pulsões, encontrada nos *Três ensaios sobre a sexualidade* (1905) teve como objetivo demonstrar por meio de uma clínica das perversões os desvios dos modos normatizados das satisfações das pulsões, mas que não deixavam do mesmo modo de estarem regulados por um circuito pulsional, cuja extração do objeto *a* e a localização do gozo proporciona uma satisfação localizada, cujo paradigma é o fetichismo. Por outro lado, em “Análise finita e Infinita”, Freud reconhece que o mais difícil de solucionar na experiência da psicanálise está vinculado ao traumatismo das pulsões, o fator quantitativo pulsional.

O gozo, conceito estritamente lacaniano, é a satisfação de uma pulsão, cuja clínica consiste em um rearranjo dos modos específicos de satisfação, muitas vezes realizados por meio da decifração do sintoma. Essa é a clínica que tem como chave de decifração os significantes do sujeito, uma clínica do desejo e da fantasia. No entanto, cada vez mais nos confrontamos com casos articulados ao gozo opaco do sintoma, que não responde à decifração. Esses são os casos que exigem um outro manejo cujo paradigma é a clínica das psicoses ordinárias, casos em que identificamos uma relação do sintoma com o gozo do *Å*.

Nesse sentido, como pensar a regra fundamental na clínica do gozo opaco do sintoma, já que não há remissão por meio da metáfora? Poderíamos afirmar que toda tentativa de elocução de saber sobre o gozo opaco do sintoma é delirante?

Sobre a primeira questão, podemos afirmar que a clínica do gozo, decorrente do último ensino de Lacan, implica numa mudança de método, entretanto, preservando o seu objeto, o inconsciente pulsional. Dessa necessidade de mudança advém o termo “psicanálise aplicada ao tratamento das psicoses”, já que Freud nomeou sua invenção de “psicanálise” privilegiando o método sobre o objeto. A clínica do gozo implica numa mudança sobre o método. Modalidades de intervenção como o corte, a escanção, pontuação, o silêncio e outras formas diferentes da decifração são inevitáveis. A desarticulação da repetição do gozo opaco não se realiza pela decifração. Uma dessas modalidades de intervenção é o equívoco por meio da homofonia significativa, *i.e.*, pelo som, alternativa de tocar nas relações de vizinhanças entre

significantes visando proporcionar *ligamentos*, *desligamentos* e *religamentos* na estrutura borromeana, proporcionando um rearranjo dos modos de gozo. Isso implica em operar sobre a materialidade do significante, *grosso modo*, em tratar do real pelo imaginário, pela imagem acústica, a materialidade sonora. Tal clínica não teria como paradigma mais a arte da música do que a da literatura? A relação da escuta se volta não mais para o sentido, mas para a ressonância dos significantes.

#### REFERÊNCIAS

- LACAN, Jacques. **De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose.** In.: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, p. 537-590.
- MALEVAL, Jean-Claude. *Conversations psychanalytiques avec des psychotiques ordinaires et extraordinaires*. Toulouse : Éditions érès, 2022.
- BATISTA, Maria do Carmo Dias; LAIA, Sérgio (Orgs.). *A psicose ordinária*. Belo Horizonte: Scriptum, 2012.
- FREUD, Sigmund. **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade.** In.: FREUD, S. *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, Análise fragmentária de uma histeria ("O caso Dora") e outros textos (1901-1905)*. Obras completas, v. 6. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

## SOLUÇÕES ÀS DESMEDIDAS DO GOZO MELANCÓLICO

Adriana Gonring  
adrianagonring@gmail.com

Lacan, em R.S.I, nos diz que “é indispensável que o analista seja pelo menos dois, o analista para causar efeitos e o analista que teoriza esses efeitos”. Orientação que perpassa meu desejo de recolher o que ainda ressoa da análise de Sara. Sirvo-me também da bússola *Todo el mundo es loco, es decir, es delirante* (MILLER, 2015), para pensar que cada *parlêtre* tem que se virar com as reverberações do acontecimento traumático e inventar soluções diante das contingências que abalam suas amarrações. Para Sara, uma escolha forçada, ao perder seu canto. Ao sair do coral da escola, ela fica sem lugar e sem seu recurso sublimatório.

A exigência da mãe para concluir um curso, levou Sara a retomar sua análise na adolescência. Ela se analisou aos 5 anos, por um curto período. A abrupta ausência do pai, desencadeou a tristeza e a fala embolada. Aos 16 anos, surpreende por um posicionamento crítico/social, mas não conse-



gue fazer barreira à insaciabilidade materna associada à presença de um pai desvalorizado. Sua resposta, um constante adoecimento e baixo rendimento escolar. Mas, a fonte de sua angústia, era a presença maciça da mãe. Uma rígida normatização escolar, um lugar definido no coral e uma sintomática obsessiva, garantiram-lhe uma estabilização ao longo desses anos. Também, tamponaram, no primeiro ano de análise, sua melancolia. Miller observa que “a desordem na junção mais íntima do sentimento de vida se manifesta de maneira exemplar na identificação ao objeto *a* do sujeito melancólico” (MALEVAL, S., 2017, p.2). No pré-vestibular, revelou sua forma singular de ser capturada pelo gozo. Dormia uma semana, e na outra, com muito esforço, ia às aulas. Sua imagem foi abalada, deixando de ser estudiosa e comunicativa. A única frequência regular foi a análise, que aos poucos, possibilitou uma regularidade nos estudos.

Sara, em sua crítica à sociedade, escolheu Direito. Já na Universidade, em tempos bem difíceis, rondada pela pulsão de morte, me diz: “eu quero ficar no meu canto”. Pergunto-lhe sobre o coral. Ela, por aqueles dias, tentou se inserir. Sem poder se servir do cantar, ela enuncia a angústia com a falta de esvaziamento de gozo. Mais do que um empuxo ao isolamento, sua enunciação, referia-se à falta de seu recurso sublimatório. Heloísa Caldas, nos diz que “O melancólico parece ensinar, com a sublimação, como opera sua extração do objeto, no ponto em que para ele o luto comum do neurótico não funciona, e com isso consegue evitar, na medida do possível, o suicídio” (CALDAS, 2013, p.3). Na impossibilidade de cantar, o desejo de morte, presentificado pela ideiação suicida, foi sendo balizado, ao saber se servir do significante direito. Sua *vontade de apagamento*, um *se querer ser ninguém*, possibilitou elaborar, ao longo da análise, uma *superidentificação*, consistente em sua busca de igualdade e justiça e na prontidão para resolver questões de direitos humanos, na família (o direito à aposentadoria), no estágio acadêmico (o direito à saúde), na pesquisa acadêmica (os direitos dos refugiados)... Uma *superidentificação intercrítica* com os papéis sociais consiste na “captura no imaginário de uma série de traços – S', S", S"', ..., coleção de sentenças do superereu – dão uma coesão imaginária ao sujeito pré-melancólico” (BATISTA; LAIA, 2012, p.47), estabilizando-o. A identificação é com o ser literal do traço significante e não com a sua função de representação, ressaltam os autores. Trata-se de uma suplência que se situa na junção do real com o imaginário, impedindo que “o real arrase com o imaginário” (DAFUNCGIO, N., 2008). Pode-se inferir que Sara, foi restaurando o cataplasma imaginário (BATISTA; LAIA, 2012), abalado na passagem do ensino médio para o ensino superior, onde houve a soltura dos grampos, que faziam um ponto de basta ao transbordamento de gozo. Por isso, ela manifestou intensa angústia na possibilidade de ser jubilada do curso. Ela conseguiu reverter esse processo, mas propensa a não exercer a profissão.

Sara optou por não ser jubilada. Quis portar o significante direito como nomeação. Cada vez mais próxima de sua nomeação como Bacharel em Direito, recebeu tranquila minha mu-

dança de cidade. Fui me certificando de sua segurança nessa separação, o que me fez ler que em sua análise construiu um destino para transitar pelas desmedidas de seu gozo melancólico.

#### REFERÊNCIAS

BATISTA, Maria do Carmo Dias; LAIA, Sérgio. A melancolia. *In: A Psicose Ordinária - A convenção de Antibes*. BH: Scriptum, 2012.

CALDAS, Heloísa. Melancolia e sublimação – um corpo que cai. **Opção Lacaniana online**, n. 2, nov 2013.

DAFUNCHIO, Nieves. **Confines de las psicosis**. Ed. Del Bucle, 2008, p.71.

MALEVAL, Sophie Marret. A junção íntima do sentimento de vida. *In: Opção Lacaniana online*, n. 23, jul 2017.

MILLER, Jacques-Alain. Brújula de la última enseñanza. *In: Todo el mundo es loco*. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Ed. Paidós, 2015.

\*Sara, Nome fictício.

## QUE LOUCURA É ESSA, A VIOLÊNCIA?

Fernando Figueiredo dos Santos e Reis  
*reisffs@gmail.com*

Nos últimos 20 anos têm se tornado frequentes episódios de ataques a escolas, assim como os que aconteceram esse ano. E sempre surge na mídia, de maneira simplista, o argumento: “Não seriam loucos? Será que toda essa violência e barbárie não é fruto de alguma loucura?”. Se é loucura, que loucura é essa?

A violência, fenômeno amplamente pesquisado, não se deixa abranger por uma definição única, e está ligada ao que resta da fala, como lembra Romildo Barros. Com finalidades instrumentais, para leis e políticas públicas, pode-se considerar que violência é “o uso intencional da força ou do poder, real ou em ameaça, contra si próprio, contra outra pessoa, ou contra um grupo ou uma comunidade, que resulte ou tenha possibilidade de resultar em lesão, morte, dano psicológico, deficiência de desenvolvimento ou privação”. E em resposta à violência, geralmente têm-se mais violência, como a sociedade que se levanta exigindo as formas imaginárias do que seria um Pai resolutivo (militarização, religião, vigila e punição).

Apesar da aparente negação fundamental da civilização, onde a instituição que representa o campo do saber e da cultura é atravessada pela barbárie, é preciso lembrar que Freud nos demonstra, na carta a Einstein, que a civilização e o próprio laço social são constituídos pela violência. “Direito e violência são hoje opostos para nós. É fácil mostrar como um se desenvolveu do outro, e se remontarmos às primeiras origens e examinarmos como isso aconteceu na primeira vez, a solução do problema se nos apresenta sem esforço (...) a superação da violência através da transferência do poder a uma unidade maior, que é mantida coesa pelas ligações afetivas entre seus membros”.

Lacan, no texto *Função e Campo da Fala e da Linguagem* aponta como necessário à formação do psicanalista que este alcance em seu horizonte a subjetividade de sua época. Subjetividade tal que no Seminário 2 é entendida como “sistema organizado de símbolos que aspiram abranger a totalidade de uma experiência, animá-la, dar-lhe sentido”. Por isso, Ilka Ferrari nos chama a atenção ao sublinhar que “O contexto sócio-histórico faz com que a agressividade e/ou a violência tenham suas formas fenomênicas de expressão alteradas”. Ou seja, alguns fenômenos violentos são característicos de uma sociedade específica. Os ataques às escolas dão indícios da subjetividade de uma época de função paterna em declínio e imperativo de gozo pelo discurso capitalista, desorientando os sujeitos.

A violência, se tomada enquanto sintoma contemporâneo, carrega consigo o desnorreamento do sem sentido, que a torna indecifrável. Lacan, no Seminário 5, nos fala que “a violência é de fato o que há de essencial na agressão, pelo menos no plano humano. Não é a fala, é até exatamente o contrário. O que pode produzir-se numa relação inter-humana são a violência ou a fala. Se a violência distingue-se em sua essência da fala, pode colocar-se a questão de saber em que medida a violência como tal (...) pode ser recalcada, uma vez que postulamos como princípio que só pode ser recalcado, em princípio, aquilo que revela ter ingressado na estrutura da fala, isto é, a uma articulação significativa”.

Portanto, o fato de esses ataques se darem contra as escolas não é acaso. Isso evidencia a falha na instituição que seria a sede do recurso simbólico do campo do Outro, mas não consegue ser mais do que excesso de controle egóico por meio de uma lógica que Paulo Freire chamou de educação bancária. O simbólico, responsável por dar contorno ao real, demonstra ter falhado quando a escola é atacada, pois já não barra a angústia e sucumbi ao empuxo imaginário, que retorna como violência sem sentido. É importante marcar que o simbólico não é a palavra fria da data decorada ou do conceito estático derramado na prova, mas o encadeamento significativo e a possibilidade de produção e deslocamento de sentidos. Assim, a escola enquanto instituição reprodutora do caráter civilizatório, reproduz também a sua própria negação.

Chega-se, então, ao ponto em que a violência, apesar de ser o contrário da fala, é propagada pelo discurso corrente, como excesso de gozo, e entra no laço social típico de uma época em que os sintomas chamados de contemporâneos crescem assim como os discursos totalitários, fundamentalistas que negam a alteridade. Diante de tais tendências, é um perigo considerar que a loucura da epidemia violenta seria uma realidade distante que se atinge apenas sujeitos laudados pela psiquiatria, e fora do delírio da normalidade.

## REFERÊNCIA

- Romildo do Rêgo Barros. Opção Lacaniana Online, **A violência e seus limites**, Ano 5, n.13, mar 2014.
- Etienne G. Krug, et al. (eds.) **World report on violence and health**. Geneva: World Health Organization, 2002, p.05.
- Sigmund Freud. Cultura, sociedade, religião: O mal-estar na cultura e outros escritos. **Por que a guerra? Carta de Freud a Einstein**, Belo Horizonte, Ed. Autêntica, 2020, p.426.
- Jaques Lacan. Escritos, **Função e campo da fala e da linguagem**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1998
- Jacques Lacan. **O seminário: livro 2: o Eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise** (1954-1955). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2010.
- FERRARI, Ilka Franco. Agressividade e violência. **Psicol. clin.**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 2, p. 49-62, 2006.
- Jacques Lacan. **O seminário: livro 5: as formações do inconsciente** (1957-1958). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 1974.

## UBI INSANIA VIVIT! |

Waléria Paixão

A loucura foi marcada com um menos e, assim, os chamados loucos sofrem os visíveis efeitos da exclusão que provocam um não querer saber disso.

A psicanálise trata do gozo singular de cada ser falante e se interessa pelo modo que este estabelece seus laços sociais. No entanto, o psicanalista não se abstém de observar os fenômenos que ocorrem na civilização, numa leitura que não parte dos estudos da sociologia ou da antropologia, mas da experiência de sua própria prática. Ele deve estar atento ao que acontece ao seu redor, ressalta Lacan: “Que antes renuncie a isso, portanto, quem não conseguir alcançar em seu horizonte a subjetividade de sua época. Pois como poderia fazer de seu ser o eixo de tantas vidas quem nada soubesse da dialética que o compromete com essas vidas num movimento simbólico?”

Brodsky nos convida para pensarmos sobre a loucura de cada um: “Trata-se de um esforço para evidenciar a tensão existente entre o empuxo sanitarista, [...] o empuxo higienista do mundo contemporâneo que promove não apenas

a saúde, mas também a felicidade para todos.” Neste aspecto, as diferenças são excluídas, pois a demanda à perfeição e felicidade é imperativa e não leva em conta o modo de gozo de cada um. Falar sobre a loucura é abordar um mal-estar estrutural causado pelo sentimento de estranhamento do modo de gozo do Outro que o remete ao próprio modo de gozo.

O que Freud chamou de “estranho” ou, na tradução mais recente do termo, “infamiliar” se refere ao que está no exterior, mas que é o mais íntimo, a extimidade. Miller ressalta um ponto importante na relação entre o ódio pelo Outro e o ódio a si mesmo: “Se o problema tem aspecto de insolúvel, é porque o Outro é o Outro dentro de mim mesmo. A raiz do racismo, desta perspectiva, é o ódio ao próprio gozo. Não há outro mais que esse. Se o Outro está em meu interior em posição de extimidade, é também meu próprio ódio.”

Podemos dizer que esse ódio tem a mesma raiz do sentimento que segrega as pessoas com alguma “deficiência” nas escolas e no espaço social? Cremos que sim, a partir de nossa prática clínica, constatamos um movimento radical que visa a higienização da sociedade com tentativas de adaptar as pessoas a um tipo “certo” de ser, como se isso fosse possível.

#### *Uma breve vinheta*

Recebo uma criança “autista” de 9 anos, adotada pelos pais que a veem crescer com “distúrbios comportamentais” e acreditam que o diagnóstico melhora a tolerância social ao sintoma de agressividade do filho.

Quando recebo Carlos, ele se mostra carinhoso, inteligente e inquieto. Não se concentra, explora todos os objetos, até se deparar com os gibis da *Turma da Mônica Jovem*. Ele passa os olhos folheando o gibi e me diz que acabou de lê-lo. Eu o convido para o lermos juntos, o que ele aceita prontamente, e isso acalma sua agitação. Seguimos algumas sessões nesta leitura e ele me fala de suas “visões” (a partir da música *Queda* de Glória Groove) e de seus “monstros interiores” (expressão que encontra nos gibis).

No entanto, a agressividade na escola continua. Carlos já havia sido convidado a se retirar de algumas instituições escolares. A mãe se desespera e, numa das sessões em que o traz, entra com ele em minha sala e, ao lado dele, me diz transtornada que não aguenta mais. Carlos se lança para abraçá-la, promete mudanças, mas para isso precisa de mais tempo de trabalho em análise.

Na escola, a equipe pedagógica tem pressa em adaptá-lo ao comportamento ideal no padrão social e a coordenação exige uma avaliação neuropsicológica. O relato clínico que eu já havia feito não é considerado. A família decide, então, interromper a análise por não ter condições financeiras para pagar as sessões e as consultas do longo processo de avaliação.

Onde está a loucura? - é a pergunta que surge para mim. Preciso me situar diante da loucura de cada um: a da criança, a da família, a da escola e a minha, considerando que embora eu tenha uma direção de trabalho - o esvaziamento deste Outro consistente que o ameaça - e que posso contar com a transferência da criança, há a loucura da escola e o limite encontrado pelos pais.

#### REFERÊNCIAS

BRODSKY, G. A loucura nossa de cada dia. *Opção Lacaniana on line*, n.12, 2012.

FREUD, S. O mal-estar na cultura. *Cultura, sociedade, religião: O mal-estar na cultura e outros escritos*. BH: Autêntica, 2020.

LACAN, J. Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise. *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar. 1998. p.322.

MILLER, J-A. *Extimidad*. Buenos Aires: Paidós. 2010. P.55.



Mesas Simultâneas

## SALA 4 | HUMANIDADE ARTIFICIAL



## Em instantes, você será direcionado à sua sessão?

*Jaqueline Coelho- EBP/AMP  
jaquemoreira@hotmail.com*

O vídeo comemorativo aos 70 anos da Volkswagen no Brasil “reuniu” nossa memorável Elis Regina e sua filha, Maria Rita, em uma peça publicitária. Os recursos tecnológicos possibilitaram a utilização da imagem de Elis 41 anos depois de sua morte. A Volks, que tanto foi ovacionada como criticada pela iniciativa, objetivou comunicar o caráter de atemporalidade da marca. Sem sombra de dúvidas, ela tocou muitos aspectos além de sua simples permanência no decorrer de décadas e gerações. O comercial veio colocar ainda mais fogo ao tema da Inteligência Artificial. No Brasil, foi ele que cruzou a linha, dando o passo inicial à tantas vezes cogitada utilização da imagem de pessoas que já partiram e abrindo às questões pertinentes, que garantiram à empresa uma representação ética por parte do CONAR.

Entre as 80 profissões que se extinguirão a médio prazo, segundo o *Chat GPT*, figura a psicologia, cuja sobrevivên-

cia estaria resguardada por míseros 60 meses, ou 5 anos, para ser mais explícita. Iludir-se-ia quem acreditasse que essas previsões excluem a Psicanálise, justo ela que é sempre alvo de ataques de diversas frentes. Ao mesmo tempo, quando questionada sobre o tema da formação do analista, a Inteligência Artificial não parece sequer engatinhar, uma vez que aposta na perspectiva puramente teórica, obliterando completamente os aspectos da análise pessoal e da supervisão. Além do quê, tropeça em conceitos mais próprios à terapêutica e à autoajuda.

Dito isso, recorto da intervenção de Lacan sobre a “Transferência para Saint Dennis”: “Há quatro discursos. Cada um se toma pela verdade. Só o discurso analítico é exceção. [...] Esse discurso exclui a dominação [...] ele nada ensina. Ele não tem nada de universal: por isso mesmo não é matéria de ensino” (1978/2010, p. 31).

Miller (2015) desdobra essas assertivas em seu curso “Todo mundo es loco”. Nos interessa referir que, diferentemente dos Discursos Universitário, do Mestre e da Histórica, que se creem representantes d’A verdade, no Discurso Analítico (D.A.) tem-se a experiência de uma “verdade variável”, de modo que: a cada sessão sua verdade. É com base nesse entendimento da verdade como semblante que Lacan forja a ideia de “variedade”.

A noção d’A verdade se liga diretamente ao segundo elemento da construção. De acordo com Miller (2015), “um discurso é uma forma de dominação na medida em que organiza [...] um mundo” (p. 326). Contrariamente, o D.A. não o faz, uma vez que situa, no lugar de agente, o objeto *a*, esse elemento que sequer pertence ao registro do simbólico. O *a* “não é feito para dominar, comandar, submeter, mas para causar o desejo” (2022, p.12).

Miller (2015) ressalta ainda que Lacan estabelece uma equivalência entre a dominação e o ensino, resguardando o D.A. desses âmbitos justamente pelo fato de que, como citado acima: “ele não tem nada de universal”. Aqui, mais uma vez, nosso discurso se distancia dos outros três, que propõem um “para todo *x*”, um universal que poderia ser ensinado, valendo para todos. O D.A. é da ordem do caso a caso, do particular ou, ainda, do singular. Além disso, o autor agrega o fato de que o D.A. se orienta pelo não-todo, em vez de seguir-se pelo “para todos”. Mais tarde, Miller (2022) complementa que, não sendo para todos, o D.A. “é para o Um-sozinho” (p.12). Assim, o saber que se formula a partir de uma interpretação se desfaz mediante qualquer tentativa de universalização.

Nesse contexto, “a prática da psicanálise não se ensina, no máximo, ela é supervisionada, ocasionalmente, a cada vez e concernente a um caso singular, que não se deixa levar ao universal” (Miller, 2022, p. 13). Na mesma via, não seria desnecessário lembrarmos Lacan (1973), quando afirma: “nunca falei de formação analítica, falei de formações do inconsciente. Não há

formação analítica. Da análise se depreende uma experiência à qual é completamente equivocado qualificar como didática” (Lacan, 1973).

A despeito de tudo isso, Lacan (1978/2010) afirma que “ao se confrontar com seu impossível, a experiência de ensino se renova” (p.32) e lança a pergunta “Como fazer para se ensinar o que não se ensina?” (p.31).

Deixemos isso de lado, já que o que nos interessa, por ora, são justamente as complexidades implicadas nessa construção que exclui o D.A. da coparticipação entre a verdade, a dominação, o ensino e o universal, que constitui o Discurso do Mestre científico. Esse, aliado ao capital, ainda que não se saiba o que é o psicanalista, hoje o propala como substituível. Diante de tantas manobras meramente discursivas, pode a psicanálise ser extinta?

#### REFERÊNCIAS

LACAN, Jacques (1978). **Transferência para Saint Denis? Diário de Ornicar? Lacan a favor de Vincennes!** Em: Correio, São Paulo: Escola Brasileira de Psicanálise, n.65, 2010.

MILLER, Jacques-Alain. *Todo el mundo es loco*. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Paidós, 2015.

MILLER, Jacques-Alain. **Todo mundo é louco** – AMP 2024. Em: Opção Lacaniana, n. 85. (2022). São Paulo: Edições Eolia.

LACAN, Jacques (1973). **Sobre la experiencia del pase**. Disponível em: <http://elpsicoanalistalector.blogspot.com/2008/05/jacques-lacan-sobre-la-experiencia-del.html> Acessado em 30/07/2023.

## Blade Runner |

Tânia Mara Alves Prates

*tania.prates@uol.com.br*

Este filme trata de dilemas da humanidade: a relação dos humanos entre si e com as coisas, ser sujeito, ser objeto, o desejo e a relação com a Terra. A Terra foi destruída na Guerra Mundial Terminus e os humanos precisaram se deslocar para outros lugares com o trabalho escravo dos androides. Os replicantes - Nexus 6 - eram idênticos aos humanos em aparência e inteligência, porém superiores em força e agilidade. Não apresentavam a dilatação da pupila frente às emoções. Estavam sendo caçados, pela proibição de retornarem à Terra.

A androide Rachel Rosen - a mais perfeita Nexus 6 - desconhecia sua condição de identidade e quase passou no teste. Seu criador lhe deu um passado e memórias para suas emoções. Apareceu o horror ao descobrir que não era humana. Ela argumentou: - "O que fazer com minhas lembranças?" Estas eram implantes. - "Em cima deles eu construí minhas memórias".

Ridley Scott dedicou o filme a Philip Dick, que escreveu o conto que lhe deu origem. A replicante Pris esclareceu: -

“Nós não somos máquinas. Nós temos um corpo. Eu penso, logo existo”. O replicante Roy Baty chorou ao morrer dizendo: - “Tenho visto coisas que vocês não imaginariam. Naves de ataque ardendo no cinturão de Órion. Vi raios gama brilharem na escuridão, próximo ao portão de Tannhäuser. Todos esses momentos se perderam no tempo como lágrimas na chuva. Hora de morrer.” Esta fala demonstra a ambição de humanidade do androide.

Sobre o caçador de androides, Rick Deckard, há dúvidas de sua identidade. Ele mostrou um retrato de sua mãe, mas era uma foto da mãe de Freud. No final do filme ele fugiu com Rachel. O personagem Gaff declarou: “É uma pena que ela não vai viver. Mas afinal, quem vive”?

Para Oliveira (2011), “em Blade Runner, deparamo-nos com a impossibilidade de uma identidade original ‘natural’. O filme põe em crise a noção de que o original seria melhor que as cópias. No horizonte da trama está a certeza de que, independente de como nascemos, são nossos atos e desejos que nos tornam humanos. No filme somos surpreendidos com a revelação de que essas cópias apresentam desejos humanos: querem encontrar o criador para receber dele o sentido de sua existência”.

Quando é que se sai do real? Quando o falasser se torna um sujeito?

Para Freud a nossa atividade psíquica parte de estímulos internos ou externos. Em nosso aparelho psíquico permanece um traço das percepções que incidem sobre ele - representante das representações - os traços mnêmicos e a função da memória. A memória facilita a associação entre os estímulos criando um caminho de conhecimento além da informação. O que descrevemos como caráter baseia-se nas impressões que nos causaram maior efeito - as de nossa primeira infância. Estas são as ficções criadas pelo sujeito que passa a se reconhecer através delas. Para Harari “esta capacidade de falar sobre ficções é a característica mais singular da linguagem dos sapiens”.

Lacan propõe a criação de um sujeito. A identificação fundamental está sustentada pelo significante S1. O significante traz, aparelhado a ele, um vazio, introduz a falta. (Miller, 1999). Lacan pergunta: como entra o organismo na dialética do sujeito? Ele se divide, por um lado se torna corpo significante, por outro fica a parte do organismo que não se transforma em corpo e adquire um estatuto fora do corpo. Miller sinaliza os três modos de identificação propostos por Lacan: identificação ao pai, histórica, ao traço unário (Sq).

“Quando o esp de um laps já não tem nenhum impacto de sentido ou interpretação, só então temos certeza de estar no inconsciente... Não há verdade que, ao passar pela atenção não minta. O que não impede que se corra atrás dela. Há certa maneira de equilibrar estem-brulhada que é satisfatória por razões outras que não as formais. Como satisfação, ela só é

atingida no uso de um particular, que chamamos de psicanálise analisante... Fato de realidade humana, o que o homem chama de realidade". (Lacan, 2003).

#### Referências

- DICK, P **Androides sonham com ovelhas elétricas?** São Paulo: Aleph, 2019.
- FREUD, **Obras completas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- HARARI, Y. **Sapiens**. Porto Alegre: L&PM, 2017.
- LACAN, J. **Outros Escritos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.
- \_\_\_\_. **Seminário 23**. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.
- MILLER, J. A. **Los signos del goce**. Buenos Aires: Paidós, 1999.
- \_\_\_\_. **Perspectivas do Seminário 23**. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.
- OLIVEIRA, A. **A irrealidade no cinema contemporâneo**. Cruz das Almas: EFRB, 2011.

## NEM INTELIGENTE, NEM ARTIFICIAL? QUE LOUCURA É ESSA?

Juliana Aguiar de Melo Prado

*julianamelo.psi@hotmail.com*

A psicanálise nasceu fazendo furos no saber científico, como prática e investigação. Insere uma questão importante para esse discurso com a instauração de um discurso próprio, operante, acrescentando um saber ainda não sabido e que nunca se fecha. Inaugura uma investigação da concepção do sujeito com sua própria fala, e revela uma inconsciente que é estruturado como uma linguagem.

Atualmente, estamos diante de um novo cenário, um contemporâneo que oferta a fala processada, algorítmica, que loucura é essa? As inteligências artificiais que desempenham constantemente um registro de nossas atividades em alguma nuvem digital é uma forma de apropriação massiva da cultura, da memória e da subjetividade humanas? E, ainda, pode ser usada como uma tentativa de aplacar o real? Todo avanço cibernético e tecnológico nos convida, enquanto analistas de nosso tempo, a refletir de forma advertida



sobre novas formas de compreensão dos fenômenos sociais, seus impactos nos sujeitos, as implicações de seus efeitos na gramática discursiva e em novas formas de mal-estar, trazendo consequências sobre a clínica.

Segundo Miller (2011) estamos desbussolados desde que inventamos a bússola e, desde que saímos de uma sociedade agrícola para uma sociedade predominantemente industrial, o desamparo humano radicalizou-se. As IAs como grande triunfo científico do contemporâneo promovem um mundo sem limites, onde não há proibições e pode-se espantar o desamparo do equívoco da linguagem. Em uma conversa com um chatbolt, sempre hiperdisponível, aparentemente pode-se saber tudo, escrever tudo, ter todo tipo de dissertação e escrita possível, e até mesmo diagnósticos, achatando, assim, o espaço da criação, da invenção, e dos furos do saber.

Lacan (1954), em seu texto ‘Psicanálise e cibernética, ou da natureza da linguagem’, diz que “a cibernética é um campo com fronteiras extremamente indeterminadas. Achar sua unidade força-nos a percorrer com os olhos esferas de racionalização dispersadas, que vão da política, da teoria dos jogos, às teorias de comunicação, e até mesmo a certas definições da noção de informação”. Com pensamento bem à frente do seu tempo já investiu esforços na compreensão da cibernética articulando-a à psicanálise, aproximando a estruturação da linguagem à linguagem matemática dos dispositivos cibernéticos, pelo método de recursão, ou seja, a de um processo que é definido a partir de si próprio, envolvendo sua repetição completa.

A recente pesquisa de Gilson Ianinni (2023) juntamente com a UFMG, chamada Sonhos Artificiais, relata sobre a experiência de fazer as máquinas aprenderem a sonhar. Milhares de sonhos são apresentados às máquinas que, posteriormente, passam a produzir relatos de sonhos cujas características não nos possibilitam distingui-los de sonhos humanos reais.

As IAs funcionam replicando, compilando e mimetizando linguagens ofertadas pelos seres humanos. O que me traz a pergunta, as inteligências artificiais são inteligentes, e são artificiais?

O uso das IAs aventa questões que inquietam estudiosos de diversas áreas, e, apesar de as avaliações e perspectivas de riscos futuros não nos apresentarem o rumo mais interessante, enquanto psicanalistas, penso ser de valia fazê-las ressoar: a linguagem dos chatbolts poderá ser a linguagem da geração alfa? Corremos o risco de fazer inexistir a relação do sujeito com a linguagem que passa pelo Outro do Outro – que passaria a existir? Só teremos a capacidade de verificação e validação do que lemos e vimos cotidianamente se estivermos

presentes em tempo real? O que distinguiria então essas máquinas de sujeitos, uma vez que estas replicam até construções oníricas de um sujeito, das fantasias subjetivas às quais dedicamos anos em análise?

A linguagem é tomada enquanto artifício que determina o ser falante para além de sua condição biológica. Ao passo que falamos somos também marcados pelo significante.

#### Referências bibliográficas

Iannini, G. (2023). Freud no século XXI. Minas Gerais: Editora Autêntica.

Lacan, J. (1954/1955). O seminário, livro 2: o eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise. São Paulo: Zahar.

LACAN, J. (1975). Conferência de Genebra sobre o sintoma. Opção Lacaniana, São Paulo, n. 23, p. 6-16, 1998.

Miller, J.-A. (2011). Perspectivas dos escritos e outros escritos de Lacan. Rio de Janeiro: Zahar.

Miller, J.-A. (2007) Sobre o sujeito Suposto saber e o objeto a. In: Correio N°59. Escola Brasileira de Psicanálise, São Paulo.

## UMA HIPNÓTICA SATISFAÇÃO: A LOUCURA DO GOZO DO IDIOTA

Henrique Alves Lopes  
*henriqueal4@hotmail.com*

O quarto é individual  
é um mundo, quarto catedral  
onde, nos intervalos da angústia,  
se colhe, de um áspero caule,  
na palma da mão,  
a rosa branca do desespero

Raduan Nassar

Ao passo que proliferam ambientes para a conhecida “pegação” entre homens não existem saunas lésbicas. A que se deve tal diferença? Conforme Leguil (2016), entre a perspectiva naturalista que recusa interrogar o gênero reduzindo-o ao sexo biológico e a perspectiva culturalista que o toma como norma imposta por meio de modelos indetificatórios, a psicanálise aponta à uma terceira via.

Não se trata, pois, para o psicanalista, de mera psicologia dos gêneros, mas de como a incidência da linguagem ao tomar a distinção imaginária dos corpos faz prevalecer em certos seres mais que outros, o parasitismo do falo. Esse significante que empurra, predominantemente homens, especialmente os gays, a este modo muito particular de loucura no ato sexual, marcado pela compulsão, a urgência e o anonimato.

“Quando estou online no *app* é porque eu quero agora” diz um sujeito ao explicar que não marca transas “pra mais tarde”. “A fim de mamar”, com este *nickname* outro sujeito se dispõe ao ato no carro ou na escadaria do prédio. Outro se denomina “depósito de porra” e contabiliza a quantidade de caras que deixou que gozassem dentro dele no parque.

Apreende-se no uso do Grindr, *app* voltado para o público gay, a vertente do gozo dito masculino que sustenta o fantasma. Mas me interessa destacar aqui, mais que a perversão do macho, sua solidão. Menos a relação do sujeito com o pequeno *a* de sua fantasia, mais sua relação com o  $\Phi$ , designado por Lacan (2008) como “o significante que não tem significado” e que “suporta, no homem, o gozo do idiota” (pg.109).

Do grego, idiota é um termo que designa quem se desinteressa dos assuntos públicos ocupando-se somente de seus interesses privados. Por isso, Freud (2006) aponta a masturbação como matriz de todos os vícios e Lacan (2008) a alça ao paradigma deste gozo idiota. Temos aí, conforme “o infinito que corresponde ao gozo fálico” (FRACCHIA, 2022, pg.19) ao que Barros (2020) completa “mais um... e assim sucessivamente, de modo quase automático e com voracidade crescente. Muitas vezes é o corpo, já no limite do mal-estar e da dor, que põe o limite” (pg.29)

Assim, um sujeito que se queixava de seu “comportamento celibatário” ancorado na identificação ao falo imaginário do Outro materno, ao atravessar uma dimensão de tal identificação, num determinado encontro sexual e contingente, vê romper-se um gozo, que relata como “uma experiência inédita de vivificação” seguido de uma série metonímica de outros encontros, viabilizados pelo Grindr, banhados em uma angústia que se intensifica acompanhada do relato de sentir-se “completamente à deriva”.

Voltar à inibição sexual não era uma opção, de maneira que em análise se questiona qual caminho trilhar além do celibato ou da promiscuidade, uma vez que em ambos se trata de uma via moral. Seja pela subserviência ao ideal do Outro, seja por colocar-se em risco para desafiar seu olhar. De maneira que o que se desvela, é que ao contrário do que dizia, sobre estar à deriva, encontrava-se uma vez mais parasitado pelo falo. Dessa vez não em sua dimensão imaginária cujo corpo estaria à serviço do Outro materno, mas em sua dimensão

simbólico-real, cujo um repetitivo, o deixava na situação “daquele que quer sair do pântano, mas se afunda cada vez mais em cada nova tentativa de fuga”. (BARROS, pg. 23)

Dessa maneira, se debate em análise às voltas com um gozo que se por um lado desperta pelo real nele implicado, por outro enclausura numa sonolência mortífera em decorrência de seu automatismo. É assim que aos poucos a novidade do estalido do disparo que faz romper a ordem, aos poucos se vê submergida na monotonia de uma canção com uma nota só. É a música do supereu que cantarola silenciosa: “goza!” e empurra ao pior.

Nada requer mais que algo lhe diga não que à função fálica. No entanto, que “não” efetivamente barraria Isso que irrompe e arrasta os corpos a baterem em outros corpos, dispararem fogo e insultos, golpearem a si mesmos no trânsito e nos esportes, sempre animados pelo afã de transgredir um limite ao desafiar um Outro absoluto que por fim é a própria morte?

Se tal gozo rechaça o amor e o trabalho, o esboço de uma saída parece se encontrar no consentimento em perder algo dele. Uma vez que a psicoeducação das pulsões não é possível, e o impossível do gozo acossa sempre o falante, a análise se mostra novamente como uma terceira margem fraturando uma via possível por meio da qual possa quem sabe, fluir, um desejo que certamente não será puro, mas poderá, se fazer ético e decidido.

#### REFERÊNCIAS

- BARROS, Marcelo. *Lá condición perversa. El goce del idiota*. Buenos Aires: Grama Ediciones, 2020, pg. 09-39.
- FRACCHIA, P. *Ojalá se nos escape La tortuga...* Em Resonancias, revista de psicoanálisis del Nuevo Cuyo nº 7, Buenos Aires: Grama ediciones, 2022.
- FREUD, S. Carta 79. Em *Edição Standard das Obras psicológicas completas de Sigmund Freud, Vol. I* (pp.323). Rio de Janeiro: Imago, 2006.
- LACAN, Jacques, *O seminário, livro 20: mais ainda* (1972-1973). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2008.
- LEGUIL, Clotilde. *O ser e o gênero: homem/mulher depois de Lacan*. Belo Horizonte: EBP Editora, 2016

Mesas Simultâneas

## SALA 5 | VOCIFERAÇÃO



## Cada *um* em seu mundo

Renato Carlos Vieira – EBP/AMP  
*rcvie@hotmail.com*

Eis aí um paradoxo sustentado em conexão com “todo mundo é louco, isto é, delirante”. De um lado, temos uma perspectiva que aponta para um universal: “todo mundo”. Por outro, a perspectiva que conduz ao não-todo e ao singular de cada falasser.

O discurso analítico barra as pretensões da normalização para *todo* x. Ele pressupõe a dimensão de variedades de verdades. Mas, a civilização sonha de olhos bem abertos com uma verdade para todos.

Nos tempos que correm, onde predomina a diversidade, tudo indica que o objeto *a* chegou ao zênite do laço social e cada indivíduo reivindica o direito de reconhecimento de seu modo de gozar. Tudo isso parece uma loucura generalizada.

Todo mundo é louco e sonha. Uns sonham com a lógica universal e nada querem saber sobre o singular. Outros, com seus devaneios, defendem o valor da loucura para civilização.

Erasmus de Rotterdam vivifica a loucura e descarta suas características negativas e indesejadas. A loucura faz elogios a si mesma em um texto crítico ao modo de pensar que localiza a posição do homem à serviço da razão.

“[...] uma mulher é sempre mulher, isto é, sempre louca, ainda que se esforce por disfarçá-lo. Não creio que as mulheres sejam tão loucas a ponto de se zangarem com o que digo aqui. Sou do sexo dela, sou a Loucura; provar que são loucas não é o maior elogio que se pode fazer delas? De fato, considerando bem as coisas, não é a essa Loucura que elas devem agradecer por serem infinitamente mais felizes que os homens?”

Portanto, só as não-todas são felizes. Com efeito, a partir do elogio da loucura, Lacan vai dizer: *‘Eu a verdade, falo’*.

Freud fez a verdade falar. No modo analítico, a verdade é parente do gozo “[...] a verdade é uma transformação do gozo e ... gozo, verdade e loucura são três nomes para serem colocados no lugar de *Mais-Ninguém*”.

Logo, *“todo mundo é louco, isto é, delirante”* é um dos paradoxos de Lacan. É uma bússola, porém não é uma orientação para organizar um mundo para todos.

Lacan proferiu esse aforismo do lugar de *Mais-Ninguém*. Trata-se de um lugar onde a voz deve pagar sua cota para se sustentar. A frase tem um estilo de evocação. Sendo assim, ela se diferencia do matema.

“[...] O que uma análise ensina não se adquire por nenhuma outra via ... por mais particular que seja para cada um, não haveria meio de ensiná-lo, de ao menos transmitir seus princípios e algumas de suas consequências?”

O saber da experiência analítica advém do um a um. Portanto, não há matema capaz de transmitir o saber de uma experiência analítica como um manual para todos. É impossível transformar o saber extraído de uma análise em um saber universal capaz de representar o que se passa em uma análise.

Contudo, persistimos na busca de extrair do vazio um saber. Algo equivalente a um delírio que possibilite um reencontro com um real sem lei. Com efeito, para ensinar o que não se ensina é preciso sustentar e não resolver os paradoxos da psicanálise.



Lacan acentuou o peso da voz. Ele vociferou do lugar de *Mais-Ninguém* para presentificar a dimensão do objeto *a* como voz e não como um semblante qualquer: “a voz vai mais longe do que o objeto *a*”. A vociferação não é um enunciado, tampouco é uma proposição. Seu ponto de emissão vem do lugar de onde advirá o sujeito barrado. Portanto, ela é “uma entonação da relação natal do sujeito a advir com o gozo.

Pelo acontecimento de que algo fortuito que se instalou no “círculo queimado na mata das pulsões” o sujeito é feliz na repetição (tiquê). Com efeito, a partir daí, opera-se um corte que leva o falasser a sair da tentação do *para todo x* e o conduz a um eventual reencontro de sua relação natal com o gozo. Isso constitui uma modalidade de loucura *não-toda* submetida às psicopatologias da vida cotidiana.

Portanto, ensinar o que não se ensina é caminhar pelas veredas de uma experiência analítica para seguir com o esforço de tratar o impossível de dizer o necessário a partir do contingente.

#### REFERÊNCIAS

- ERASMO, D. *Elogio da loucura*, Porto Alegre: L&PM, 2003, p.29
- MILLER, J.-A. *Todo el mundo es loco*, Buenos Aires: Paidós, 2015, p. 331.
- MILLER, J.-A. *Todo el mundo es loco*, Buenos Aires: Paidós, 2015, p. 343.
- MILLER, J.-A. *Uma fantasia*. In. *Opção Lacaniana* nº 42, São Paulo: Éolia, 2005, p. 7.

## QUE LOUCURA É ESSA? |

Gabriel Caixeta  
gjb.caixeta@gmail.com

O feminino traz a marca de uma ausência, e isso a impele a ir sempre muito longe, sem o reconhecimento da justa medida<sup>1</sup>. Isso se mostra nos casos em que o caminho do sujeito se orienta pela vertente do mais, onde o positivo aparece como o oposto do menos, pelo excesso. Temos, a exemplo, a mulher rica, a versão da excelência da feminilidade que ocasionalmente é a mulher rica demais, poderosa demais inflexível<sup>2</sup>. O excesso aparece aí para marcar que os semblantes sempre fracassam.

T. mulher de família humilde, traz o menos como marca indelével. Chega perdida, conduzida pelo ilimitado manifestado por seus excessos que aparece no campo profissional – no qual tem sucesso, mas nunca o suficiente – e também, na maternidade e parcerias amorosas, onde endereça uma demanda ilimitada de amor. Diante de qualquer resposta, dúvida – não há basta. Nas relações amorosas sente-se embaraçada, diz que fica louca, *“Nunca sei se ele realmente quer construir um futuro, ele fala brincando, fico sempre em dúvida”* Lacan<sup>3</sup> nos diz que a condição de amor no feminino é eroto-

maniaco, isso porque ele se orienta pelo ilimitado exigindo que seu parceiro assuma o lugar de um “homem-bussola”<sup>4</sup>, o que no caso de T, é sempre uma busca fracassada.

No romance familiar, se divide. Para a mãe é a filha *“Que fica balançando os braços, implorando por atenção”, “espremida”* entre um irmão esquizofrênico e uma irmã depressiva. O que lhe resta é o imperativo materno *“você sabe se virar”*. Para o pai, a *“criticada”*, pois, *“nada estava do seu agrado, era só críticas”*. Como solução identifica-se com a tia *“mulher forte, descolada, rica e poderosa”*, uma saída para seu lugar degradado. T, vai na vida construindo os semblantes positivos que fariam dela *“uma mulher dona de si”*, sem perceber que o que encontra é a via do mais-de-gozar. Não há limites, não há ponto de basta que marque para ela o *“aqui está bom”*.

Os homens de sua vida, fazem uma série paterna. Homens nos quais se endereça, seja pela via da oferta ou da adequação, buscando o dizer que a aloje no desejo do Outro, mas o que encontra é sempre o mesmo *“Ele não me ama”*. Como você sabe, pergunta o analista? *“Sempre me critica, diz que sou exagerada, não demonstra como eu gostaria. Eu fico louca”*.

O analista põe em evidência, destaca, o significante privilegiado na forma de dizer dos impasses amorosos *“Que loucura é essa?”* interroga o analista, *“Ai é que tá, eu não sei, mas acho que é a loucura de uma mulher insegura que precisa dos aplausos para viver”*. O analista corta a sessão, com o dizer *“É, isso é realmente uma loucura! Até quinta”*. Corte que provoca riso e uma nova demanda *“É assim, vai me deixar com essa?”*, um novo corte *“Sim, te deixo com essa loucura, veremos o que faz com isso”*.

A intervenção possibilitou que T. voltasse, e dissesse de seu modo “louco” de operar, e da quantidade de problemas que tinha para lidar, o que a deixava louca. Passa a dizer da série de problemas dos filhos, do namorado etc., O analista interrompe, *“Tá, eu já ouvi o problema deles, mas e os seus?”*. Pega de surpresa ela ri, e diz *“Não sei dizer, eu deixo tudo de lado por conta do outro”*. *“SE deixar de lado! É isso então, você se faz ficar de lado, espremida”*.

É interessante apontar que T, seja no amor, na maternidade ou no trabalho, sempre operava com a irracionalidade. Seus medos, suas demandas exageradas, suas preocupações que geram em sua fantasia, verdadeira catástrofe, orientam sua vida deixando-a com a sensação de sempre estar correndo risco – risco de perder aquilo no qual não poderia encontrar nenhuma garantia – o amor e o desejo do Outro.

Na experiência de análise, sob transferência, passa a fazer do analista, o analista-bussola. Não a bussola que ela espera do parceiro do amor, mas uma bussola que aponta um ponto de basta. O corte, *“por hoje é só”, “Ficamos por aqui”*, mais do que a interrupção da sessão, produz efeitos de interpretação, dos quais se serve como um ponto de basta para o sem limites. Isso

permite que T, entre transbordamento e limite, possa produzir algum saber sobre sua “loucura irracional”, e por fim, passar quem sabe, do homem-bussola, ao desejo-bussola, tendo o analista-bussola como intermediário.

#### REFERÊNCIAS

LACAN, J. (1972-1973). **O seminário, livro 20: mais, ainda**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

MILLER, J-A. Clique: **Revista dos Institutos Brasileiros de Psicanálise do Campo Freudiano – O sexo e seus furos, “Uma partilha sexual”**. Belo Horizonte: Instituto de Psicanálise e Saúde Mental de Minas Gerais, 1998/2003.

MILLER, J-A. Clique: **Revista dos Institutos Brasileiros de Psicanálise do Campo Freudiano – O sexo e seus furos, “Uma partilha sexual”**. Belo Horizonte: Instituto de Psicanálise e Saúde Mental de Minas Gerais, 1998/2003, p.16.

MILLER, J-A. Clique: **Revista dos Institutos Brasileiros de Psicanálise do Campo Freudiano – O sexo e seus furos, “Uma partilha sexual”**. Belo Horizonte: Instituto de Psicanálise e Saúde Mental de Minas Gerais, 1998/2003.

## POLÍTICA E RELIGIÃO |

Isangela Lins Almeida  
[isangela.lins@hotmail.com](mailto:isangela.lins@hotmail.com)

Numa jornada de aproximadamente 70 dias, cerca de cinco mil cidadãos acamparam em frente a quartéis do exército em diversas cidades do país. No dia 8 de janeiro de 2023, algumas centenas de pessoas saíram desses acampamentos em ônibus se direcionando a capital do Brasil, Brasília, e protagonizaram uma invasão ao Congresso Nacional, ao Palácio do Planalto e ao Supremo Tribunal Federal. Homens e mulheres, que se autodenominavam defensores de “Deus, pátria e família”, manifestaram sua insatisfação com o resultado democrático das eleições, que trouxe de volta à presidência da República um líder de esquerda. Nessas ações, registradas pelos jornais e por filmagens de celulares, os manifestantes causaram danos aos prédios públicos e exigiram a anulação das eleições, clamando por uma intervenção militar. Que loucura é essa?

Vimos uma onda crescente de conservadorismo e religião dominar o discurso político, colocando em pauta a cor de roupa apropriada a cada gênero, a importância do armamento civil, a cultura sendo atacada, a distribuição da es-

pécie humana em subgrupos, o meio ambiente sendo devastado e, em plena pandemia, a desvalia da ciência e da própria vida humana. Políticos de direita, a bancada da bala, a bancada evangélica dão voz a milhões de brasileiros que aguardavam um líder que lhes permitisse trazer à tona toda agressividade reprimida. A política e a religião dão as mãos e o discurso de ódio aos que não seguem a norma por eles estabelecida passa então a ser “cortesias da casa”.

Pensando no desenvolvimento das civilizações vemos que isso não é novidade. Revisitando Freud em “O Futuro de uma Ilusão”, 1927, vemos uma construção sobre a necessidade da civilização humana em saber sobre seu passado, presente e futuro. Diz que as pessoas enfrentam seu presente de uma forma ingênua e que a civilização tem que ser defendida contra o indivíduo, pois os homens têm tendências destrutivas. Ressalta que as massas são preguiçosas e pouco inteligentes, que necessitam de um líder que as induza a fazer o trabalho e suportar as renúncias de que a existência depende.

A tarefa da civilização consiste em trabalhar constantemente numa renúncia ao instinto, para isso, há a necessidade de recompensar os homens pelo seu sacrifício. A frustração, a proibição e a privação são passos do estabelecimento da civilização. *“Tal como para a humanidade em geral, também para o indivíduo a vida é difícil de suportar.”* (FREUD, 1927, p. 25)

Para suportar essas frustrações e frente ao desamparo infantil a religião faz crer na recompensa divina. *“A origem psíquica das ideias religiosas – são ilusões, realizações dos mais antigos, fortes e prementes desejos da humanidade. O segredo de sua força reside na força desses desejos. O que é característico das ilusões é o fato de derivarem de desejos humanos.”* (FREUD, 1927, p. 39). Essa crença de ilusão despreza sua relação com a realidade, não havendo valor de verificação. *“Credo quia absurdum – Sustenta que as doutrinas religiosas estão fora da jurisdição da razão – acima dela. Sua verdade deve ser sentida interiormente e não precisam ser compreendidas”* (FREUD, 1927, p. 37)

O discurso produzido nos últimos anos de terror as diferenças facilitam a manipulação da população que crê no poder do seu líder. Achille Mbembe escreve em seu ensaio Necropolítica *“Assim, o terror se converte numa forma de marcar a aberração no corpo político, e a política é lida tanto como a força móvel da razão quanto como a tentativa errática de criar um espaço em que o “erro” seria minimizado, a verdade, reforçada, e o inimigo, eliminado”* (MBEMBE, 2023, p. 23). Em A agressividade em psicanálise, Lacan destaca que a agressividade intencional corrói, mina, desagrega, castra, conduz a morte.

Quando os indivíduos não conseguem lidar com a decepção de perder em prol da civilização, combinado com ideias religiosas ilusórias, manipuladas por um líder que encoraja a

violência e fomenta a agressividade em nome de Deus, da pátria e da família, temos então o cenário perfeito, que culmina inevitavelmente nos eventos ocorridos em Brasília. Aos que não creem que a ilusão e a agressividade não são a resposta para a vida em sociedade, mas ciente desse ponto de horror que há em todos os humanos, tem a aposta na psicanálise onde coloca como dever do analista *“devolver ao sujeito a escolha, a escolha de decidir, ou melhor, a escolha decidida dessas relações com o significante-mestre. O sucesso da psicanálise está no fracasso em satisfazer a demanda do mestre.”* (Brousse, 2003).

## REFERÊNCIAS

- BROUSSE, Marie-Hélène. **O inconsciente é a política**, Marie-Hélène Brousse. - São Paulo: Escola Brasileira de Psicanálise, 2003.
- FREUD, Sigmund, 1856-1939. **O futuro de uma ilusão. Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira.** Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- FREUD, Sigmund, 1856-1939. **O futuro de uma ilusão. Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira.** Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- LAURENT, Éric. **O traumatismo do final da política das identidades.** Opção Lacaniana online nova série Ano 9, Números 25 e 26, março/julho 2018, ISSN 2177-2673
- MBEMBE, Achille. **Necropolítica. Biopoder, Soberania, Estado de exceção, Política da morte.** N-1edicoes.org. Impresso em São Paulo, janeiro, 2023.
- MILLER, Jacques-Alain. **Intuições milanesas 1.** Opção Lacaniana online nova série, Ano 2, Número 5, julho 2011, ISSN 2177-2673
- SANTIAGO, Ana Lydia. **O afeto da cólera como toque no real.** (EBP)

## CONTEMPORANEIDADE E SINTOMA OBSESSIVO

Ruth Cavalcanti Garcia de Castro  
ruth.cavalcanti.garcia@gmail.com

“Não é certo que a histeria ainda exista. Mas se há uma neurose que ainda existe é a neurose obsessiva” (LACAN, 1978)

Afinal, por que a neurose obsessiva certamente ainda existe e é mesmo chamada neurose do futuro? Uma hipótese para que ela se mantenha atual seria o declínio do Nome-do-pai e do falo como significante do desejo, o que teria feito com que o falo prevaleça como significante do gozo, por meio de imperativos que aparecem nas compulsões, obsessões ou fantasias.

É interessante observar como a sua maior prevalência hoje é alimentada pelos dispositivos sociais, que funcionariam como um estímulo no sujeito ao recrudescimento dos sintomas obsessivos, com maior nível de angústia. Isso pode ser observado, por exemplo, nas redes sociais, na constante busca por likes do Instagram, ou na ansiedade por respostas imediatas no *Whatsapp*.



O neurótico obsessivo tem uma fantasia erotomaníaca de oferecer ao outro uma bela imagem de si. Nessa conjuntura, as redes sociais abastecidas por imagens laboriosamente editadas, postadas de forma quase compulsiva, tornam-se uma fonte praticamente inesgotável para a sustentação do sintoma obsessivo.

Como o próprio Freud ressaltou, nos casos de neurose obsessiva, prevalece a onipotência atribuída aos pensamentos, sentimentos e desejos. Onipotência que conflita com a impotência dos impedimentos, dúvidas e proibições que marcam a impossibilidade do desejo para o obsessivo (FREUD, 2013).

Sérgio de Campos nos mostra como o obsessivo lança mão de diferentes estratégias para se defender, de forma a ocultar o seu desejo e estar sempre pronto para a guerra (CAMPOS, 2015). Numa sociedade que estimula a competitividade, busca a super competência, máxima eficiência e grande desempenho, onde todos são observados pelo Big Brother das redes sociais, o obsessivo é levado a aprimorar seus “talentos naturais” e, ao mesmo tempo, se angustia diante dos imperativos que exigem dele sempre uma proeza maior para que se sinta reconhecido.

O contemporâneo tem criado uma mentalidade social que parece mimetizar o psiquismo do sujeito no campo da neurose obsessiva, formando uma estrutura que potencializa a culpa e paralisa o desejo.

#### *Direção do tratamento*

O sintoma obsessivo é uma tentativa de restituição do falo, de fazer existir a potência. Como tratamento, Elisa Alvarenga sugere que o manejo clínico não leve à restituição desse falo como instrumento do poder, mas a fazer do falo o significante do desejo. E permitir que o sujeito se confronte com a castração, primeiro no campo do outro, depois chegando a subjetivar a sua própria castração (ALVARENGA, 2021)

Diante de um analisante com traços obsessivos, o analista procura perturbar a defesa, possibilitando a histerização do discurso e a análise. “A entrada no dispositivo analítico permite sair do funcionamento compulsivo, onde prevalece a posição fálica, ou do funcionamento oblativo, que gira em torno dos objetos oferecidos ao Outro”. É preciso atravessar a fantasia fálica, a fantasia de completar o outro ou degradá-lo. (ALVARENGA, 2019)

Romildo do Rêgo Barros lembra que o dispositivo analítico parece funcionar para os sujeitos obsessivos somente depois de uma passagem pela transferência negativa, sob a forma de desconfiança ou hostilidade. (BARROS, 2012) Assim, depois de sobreviver a esse momen-

to, a intervenção do analista pode se manter num sentido mais ativo, não só interpretando, mas com atos, para ‘sacudir’ o sujeito, buscando que ele saia do gozo fálico para um gozo mais flexível, não-todo fálico, e possa lidar com o gozo feminino, na mulher e nele mesmo. O manejo teria o sentido de quebrar a fortaleza fálica, para que o analisante possa sair de uma posição enrijecida e permitir uma maior aproximação do outro. O analista buscaria, assim, levar o analisante a sair da oblatividade, dar o que se tem, para a generosidade, dar o que não se tem. (ALVARENGA, 2021)

#### REFERÊNCIAS

ALVARENGA, Elisa. Aula proferida aos alunos do Curso Regular do Instituto de Psicanálise da Bahia, em 2021.

ALVARENGA, Elisa. *A neurose obsessiva no feminino*, Belo Horizonte: Relicário, 2019, p. 118.

BARROS, Romildo. *Compulsões e obsessões, uma neurose de futuro*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

CAMPOS, Sérgio. *Supereu, das origens aos seus destinos*. Belo Horizonte: Escola Brasileira de Psicanálise, 2015.

FREUD, S. *Observações sobre um caso de neurose obsessiva*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

Lacan, 1978

Mesas Simultâneas

SALA 1 | DELÍRIO



## Philip K. Dick - a loucura como ficção científica

Elisa Alvarenga – EBP/AMP  
elisalvarenga@gmail.com

No seu texto “Por que as psicoses ... ainda?”, Sérgio Laia abre-nos uma via de investigação ao perguntar se não poderíamos fazer valer o não-todo fálico como uma espécie de orientação para os pacientes psicóticos desnorteados pela ausência do Nome-do-Pai e do falo simbólico ou significação fálica em suas vidas. E propõe que a função fônica do falo, evocada por Lacan no Seminário 23, assim como o poder fálico da fala, evocado no Seminário 19, teriam um amplo alcance na experiência analítica com sujeitos psicóticos, cujo dizer, quando escutado e acompanhado por um analista, pode fazer vacilar sua certeza delirante, permitindo-lhe confrontar-se com o furo forclusivo de outra forma.

O exemplo que gostaria de trazer releva de uma ficção que nos foi apontada por Sérgio de Mattos no livro de Fabián Schejtman, *Philip Dick con Jacques Lacan - Clínica psicoanalítica como ciencia ficción*, no qual nosso colega da EOL nos relata, de maneira ficcional, dois encontros desse brilhante escritor de ficção científica com o psicanalista francês. Não

encontramos na biografia de Philip Dick rastros desses encontros, mas parece ter havido um efetivo apaziguamento na vida louca do escritor após uma conferência em Metz, na França, em 1977.

O primeiro encontro teria acontecido em Chicago, onde Lacan realizava uma conferência na universidade na qual se encontrava Philip Dick, em 1966. Dick teria ficado tão impactado pela fala do psicanalista que procurou-o ao final para uma conversa que lhe deixou marcas. O segundo encontro teria acontecido em Lille, onde Lacan participava das Jornadas da Escola Freudiana de Paris, em 1977, após uma conferência de Philip Dick em Metz.

Sempre interrogado pelo estatuto da realidade na qual vivemos - atestado pelos filmes baseados em suas obras, como *Blade Runner*, *Minority Report* e *Show de Truman* - Philip Dick havia encontrado uma explicação delirante para a realidade, mas estava embaraçado pela transmissão de sua descoberta. Na conferência de Lacan em Lille, teria escutado com especial atenção Lacan dizer: “não todos podem sabê-lo, só alguns poucos eleitos distinguem a realidade do real”. Ele teria então relatado a Lacan que em fevereiro de 74 uma jovem bateu à sua porta e, ao ver seu pendente com o signo de peixes, símbolo do primeiro cristianismo, foi invadido por uma luz, um brilho e uma energia, uma inteligência infinita, que se impuseram a ele tornando-o seu escriba. “VALIS, *Vast Active Living Intelligence System*, energia plasmática que invade o cérebro humano como hóspede feminino”, o toma, e ele deve consentir. “Talvez não seja obrigatório”, teria respondido Lacan. Conta a Lacan as revelações sobre o império romano ainda presentes sob a realidade corrente, das quais falara em Metz. “Não lhe conto tudo”, teria dito Philip. “Sim, não tudo! - responde Lacan. Você não é obrigado a submeter-se a VALIS, você é que escolhe receber a informação, e sobretudo, até quando. Você pode dizer basta. O feminino esteve ali desde o início e há também a feminização do homoplasma”.

Aprendemos, na biografia de Philip Dick, que a revelação de seu delírio, em Metz, deixou sua audiência estarecida, e após o retorno aos Estados Unidos, Dick se apaziguou e pôde estabelecer uma relação mais pacificada com as mulheres, focando na escrita de sua Exegese. Ele frequentava semanalmente um psicoterapeuta, e veio a falecer em 1982 de um ataque cardíaco.

Na ficção de Fabián Schejtman o psicanalista segue o sujeito, delirante, e faz vacilar suas convicções, sem retirar-lhe o delírio por completo, porém descompletando ou inconsistindo o Outro do delírio.

Mas podemos falar de não-todo na clínica das psicoses? Não se trata de fazer valer a significação fálica como efeito da metáfora paterna, porque por definição o Nome-do-Pai não

opera. Trata-se de fazer valer o efeito da fala, introduzindo alguma medida no gozo sem limites e na significação sem ponto de basta. Ou seja, trata-se de fazer valer o furo da não-relação sexual ou a inexistência d'A mulher por outros artifícios que não o Nome-do-Pai, promovendo o apaziguamento de um gozo que antes se impunha como obrigatório e infinito.

#### REFERÊNCIAS

CARRÈRE, E. *Eu estou vivo e vocês estão mortos. A vida de Philip K. Dick*. São Paulo, Aleph, 2016.

LACAN, J. *O Seminário, livro 23, O sinthoma*. Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Rio de Janeiro, Zahar, 2007, p. 123.

LACAN, J. *O Seminário, livro 19, ... ou pior*. Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Rio de Janeiro, Zahar, 2012, p. 67-68.

LAIA, S. *Por que as psicoses.... ainda*. In Textos de Orientação para 26ª Jornada da Escola Brasileira de Psicanálise Seção Minas Gerais.

Disponível em: <https://www.jornadaebpmg.com.br/2023/textos/por-que-as-psicoses-ainda/> Acessado em 02 de Setembro de 2023

SCHEJTMAN, F. *Philip Dick con Jacques Lacan. Clínica psicoanalítica como ciencia ficción*. Buenos Aires, Grama, 2018. Versão Kindle.

## O UNIVERSAL E O SINGULAR NO DELÍRIO DE UM ARTISTA

Tiago Barbosa Santos  
*titoback@gmail.com*

Arthur Bispo do Rosário (1909-1989), nascido em Japaratuba, foi um pobre sergipano, negro e marginalizado, que migrou para o Rio de Janeiro, onde foi reconhecido pelo seu trabalho com bordados e assemblagens, feitos com sucata, retalhos de uniformes, utensílios de diversos materiais, durante a sua residência na Colônia Juliano Moreira.

Numa noite teve uma alucinação: um cortejo de anjos que o nominaram Jesus. Saiu em direção à igreja São José, onde se apresentou ao clero como Jesus Cristo. De lá, foi encaminhado para o Hospital Nacional dos Alienados. Foi diagnosticado como esquizofrênico-paranoico, e depois, transferido para a Colônia, destino daqueles considerados irreversíveis.

Pugilista, entrou na Colônia de forma agressiva e foi trancado no núcleo de pavilhões Ulisses Viana. Forte e sisudo, pronto a resolver os conflitos no braço, logo se tornou

xerife do pavilhão, ajudando os funcionários a conter os rebeldes. Isso lhe conferiu algumas regalias: um espaço privado para trabalhar, livre de eletrochoques e medicações. Bispo não se achava artista, dizia que sua missão era representar o mundo, reconstruí-lo com materiais existentes na Terra, para mostrá-lo a Deus no dia do juízo final. Embora, sua produção se dava no campo das relações humanas, de forma intrínseca, seja pelos objetos que os funcionários lhe davam, ou pelas relações estabelecidas com médicos, funcionários e demais internos.

A escassez de dados sobre sua infância e a sua marginalização, impossibilitam aludir a um diagnóstico sobre a sua condição delirante. Entretanto, à luz do *Argumento da IV Jornadas EBP-LO: “Que Loucura é Essa?”*, escrito por Giovanna Quaglia, pretendo trazer algumas citações teóricas para situar uma relação entre o singular e universal, nas formações delirantes deste personagem.

Em *Formulações sobre a causalidade psíquica* (1946), Lacan retoma sua tese de doutorado para situar a estrutura da loucura no cerne da dialética do ser. Lacan afirma que toda loucura é vivida no registro do sentido, de forma inseparável da significação, da Linguagem. Para tanto, propõe um parentesco da estrutura do delírio com a forma da relação do ser com o mundo, manifesta, inicialmente, como a matriz da “*urbild*” do eu. Trata-se da “fase primordial em que a criança adquire essa consciência de seu indivíduo que sua linguagem traduz [...] no sentido de que o sujeito se identifica, em seu sentimento de si, com a imagem do outro”. Seu efeito é o da “*alienação do sujeito*”, pois é no outro que ele se identifica. Essa dialética sintetiza a sua particularidade e a sua universalidade, ao ponto de universalizar a sua particularidade, ou seja, “no movimento que leva o homem a uma consciência cada vez mais adequada de si mesmo, sua liberdade confunde-se com o desenvolvimento de sua servidão”, à linguagem, ao Outro.

Portanto, a linguagem é para o homem o instrumento de sua mentira, que tem a intenção de formular o universal da sua verdade. Diz Lacan: “você verão que a questão da verdade condiciona em sua essência o fenômeno da loucura, e que querendo evitá-lo, castra-se esse fenômeno da significação, pela qual, penso mostrar-lhes que ele se prende ao próprio ser do homem”. Miller, em seu texto *Todo mundo é louco*, complementa: “a verdade não é o contrário da mentira senão que se desliza nela permanentemente”.

Freud, em *Neurose e psicose* (1924) diz que “a psicose é o resultado de uma perturbação nas relações entre o eu e o mundo exterior”. No texto que segue, *A perda da realidade na neurose e na psicose* (1924), ele acede para ambos os casos, o problema do eu com a realidade. E Miller reafirma que “se abandonamos a tipologia [neurose-psicose], se passamos à singularidade, vemos que nesse nível todo mundo é louco, [...] que a verdade é mentirosa para todo mundo”. Então, podemos chamar de delírio o reconhecimento de si, pelo homem, no âmbito da Linguagem, e a crença de que se entendem quando se comunicam.



Todavia, Miller afirma que na psicose o real fala e diz a verdade ao sujeito, ao quê o analista é chamado a intervir com sua terapêutica, para persuadir o psicótico que o real pode mentir. Marie-Hélène Brousse, em seu seminário *O inconsciente é a política* (2003), retoma a dialética do sujeito, em consonância com o axioma lacaniano do inconsciente estruturado como uma linguagem, e afirma: “a oposição individual/coletivo não é válida”. Poderíamos, então, situar o delírio do Bispo, como a expressão da sua verdade e de uma singularidade no âmbito da Linguagem, ou puro delírio?

## REFERÊNCIAS

**Arthur Bispo do Rosario – Museu Bispo do Rosário.** Disponível em: <<https://museubispodorosario.com/arthur-bispo-do>>. Acesso em: 2 set. 2023.

BROUSSE, M.H. **O Inconsciente é a política – seminário internacional**; organização Carmem Silva Cervallatti – São Paulo, 2003, Escola Brasileira de Psicanálise; páginas 16-17.

CARNEIRO, Anna Barbara de Freitas. **O original e o singular no Bispo do Rosário. Reverso**, Belo Horizonte, v. 37, n. 69, p. 25-33, jun. 2015. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-73952015000100003&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-73952015000100003&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 02 set. 2023.

CORPAS, Flavia dos Santos; VIEIRA, Marcus André. Bispo do Rosario e a representação dos materiais existentes na Terra. **Tempo psicanal.**, Rio de Janeiro, v. 44, n. 2, p. 405-422, dez. 2012. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-48382012000200010&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-48382012000200010&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 02 set. 2023.

FREUD, S. **Obras Incompletas de Sigmund Freud – Neurose, Psicose e Perversão: Neurose e Psicose 1924**; tradução: Maria Rita Salazano Moraes – São Paulo, 2019 Autêntica; páginas 271-276.

FREUD, S. **Obras Incompletas de Sigmund Freud – Neurose, Psicose e Perversão: A perda da realidade na neurose e na psicose 1924**; tradução: Maria Rita Salazano Moraes – São Paulo, 2019 Autêntica; páginas 279-284.

LACAN, J. Escritos: **Formulações sobre a causalidade psíquica 1946**; tradução: Vera Ribeiro, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed. 1998.

HIDALGO, L. **Arthur Bispo do Rosário – o senhor do labirinto**, Rio de Janeiro, ROCCO DIGITAL, 1968-2012.

**IV Jornadas EBP Seção-LO – Que loucura é essa? – Seção Leste Oeste.** Disponível em: <<https://www.ebp.org.br/slo/index.php/jornadas/iv-jornadas>>. Acesso em: 2 set. 2023.

MILLER, J.A. **Sutilezas Analíticas – Todo el mundo es loco** – Paidós, 2008.

Quaglia, G. **Argumento IV Jornadas EBP-LO.** Disponível em <https://www.ebp.org.br/slo/index.php/jornadas/iv-jornadas-ebp-secao-lo-que-loucura-e-essa/argumento-iv-jornadas-ebp-secao-lo-que-loucura-e-essa/>, acessado em 02 de Setembro de 2023.

## O DELÍRIO FAMILIAR NA HIPERMODERNIDADE - UMA LOUCURA GENERALIZADA, NO SINGULAR DA CLÍNICA.

Ceres Rúbio.

*ceresleda@hotmail.com*

Laurent afirma que a família, a partir do casamento, é do século passado, hoje havendo diversas formas de união. Não há certezas, há ironia fundando o tempo da hipermodernidade, associada ao discurso do capitalismo promove o que chama de destruição criativa, uma destruição da tradição promovendo uma proliferação de novas formas de laços e ficções, consideradas frágeis. A família um projeto individual mais ou menos delirante, onde a justiça e a ciência são convocadas a responder o que é um pai e uma mãe de família hoje. Apesar da multiplicidade de novos laços e incertezas, há uma crença de uma família e filho ideal.

A criança nesse contexto confirma seu caráter de objeto real, objeto apaixonadamente desejado e rejeitado, diz Laurent. Sofre as marcas desse tempo onde o Outro não existe, apresenta manifestações sintomáticas que testemunham as

mutações da ordem simbólica e de sua fragilidade ficcional, dada pelo declínio do patriarcado e sua consequente desorientação. Crianças e adolescentes com diagnósticos neuropsicológicos, medicados pela neuropsiquiatria ou demanda de avaliação para laudos diagnósticos, a eles identificados.

A psicanálise não pode se perder nesses discursos sobre o que é família, pai, mãe e filho. A posição do psicanalista é proteger as crianças dos delírios familiares, dos “laços familiares”, suas paixões, do *infanticídio secreto que é o desejo de morte escondido sob o laço familiar*. Deve-se orientar na bússola do objeto *a*, atento de como a criança institui seu gozo na relação com a mãe e com a significação fálica. Um pai não como semblante, mas como objeto *a*, como função e no um a um, pai-versamente orientado. Que faz de uma mulher causa de seu desejo e que se ocupa como os objetos *a* dessa mulher.

Há crise e a decisiva função do pai é *assombrar a família*, não mais pelo Édipo. Não assolar a família sob seu gozo e viabilizar um gozo que não seja mortífero.

O caso ilustra um falasser objetalizado atendendo ao delírio parental dos tempos atuais e no lugar da fantasia materna. Aos 6 anos resiste sintomaticamente com o corpo, na agressividade e na recusa do Outro, “empurrando, batendo, chutando, não comendo, agitado”. Defende-se do fantasma da mãe “tenho pânico dele ser um nada como o pai” e identifica-se a um pai “empurrado” e “agressivo”, em uma posição de gozo sem limite. Um corpo continente do gozo do Outro que faz acontecimento de corpo, uma manifestação pulsional onde o sujeito está acéfalo. “A criança, em sua condição de infans, é convocada à condição de objeto na dimensão Real, é, em princípio, o objeto da pulsão parcial do gozo do Outro”.

Inventa os personagens significantes “Máquina de fazer”, “Robô”, “Boneco” que são “controlados”. Ele próprio mortificado no desejo, controlado pelo Outro na exigência materna de participar de 6 atividades extraescolar e a de se limpar 5 vezes depois de ir ao banheiro. Diante do mal-entendido que funda essa família, defende-se do real e, constrói em análise esses S1 metonímicos que revelam sua posição de gozo e de fixidez, sem sentido e iterando.

Destaco as intervenções: “se esse boneco fosse gente ele pensaria e poderia escolher” ao que ele diz “eu penso!” e, na sessão onde está jogando sozinho numa briga imaginária, com bonecos, sentencia a um deles: “você perdeu!”. A analista faz um corte na sessão apontando “perdeu!”. Intervenções que tem efeitos no paciente fazendo algo ceder do gozo, a partir daí, o excesso na agressividade se abrande e uma identificação aparece com os tenistas Alcaraz e Medvedev. O que está em jogo agora é poder ganhar, mas, também consentir em perder, ao que o pai confirma. O próprio pai ceder ao gozo de tudo dar.

Não é pelo universal e sim do singular do gozo e, de sua relação com o significante que se analisa. As crianças do Um,? chegam com os S1, soltos, carentes de significação fálica, não fazem cadeia e nem metáfora, são metonímicos, apontando ao inconsciente real, sem um ponto de basta. O papel do analista é de perturbar essa defesa, assombrar, importunar o gozo em jogo que se repete no Um.

#### REFERÊNCIAS

LAURENT, É. *Loucuras, sintomas e fantasias na vida cotidiana*. Belo Horizonte: Scriptum, 2011, p.33

IDEM, p.38-41

LACAN, J. *O Seminário, Livro 19. Ou pior*. RJ: Ed. Zahar, 2012, p.200

Mesas Simultâneas

SALA 2 | CORPO



## “Essa é a minha loucura” |

Rafaella Cunha  
ella\_rafa@hotmail.com

### *“Essa é a minha loucura”*

A paciente, em sua primeira entrevista, diz: *“Vim porque fiquei louca!”*. É assim que ela se apresenta no início das sessões: *“Fiquei louca de novo!”*, nos momentos de mal-estar ou: *“Estou bem, não enlouqueci!”*, nos momentos de apaziguamento. Constata-se que sua fala gira em torno da loucura como referência.

É interessante o uso que ela faz da palavra loucura para organizar o que lhe foge o controle no corpo e nos pensamentos. Nomear-se como louca é uma tentativa de dizer o inominável. Ela reconhece a sua própria loucura e isso demonstra uma alteridade, um estranhamento que a faz falar em análise. Logo, essa nomeação oferece um enquadre ao desgovernado do corpo. Ao ser indagada pela analista: Que loucura é essa? ela responde: *“Essa é a minha loucura!”*.

“Comi areia na praia, dizem que sobrevivi por um milagre”.

Ao longo de sua análise que já dura dois anos, a paciente traz uma lembrança do contexto familiar de quando ainda era bebê. Conta sobre uma infecção que pegou quando estava de férias na praia, ao brincar com areia e levá-la a boca, sofreu vômitos intensos, foi hospitalizada e a enfermeira falou a seus pais que “quase morreu, sobreviveu por um milagre”. Desde então, houve uma proliferação de sintomas corporais que a levou a diversas hospitalizações na infância. O medo de morrer se instaurou e se atualiza através de repetidas situações em que se sente infectada.

“Minha loucura é acreditar que estou doente!”

“Sinto medo das doenças, meu maior medo é morrer.”

Ela identifica que sua loucura é a crença na doença, os pensamentos incontroláveis que a invadem. Há uma percepção aguçada do que lhe ocorre: taquicardia, dor no peito, dificuldade para respirar, dormência. E, ainda, uma particularidade: dor na região pélvica e ardência ao urinar que se relacionam a infecções de urina de repetição. Nessas ocasiões, exames laboratoriais não detectam infecção, mas os sintomas clínicos sim. Diante deles, ela crê que isso lhe acarretará um câncer que seguirá ao destino de sua morte.

Freud *colocou algo de si* quando criou a psicanálise, escutando de suas pacientes os mistérios do corpo. Inventou um dispositivo para que os sintomas encontrassem tradução e demonstrou com seu arcabouço teórico como não recuar frente às formações do inconsciente.

Seguindo a trilha de Freud, a angústia se apresenta como resposta a uma ameaça de situação de perigo - é o que o caso ilustra com a cena de quase ter morrido na infância, pois a partir desse momento o medo de morrer se instaurou, provocando sintomas no corpo que se repetem até a vida adulta. A paciente identifica sua loucura como a crença na doença, essa é a sua ficção, a sua resposta para lidar com a angústia diante do risco de morte, o real que se apresenta.

Miller afirma que há uma supremacia do imaginário na teoria freudiana no que se diz respeito à importância que ele dá à realidade psíquica, e questiona: O que é real? *“Nada é real. O real é apenas uma ilusão, ficção, até mesmo delírio? Afinal, por que não?”*

Lacan inventou o real como uma resposta sintomática ao inconsciente freudiano, reduzindo-o ao sintoma do Um-sozinho. O real é insuportável de um furo e exige do sujeito se defender. A defesa vem como uma solução a isso, as ficções servem de apoio ao falasser para enfrentar o real impossível de suportar.

Miquel Bassols, escreve que o sintoma é a instauração de uma nova ordem na vida do sujeito, na experiência que faz com seu corpo enodado com a linguagem. Em suas palavras: *“Acreditamos que é o corpo que fala, mas, na realidade, essa crença pode chegar a ser uma loucura. É o ser quem fala, o ser à medida que fala com o corpo e se escuta”*.

Podemos compreender o “Todo mundo é louco, ou seja, delirante”, aforismo de Lacan, que inspirou o trabalho das IV Jornadas da SLO: “Que loucura é essa?” articulando-o com a resposta dada pela paciente: “Essa é a minha loucura!”, resposta essa que aponta para o singular do caso, onde o falasser tenta dizer seu ser ao falar da sua loucura, ele demonstra de que maneira cada sujeito conta com suas ficções para se defender do real.

A psicanálise de Freud à Lacan tende a tornar possível uma aliança do falasser entre seu corpo e os recursos da fala contra o pior, uma invenção marcada pelo singular, pois o real do inconsciente é o corpo falante.

#### NOTA

Texto produzido junto ao cartel relâmpago preparatório para as IV Jornadas da Seção Leste-Oeste da Escola Brasileira de Psicanálise, “Que loucura é essa?”, início em 19/05/2023, cujo carterizantes são: Carla Serles (Mais-um), Luciana Pedron, Geanine Vieira, Rafaella Cunha, Roseane Patriota.

Agradeço as contribuições do cartel “O mistério da sexuação”, inscrito na EBP-LO em 01/05/2022, cujo carterizantes são: Claudia Murta (Mais-um), Carlos Alberto de Sá Junior, Maila Rocha, Olenice Amorim, e Rafaella Cunha.

#### REFERÊNCIAS

BASSOLS, M. Scilicet: **O corpo falante- sobre o inconsciente no século XXI**, São Paulo, Escola Brasileira de Psicanálise, 2016. Pg.11.

FREUD, S. **Inibição, sintoma e angústia. O futuro de uma ilusão e outros textos**. In: Edição Standart Brasileiras de Obras psicológicas Completas de Sigmund Freud. Vol. XX. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

LACAN, Jaques. **Ornicar, Transferência para Saint Denis? Diário de Ornicar? Lacan a favor de Vincennes!** Paris, n.17-18, 1978. Tradução publicada pela revista Correio 65.

LACAN, J. Os Escritos. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

MILLER, J.A. “‘Todo mundo é louco AMP 2024’”. In: Opção Lacaniana, (85), dezembro de 2022.



## O FEMININO E A DANÇA DOS CORPOS EM ANÁLISE

Christiane Pinto Rosa  
chrisprosa32@gmail.com

CARTELIZANTES: Adriana Gonring (Mais-um), Christiane Pinto Rosa, Fernanda Machado Fernandes, Letícia Espírito Santo Rosa, Mariana Ribeiro Porcides

Afinal o que se pretende numa análise? Não é uma análise matemática, no sentido de servir-se a um padrão do “*paratodos*”, de tabela única, de cálculo simétrico, mas uma lógica do “Um”. Nessa arquitetura particular o que se procura é o inexato, o infamiliar, a besteira, o escorregão, o sem limite no tempo, o avesso e o como fazer com o que sobra dessa conta toda. Para que isso ocorra deve-se ter alguém que atesta, não batendo um martelo como um juiz, mas como um corpo ora presente, ora ausente, pois como disse Jacques Lacan, o sujeito é levado a não dizer tudo, não se pode dizer tudo, mas a dizer besteiras. São dessas besteiras que se faz a análise encontrada no novo sujeito, que é o inconsciente, portanto, é pela consequência do dito que se julga o dizer, mas o que vai se fazer com o dito, fica aberto, para que se possa fazer dele uma variação de coisas.

Para Freud, no decorrer da caminhada o psicanalista vai adquirindo com sua própria experiência a habilidade de não se deixar levar por suas próprias peculiaridades nas interpretações do analisando. Levando em conta que esse fato subjetivo é de grande importância quando comparado às outras áreas. Sendo que o sujeito vai repetir em forma de paixão pelo analista sua vivência de memórias infantis reprimidas. A história íntima é reproduzida de modo palpável e presente, o chamado amor de transferência.

Segundo Freud, “ser psicanalista é tarefa de artista”, pois é quem aprende a arte de interpretar, o combate às resistências e o manejo da transferência. Vou mais além, observando que Freud no texto sobre a feminilidade acrescentou que o sexo biológico não abarca todo o humano, portanto, a libido não tem sexo. Se a libido é a energia que nos move e está diretamente ligada às pulsões, há de se pensar aqui em algo aberto que fará amarrações distintas, peculiares e subjetivas.

Dominique Miller, comentando Lacan no seu aforismo “a mulher não existe”, diz que esse enigma feminino no inconsciente vem como uma dança que flutua, ora abre uma fenda, ora paralisa, ora é um presente dos deuses. É um combate onde a singularidade feminina fica à mostra. Do lado masculino há um significante fálico que impera, mas do lado feminino o que se tem é aberto, pois, não há significante que especifique esse gozo.

Fico aqui com a arte de analisar e a relação analista, analisando, um teatro de afetos! Remeto mesmo a dança dos corpos, das sombras, das luzes, como num palco: o movimento, os giros, os *loops*, rodopios: hora como num tango com articulações firmes e vorazes, hora como numa valsa, onde a leveza pede entrada, hora como uma bailarina em seu solo de repertório.

Se não é quase uma peça teatral ao vivo, onde há a presença de dois corpos e seus inconscientes. Diz Lacan ser necessário vencer a resistência e que para saber o que se passa na análise é preciso encontrar de onde vem a fala, mas para saber sobre o que se resiste é necessário decifrar o que está preso ao advento da fala. Traduz-se então uma interposição imaginária, não individual, mas uma individualização específica dessa relação.

Um testemunho do que acontece entre a palavra e o corpo, do que se perde nessa experiência sem que se apoie de início em verdades absolutas. Há necessidade de esvaziamento, de uma atenção que flutua como num deslizar dançante, dando chance aos escorregões. Um ensaio pertencente ao afeto, ao vivido, a necessidade de amor, a agressividade latente a armadura do caráter e o ferrolho da defesa.

O analista é o agente através do qual do analisando dá corpo e movimento ao seu desejo. Preciosa é a dança entre corpos, vozes, dito e não dito, passo à frente, passo atrás, um bailar deslizando.

O que se espera é um saber fazer com a particularidade, com o que sobra dessa relação não toda, do não todo feminino. Aberto, para que cada um ao encontrar um fora sentido, dê um lugar digno a esse representante não fálico e que em passos singulares se apresente no presente.

#### REFERÊNCIAS

- DOMINIQUE, Miller. **As duas margens da feminilidade: O Feminino Infamiliar: Dizer o Indizível**. Tradução de Marcela Antelo e Iordan Gurgel. Belo Horizonte. Escola Brasileira de Psicanálise, 2021. P.251.
- FREUD, Sigmund. A questão da Análise Leiga. In: **Inibição, Sintoma e angústia, O futuro de uma Ilusão e Outros Textos. Sigmund Freud**. Tradução de Paulo Cesar Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2014, v. 17. P.188.
- FREUD, Sigmund. A Feminilidade. In: **O Mal- Estar na Civilização, Novas Conferências Introdutórias à psicanálise e outros textos. Sigmund Freud**. Tradução de Paulo Cesar Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, v. 18. P.289.
- ACQUES, Lacan. **O Seminário, Livro 20: mais, ainda**. Tradução de M.D. Magno. Rio de Janeiro: Zahar, 1985. P. 22.
- JACQUES, Lacan. Situação da psicanálise e Formação do Psicanalista em 1956. In: **Escritos**. Tradução Inês Oseki-Depré. São Paulo: Perspectiva, 2014. P. 192.

## SAVOIR-FAIRE COM UM CORPO ESQUIZOFRÊNICO: TILDA

Mariana Ribeiro Porcides  
mariporcides@gmail.com

*A doença foi bem a razão  
De todo o impulso de criar;  
Criando eu pude me curar,  
Criando eu me tornei são.*

(FREUD, 2010)

Há 13 anos Matilda\* chegou em meu consultório, usava apenas roupas cinzas ou marrons, seu corpo e sua fala não transmitiam afeto, apenas se ouvia palavras relatando episódios de perseguição. O corpo e a fala de Matilda ao longo dos anos foram contando sua estrutura, me deparava com uma esquizofrenia, onde a linguagem não marcava esse corpo, apenas ali estava.

Miller, em seu texto “A invenção psicótica” (2003), nos traz que Lacan faz o convite de pensar a esquizofrenia como aquela que enigmatiza “a presença no corpo, de tornar enigmático o ser no corpo”, ou seja, o corpo é parte do imaginá-

rio, aquele que precisa além de um significante para se fazer presente, se faz necessário do significante mestre.

O corpo é constituído de uma consistência mental, e/ou imagem total, também chamada de “ortopédica”, a partir do estádio do Espelho, onde Lacan nos traz a importância da relação mãe-bebê e a entrada do Pai, do Nome-do-Pai, aquele que castra e pode separar esse sujeito do outro, do Outro. Desta forma, a imagem corporal estará sempre conectada à experiência subjetiva de cada um, e imposta pela relação com o Outro. Num primeiro momento, a imagem corporal é especular: encontrada no espelho ou no outro, até que possa se tornar uma unidade, unidade de corpo. (BROUSSE, 2014)

Porém, nas psicoses há a falta da inscrição do Nome-do-Pai, do significante mestre, o que produz a forclusão da lei simbólica, levando o psicótico estar à mercê do real, tendo apenas o imaginário para tratá-lo. Mas como tratar, se este corpo está fragmentado, ou como muitos esquizofrênicos dizem: “estou despedaçado”, ou como Matilda me dizia “preciso usar uma cinta, para que o meu corpo possa se juntar”

Então,

“É em torno desse buraco em que falta ao sujeito o suporte da cadeia significante, e que não precisa, como se constata, ser inefável para ser pânico, que se trava toda a luta em que o sujeito se reconstrói” (LACAN, 1998)

Para que este buraco, fragmentos do seu corpo e seus órgãos, possam se amarrar é preciso que este corpo seja moldado pelos significantes, pela linguagem promovendo a função de seu corpo e de seus órgãos. De acordo com Marie-Hélène Brousse (2014), para que haja um laço entre a imagem e o organismo é necessário que “as experiências de gozo se articulem, ‘grampeiam’, unem (...), chamando este grampo de *objeto pequeno a*”.

Mas como analista, como é possível fazer “para que um sujeito possa inventar essa função de domesticação do gozo”, do gozo persecutório na esquizofrenia, “onde na neurose é exercida pelo Nome-do-Pai”? (BRODSKY, 2013)

Miller nos convida a pensar que o gozo é sempre um pedaço, pedaços de peças soltas, que o artista cria uma obra de arte: faz bricolagem de seus objetos *a*.

E há sete anos Matilda se perde em seu quarto de artesanato produzindo Bonecas Tilda<sup>1</sup>. Bonecas estas que não são vendidas, raramente dadas, mas que vão preenchendo os espaços do seu ateliê, juntamente com os panos, fios e trapos, que como ela mesmo diz: “não

posso jogar esses trapos, eu posso usar para o detalhe da calça, do cabelo, me serão úteis”... ou como podemos dizer: não se pode jogar suas partes, pois elas poderão ser amarradas ou juntadas ao seu corpo.

## REFERÊNCIAS

BROUSSE, Marie-Hélène. **Corpos Lacanianos: novidades contemporâneas sobre o Estádio do Espelho.** *Opção Lacaniana Online*, Ano 5, Número 14, nov. 2014

BRODSKY, Graciela. **A loucura nossa de cada dia.** *Opção Lacaniana Online*, Ano 4, Número 12, nov.2013

FREUD, S. **Introdução ao Narcisismo** (1914) In: *Introdução ao Narcisismo: ensaios de metapsicologia e outros textos* (1914-1916). São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p.29.

LACAN, J. **De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose** (1955-1956) In: *Escritos*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998, p.537-590

MILLER, Jacques-Allan. **Invenção Psicótica.** *Opção Lacaniana* – Revista Brasileira Internacional de Psicanálise, São Paulo, n.36, p.6-16, 2003.

## NOTAS

Trabalho produzido a partir de dois cartéis: Cartel Psicose – Mais-Um: Francis Juliana Fontana (EBP-Sul) e Cartel-Relâmpago: Psicanálise e Arte – Mais-Um: Adriana Gonring (EBP-LO)

\* Nome fictício

1. Matilda é uma boneca alemã, onde a origem do nome é composto pelo significado Mahta “força” e Hildr “batalha”. Porém, seu nome foi apelidado, e hoje é conhecida como Tilda. A versão original da boneca é um corpo alongado de 63 cm, feita de forma totalmente artesanal, ou seja, com as mãos, através do tecido de algodão, produzindo um corpo macio e delicado. A principal característica da boneca é que seus olhos são apenas dois pontos pretos e a não existência da boca, de acordo com a criadora: ela fala com o coração.

## “O VERÃO EM QUE MAMÃE TEVE OLHOS VERDES”

Claudia Murta – EBP/AMP

*cmurta@terra.com.br*

A apresentação do livro se inicia do seguinte modo: “péssima mãe e filho terrível que a detesta passam um verão juntos em uma cidadezinha no litoral da França”. A raiva que o filho sente pela mãe é posterior à morte da irmã mais nova; passagem que leva a mãe a fechar-se no quarto por sete meses. Ele conta: “eu gostaria que mamãe tivesse vindo me ver (...) e me dissesse para sumir da sua frente por sete meses, e depois veríamos”. Essa raiva, cultivada desde a infância, o levava ao desejo da própria morte, mas ao final da temporada do verão que passam juntos, é sua mãe que morre de câncer. Ao longo das páginas acompanha-se a morte da mãe e suas implicações para a vida adulta do filho, dividindo-se em três tempos alternadamente: presente, onde ele é um pintor famoso de 32 anos que se prepara para uma exposição; passado, no qual se passa a maior parte do livro, adolescente, no verão com sua mãe; passado anterior relativo à sua infância. Temáticas que se destacam nesse comentário: a loucura; a relação de amor e ódio com a mãe; os olhos da mãe; o luto da morte da mãe.

### *A loucura*

O narrador se apresenta como louco desde a idade de 8 anos, quando, um colega diz que sua irmã, já falecida, não era sua irmã. Em decorrência do ultraje, ele bate no garoto até quase matá-lo. Com o desenrolar da leitura percebe-se sua organização e, mesmo tendo atuado, mantém-se, para seu ato, apenas a referência transestrutural da loucura. Segundo Lacan, “todo mundo é louco” desde que seja atingido em suas questões singulares e falarem da irmã morta lhe foi insuportável.

### *Amor e ódio*

O livro trata, de maneira preciosa e detalhada, do amor e do ódio que o filho sentia por sua desgraçada mãe. Os sentimentos de raiva e ódio iniciaram porque sua mãe só tinha olhos para a morte da irmã. Em decorrência desse período de melancolização materna, o filho desenvolveu, a cada rejeição, mais e mais ódio pela mãe. Em um trecho do livro narra: “durante todos aqueles meses, a mulher que me pariu não olhou mais para mim, como seu eu fosse invisível”. Desde o verão que passaram juntos e, por ocasião da morte materna anunciada e preparada, ele, bem mais apaziguado de sua ira e, mesmo amoroso, se pergunta: “por que mamãe não começou a morrer mais cedo?”.

### *Os olhos*

Os olhos de sua mãe foram seu objeto causa de desejo e angústia. Ele sempre buscou o amor de sua mãe em seus olhos que, por sua vez, estavam voltados para a morte e, portanto, o angustiavam. Sua mãe, ao olhar para a morte, não o via, já que ele estava vivo. Ele se rebelava, se enraivecia, enlouquecia, mas nada a demovia de sua visão do vazio da morte. Apenas quando a encontra, ela revira os olhos da morte em sua direção que, por conseguinte, sai da angústia do vazio do desejo. Nos instantes finais, ela lhe pergunta qual lembrança vai guardar dela. Ele responde: “os olhos”.

### *O luto*

A morte é anunciada desde o início do livro e, só por ela, as férias de verão acontecem. Perpassando o livro inteiro, mas, quando, finalmente, aparece é, assim, descrita: “... mamãe balançava morta na rede, como uma crisálida em vias de virar borboleta”. Transformação é a tônica da elaboração da morte no livro. Ao morrer, a mãe se transforma em borboleta e, também, a morte faz com que ele transforme a relação com a mãe. Posteriormente, depois de pouco tempo internado em um hospital psiquiátrico, onde aprende a pintar, torna-se pintor e, por via sublimatória, transforma a morte de sua mãe em pinturas. O livro acaba quando ele diz que “o verão em que mamãe teve olhos verdes nunca acabou” e, assim, continua a sua transformação.

1 Comentário do livro “O verão em que mamãe teve olhos verdes”, de Tatiana Tîbuleac, realizado por mim a pedido de Sizue Itho, curadora da Unidade de Pesquisa Literatura e



Psicanálise, do Grádiva Instituto de Psicanálise. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=c8uAeaAyr7w> . Acesso em 30/07/2023

#### REFERÊNCIAS

LACAN, Jacques. **Transferência para Saint Denis? Lacan a favor de Vincennes!**. In: Correio, Revista da Escola Brasileira de Psicanálise, (65). São Paulo: abril, 2010/1978. p. 31.

NASCHENVENG, Silvia. Apresentação. In: TÍBULEAC, Tatiana. **O verão que mamãe teve olhos verdes**. Tradução por Fernando Klabin. São Paulo: Mundaréu, 2021.

TÍBULEAC, Tatiana. **O verão que mamãe teve olhos verdes**.

Mesas Simultâneas

SALA 3 | FEMININO



## Oublier de Marie Laberge: Devastação, um amor louco que deixa marcas.

Anna Rogéria Nascimento de Oliveira

*“Quando o amor total e único se transformou em desespero silencioso, pela simples razão de que nem todos são capazes de enfrentar o amor... Então... a tempestade pode uivar, a morte deve esperar que esse amor queime diante de nós, para que o esquecimento seja enfim um ato de profunda lucidez.”*

A escritora Marie Laberge sabe sobre a loucura no amor. Sua obra incomoda, desnuda a família quebequense congelada do platô Montreal. Cada produção de Laberge causa angústia pois mostra o *infamiliar* nas relações familiares. Desde Freud, sabemos que a relação mãe e filha se inscreve de forma turbulenta. É uma operação subjetiva que a menina deve efetuar pois a transição para o objeto paterno é realizada com o auxílio das tendências passivas, na medida em que escaparam à *catástrofe* (Freud, 1931, pp 233-255).

Essa operação de se afastar da mãe, na menina, é um passo que se acompanha de hostilidade; a vinculação à mãe quando termina deixa um resto: o ódio, pois houve amor (Freud, 1932, pp 113-1134). Para Lacan, em *O aturrito* (1972), ao retomar a noção freudiana de catástrofe, nomeia como *devastação* a difícil relação da menina para com sua mãe. A devastação aponta para a dificuldade da separação entre uma menina e sua mãe que parece estar sempre adiada. Essa difícil relação entre mãe-filha é o tema que quero trazer para discussão nesta jornada a partir de *Oublier* (1987) de Marie Laberge. Na peça são quatro irmãs e cada uma delas apresenta uma mortífera dificuldade em se separar do passado com a figura materna. Elas retornam à casa materna em uma noite de neve. Elas não se veem há anos. A mãe (Juliette) tem o diagnóstico de Alzheimer. As velhas queixas ressurgem e as lembranças não são doces. Cada uma tem sua história com essa mãe claramente idealizada e odiada ao mesmo tempo. Uma mãe que não abdicou de seu gozo de mulher (um relacionamento fora do casamento) impondo às filhas e ao marido as consequências da própria devastação amorosa. Não houve espaço para o amor na maternidade. Laberge apresenta uma figura materna dominante, repressiva, desdenhosa do marido, usando um todo-poderoso narcisismo ao repetir a primeira letra de seu nome, Juliette, no nome de suas três filhas mais velhas, Jacqueline, Judith e Joanne. Como a própria Joanne observa “*nossa mãe amava muito o seu nome. Ela se via em todo lugar*”. *Oublier*, esquecer em francês, é a tentativa dessas mulheres de apagarem as marcas da devastação materna. Interessante observar que a única que escapa dessa formalização de transmissão de letra de gozo é a quarta filha, Micheline, que quer lembrar. Incapaz de evocar uma memória antes de seu oitavo ano, sofre igualmente de uma outra amnésia mais grave fruto de um misterioso acidente que foi causado pela confissão de Juliette de não a ter desejado. Um ódio assassino tomou conta de Micheline e ela agride a mãe. Depois da agressão, Micheline pega o carro e sofre um acidente. De todas as filhas, Micheline, no final da peça, é a única que consegue escapar buscando se orientar pelo próprio desejo. As outras gravitam em torno da mãe através do rancor de um passado que se faz presente. Observo que o tema da peça aponta para o real da relação mãe-filha na forma de devastação. Prova é que o som do banheiro é o único sinal da presença da mãe que não aparece em nenhuma cena da peça. A mãe não precisa estar em uma cena sequer na peça. Ela está encarnada nas ressonâncias de gozo de cada filha. Encontramos muitas pacientes com histórias similares. Algumas mulheres não chegam a estabelecer uma verdadeira relação com os homens, visto ainda permanecerem nesta ligação original com a mãe. Brousse (2004) observa que a disjunção operada por Lacan entre a mãe, que estaria do lado da universalidade fálica, e da mulher, do lado da inconsistência do universal, permite progredir em relação à questão da devastação. Na peça igualmente estas duas vertentes da mãe e da mulher Juliette comparecem de forma disjunta. E assim “*a devastação pode então aparecer no ponto do gozo enigmático percebido da mãe pela menina, gozo não limitado pelo falo*” (ibid). *Oublier* nos permite observar o ponto de devastação

presente na relação materna, como o modo pelo qual a própria mãe respondeu ao real de sua feminilidade. A loucura materna como resposta ao real impossível de dizer.

<sup>1</sup> Tradução livre: “Quand l’amour total, unique, s’est mué en désespoir muet, pour la simple raison que tout le monde n’est pas capable de faire face à l’amour ...Alors la tempête peut hurler, la mort doit attendre. Attendre que cet amour brûle là, sur place, devant nous, pour que l’oubli soit enfin un acte de profonde lucidité. (Laberge em contra capa de Oublier, 1987)

<sup>2</sup> Tradução livre: “Not’mère, a l’aimait ça son nom. A’s’voyait partout” (p.55)

#### REFERÊNCIAS

BROUSSE, M.-H., **Uma dificuldade na análise das mulheres: a devastação da relação com a mãe**. In *Latusa Revista da Escola Brasileira de Psicanálise* (EBP-Rio), Rio de Janeiro, n. 9, 2004, 203-218.

FREUD, S. **Sexualidade feminina**. In: *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Edição Standard Brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1996, (Trabalho original publicado em 1931), v. 21 pp. 233-251.

FREUD, S. **Conferência XXXIII- Feminilidade**. In: *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Edição Standard Brasileira, Rio de Janeiro: Imago, 1996 (Trabalho original publicado em 1932), v. 22, pp. 233-251.

LACAN, J. **O aturdido**. In J. Lacan. *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003<sup>a</sup> (Trabalho original publicado em 1972), pp. 448-497.

## A MULHER E UMA LOUCURA SOB MEDIDA

Fernanda do Valle  
freudlacan@gmail.com

D. me procurou em meio a uma crise. Não dormia e apresentava pensamentos auto acusatórios e intrusivos, em relação a pessoas e acontecimentos ligados ao seu trabalho. Segundo ela, seu caso seria sério: *“Tenho diagnóstico de esquizofrenia bipolar, não é nem esquizofrenia e nem transtorno bipolar. É uma mistura dos dois.”*. Alegava que precisava fazer sessões regulares de eletroconvulsoterapia – ECT. Contudo, naquele momento, ela não dispunha de recursos financeiros para tal. Logo, decidiu seguir o conselho de seu irmão e procurar terapia.

Miller (2010) nos faz lembrar que não se deve prescindir do diagnóstico psiquiátrico. Mas, o que significaria uma esquizofrenia bipolar? Assim, diante do estranho diagnóstico psiquiátrico e da insistência da paciente em reclamar pela ECT, perguntei o motivo para este tipo de tratamento. Diz da incidência de um longo quadro de depressão associado a dois episódios, ocorridos após o parto do terceiro filho: a afirmação da homossexualidade do então marido e

um evento de trabalho em que acredita ter sido criticada por uma colega – *“Imagina o que é descobrir isso depois de 12 anos de casada?! Eu queria sumir! Fiquei mais de um ano de cama. O doutor X disse que já não tinha mais recurso para mim e me encaminhou para a doutora Y, em Belo Horizonte. A ECT é uma beleza! A gente a-pa-ga! Esquece até quem a gente é!”*. Diante da consistência dessas afirmações, o que fazer? Pontuo: *É! Você decidiu apagar! Mas, onde você está nesta sua história?* – ao que ela responde: *“Como assim? Não sei.”*.

As entrevistas preliminares seguem, inclusive com alguns efeitos terapêuticos. Porém, diante de qualquer emergência de angústia, ela responde com o nome ofertado pelo saber psiquiátrico – *esquizofrenia bipolar*, e anuncia *“Num caso complicado como o meu, talvez eu fique assim por causa do longo tempo sem ECT. Minha cabeça é muito complicada! Não quero correr o risco de passar por tudo de novo.”*. E qual é a complicação de sua cabeça e o que a angústia?

D. afirma que é muito exigente, que tem que *“ser perfeita”* (sic) em tudo o que faz e que não suporta ser contrariada no que quer. Miller (2015) afirma sobre o caráter infinito da demanda de amor e seu retorno sobre o falasser feminino. Se com as pessoas

de seu trabalho ela se devasta com as demandas dirigidas aos colegas e não atendidas por eles, com os seus familiares ela afirma ter outra postura, não ligando para o que eles irão pensar dela. Mas, será de fato assim, eu a interrogo.

D. engravidou antes de se casar e diz que se casou por imposição dos pais, pois eles *“não queriam filha mal falada”* (sic). No decorrer de sua vida de casada ela teve mais dois filhos, a pedido do marido, pois achava que precisava atendê-lo – *“Ele queria ser pai. Mas eu nunca quis ser mãe, queria ser professora!”*. O anúncio feito pelo marido sobre sua sexualidade faz vacilar a substância fálica que, numa parceria amorosa, um homem pode ceder a uma mulher. Se ela oferta filhos a ele é para tentar atingir alguma resposta ao real do ser mulher. Portanto, ponto questionável do desejo, ao que é novamente interrogada: *E onde você está na sua história??* Como resposta: *“Oh, não sei! Essa doença mental é muito difícil.”*. Ou seja, nada de inconsciente!

Que loucura é esta? Através de Lacan (1946) sabemos que a história do sujeito se faz a partir identificações ideais e que *“O risco da loucura se mede pela própria atração das identificações em que o homem engaja, simultaneamente, sua verdade e seu ser.”* (p. 177). Assim, pode-se dizer que quanto mais alienado à identificação, mais próximo da loucura.

Na presente vinheta, o ideal da mulher perfeita constitui-se como um semblante que fracassa. Em resposta ao vazio do semblante, o sujeito encontra um desbussolamento de seu ser, encontrando um outro lugar no discurso da ciência - espécie de loucura sob medida em resposta ao nada querer saber sobre o inconsciente.

Resta ao tratamento perseguir as discretas pegadas subjetivas deixadas pelo caminho, na tentativa de deslocar D. da identificação à doença mental.

#### REFERÊNCIAS

LACAN, J. Escritos. **Formulações acerca a causalidade psíquica**. Rio de Janeiro, Zahar, 1998, p.177

MILLER, J-A. **Efeito Retorno à Psicose Ordinária**. Opção Lacaniana online, nova série. Ano 1, número 3, nov. 2010. Disponível em: [Opção Lacaniana \(opcaolacaniana.com.br\)](http://opcaolacaniana.com.br)

MILLER, J-A. **O osso de uma análise**. - O Parceiro-devastação. Rio de Janeiro, Zahar, 2015, p.98.



## PSICANÁLISE E POLÍTICA: DO UM TOTALITÁRIO AOS UNS DEMOCRÁTICOS.

Daiane Ossuna Ribeiro  
*daaianeribeiro@gmail.com*

Provocada pelo tema Política e Psicanálise, me encontro com a recomendação de Lacan (1953, p. 322): “que antes renuncie a isso, portanto, quem não conseguir alcançar em seu horizonte a subjetividade de sua época”, logo a minha questão remete justamente à esta contemporaneidade afogada em múltiplos significantes mestres e em discursos vazios dos coletivos, do correto e do incorreto. É possível falar sem que um sujeito se afete? Como a Política afeta os sujeitos e a psicanálise? Falar da “melhor maneira” virou uma tendência, atualmente distante do que conhecemos como bem dizer.

Partindo da perspectiva de que “tudo é político”, o interesse da Psicanálise talvez esteja em desalojar algumas certezas coletivas construídas no discurso social na tentativa de garantir que gozemos todos de uma só maneira, para fazer vacilar a repetição de um mesmo discurso para todos e fazer

emergir uma contribuição singular de um sujeito para aquele movimento social. “Trata-se, em uma análise, de modificar a relação do sujeito com o significante-mestre, ou seja, modificar a posição do sujeito a partir do lugar que ele ocupa no discurso do mestre, ou melhor, a interpretação que ele havia feito do discurso do mestre”. (BROUSSE, 2018, p. 34).

Diante do terror de uma aproximação declarada de políticas opostas à democracia, ouvimos os horrores proclamados em defesa da família, da hierarquia e do poder – que excluía qualquer outra existência do direito ao respeito pelos ditos cidadãos de bem. Ficamos divididos entre o bem e o mal, a depender somente do ponto de vista de um outro, que deixava de escutar imediatamente quando a outra opinião divergia da sua. Um regime totalitário de um gozo só – essa era a promessa de um dos candidatos à Presidência do Brasil, nas últimas eleições. Ora, se o destino de um sujeito é, também, determinado pelo seu contexto político, como os corpos não se afetariam diante de horrores proclamados em nome de valores genéricos como família, a pátria e Deus?

Recentemente, em 8 de janeiro, vimos um grupo de pessoas, utilizando do seu direito democrático ao protesto, invadirem Brasília – DF e destruírem lugares onde as leis são pensadas, discutidas, elaboradas, e junto com a História do país, eles depredaram instituições, obras de arte e a dignidade da maioria que elegeu a Democracia. Neste ato grotesco vimos o que a simples obediência a significantes-mestres vazios e construídos na mentira e com base no medo pode alcançar. “A obediência, acrescenta-se, é um olhar para fora, um olhar primeiro para o Outro, para os Outros; a obediência “afasta uma pessoa do seu interior”, escreve Arno Gruen” (TAVARES, 2021, p.74).

Este ato do dia 8 de janeiro foi acompanhado de uma súplica pela intervenção militar ou divina. Eles perderam de vista que “civilizado é aquilo que é civil, não militar, aquilo que se pode trocar, discutir: aquilo para o qual não é necessário trazer a arma” (TAVARES, 2021, p. 78). No entanto, a maioria brasileira fez um favor a esses obedientes: elegeu a Democracia, o único regime onde o caos da pluralidade é permitido, é considerado bem-vindo e é utilizado para fazer a sociedade avançar, comunitariamente, respeitando o modo de gozo de cada Um e não se submetendo a uma ordem universal do para todos. A loucura também é bem-vinda como forma de abranger e expandir as formas de criações políticas para cada um dos brasileiros, a Democracia escuta cada conservador, cada liberal, cada indeciso.

No entanto, “os analistas não devem apenas escutar; eles precisam saber transmitir a humanidade do interesse que a particularidade de cada um tem para todos. Trata-se, portanto, não de se limitar ao cultivo, à recordação da particularidade, e sim de transformá-la em algo útil, em um instrumento para todos” (LAURENT, 2007, p.145). Logo, esta tarefa de transmitir

a humanidade para além de uma escuta psicanalítica é o caminho possível para que a psicanálise siga resistindo aos modelos prontos de terapêuticas espalhados por aí, e se era uma batalha tola entre o bem e o mal, eu fico do lado da poesia de Martha Medeiros “o contrário do amor não é o ódio, é a indiferença” e do musical Rent “o oposto da guerra não é a paz, é a criação” para me manter criativa no trabalho com a diferença, a dignidade e a diversidade. Espero que vocês também.

#### REFERÊNCIAS

BROUSSE, Marie-Hélène. **O inconsciente é a política. O analista político: alcançar em seu horizonte a subjetividade de sua época.** São Paulo: Escola Brasileira de Psicanálise, 2018, p. 11.

LAURENT, Éric. **A sociedade do sintoma: a psicanálise, hoje. “O analista cidadão”,** Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2007, p. 141.

TAVARES, Gonçalo M. **Atlas do corpo e da imaginação: teoria, fragmentos e imagens. “O corpo no mundo”,** p. 65.

## A MULHER NÃO EXISTE E “A CARTA ROUBADA”

Tânia Regina Anchite Martins – EBP/AMP

[tramartins@gmail.com](mailto:tramartins@gmail.com)

Lacan trabalha “A Carta roubada” de E. A. Poe em alguns momentos de seu ensino. Destaco o escrito “O seminário sobre a Carta Roubada” e o Seminário XVIII, e nestes um aspecto: a carta feminiza quem a possui.

Poe, nesta estória divertida e bem contada, fala de uma carta que revelaria algo de obscuro em relação a rainha que não poderia chegar ao conhecimento do rei. A carta foi desviada e o autor nos relata as estratégias para encontrar e deter as supostas revelações da carta.

No “O Seminário sobre a carta roubada” Lacan comenta que os três personagens que têm posse da carta, em algum momento do conto, inicialmente a rainha, e sucessivamente o ministro e Dupin, quanto retém a carta, se feminizam, no sentido de participar do jogo como aquele que esconde. Lacan diz do ministro “*que ele tem que se revestir, inclusive nos atributos da mulher e da sombra, tão propícios ao ato de descon-*

der<sup>1</sup>” para ocultar a carta ele a vira pelo avesso e a endereça a si “*com uma escrita feminina muito delicada.*”<sup>2</sup>

Em Dupin Lacan também aponta a transformação feminilizante da carta ao ser interrogado pelo inspetor de polícia sobre como encontrou a carta. “*É assim que Dupin, do lugar onde está, não pode impedir-se de experimentar, contra aquele que o interroga dessa maneira, uma raiva de natureza manifestamente feminina.*”<sup>3</sup>

Lacan diz no Seminário XVIII que esta carta para o qual ele propõe a tradução de carta retida, ela chega ao seu destino, e o destino fundamental de toda carta é chegar aos que nada podem compreender dela. A carta sempre encontra o sujeito que “*se distingue em sua imbecilidade especialíssima*”<sup>4</sup>. Para ele esta é a invenção de Poe neste conto.

Poe demonstra, através da impotência da polícia com seus métodos científicos, que nem tudo pode ser alcançado pela lógica ou pelo discurso cientificamente estruturado.

“*A carta, evidentemente, está fora do alcance da explicação do espaço, já que é disso que se trata.*”<sup>5</sup>

O impossível se anuncia neste conto, quando a polícia ao esquadrihar o espaço em busca da carta ou tentar se antecipar e surpreender o ministro, encontra sempre o fracasso. Segundo Miller, para Lacan não há espaço real. “*espaço está rigorosamente entre o imaginário e o simbólico, rigorosamente entre construção verbal e elaboração visual*”<sup>6</sup>

“*Só a rainha sabe o que a carta quer dizer. O que tem seu peso é que, se a única pessoa a quem isso interessa, a saber, o sujeito, o Rei, a tivesse nas mãos, ele só compreenderia isto: que ela certamente tem um sentido, e que- aí que está o escândalo – e se trata de um sentido que a ele, o sujeito, escapa.*”<sup>7</sup>

---

1 Lacan, J., Escritos, **O seminário sobre A carta roubada**, Rio de Janeiro, JZE, 1998, p.35

2 Idem p.39

3 Idem p.44

4 Lacan, J., **O Seminário Livro XVIII, De uma função para não escrever**, Rio de Janeiro, JZE, 2006, p.96

5 Idem p.92.

6 Miller, J.A., **Perspectivas do Seminário 23 de Lacan. O Sinthoma, Sétima Lição**, Rio de Janeiro, JZE, 2009, p.115

7 Lacan, J., **O Seminário Livro XVIII, De uma função para não escrever**, Rio de Janeiro, JZE, 2006, p.96

Poe tem também um personagem em seu conto que supostamente sabe. Lacan diz que Poe nos confunde porque com Dupin, “o espertalhão dos espertalhões”, ele nos faz crer que existe aquele que compreende e sabe tudo.

Dupin, segundo Lacan, também não escapou ao efeito feminilizante da carta quando ele a tem em mãos. Trata-se deste momento em que ele não pode deter sua ira e a manifesta em relação ao ministro. Ele substitui a carta por uma mensagem endereçada ao ministro, caso este decida usar suas cartas: “*Um desígnio tão funesto. Se não é digno de Atreu, é digno de Tiestes*”. Lacan aponta aí um gozo em Dupin, quando ele se rejubila ao pensar o que ocorrerá ao ministro caso ele decida fazer uso de seu poder.

Em seu comentário ele mostra o efeito feminilizante da carta. O recurso ao semblante, uma mulher, diante da impossibilidade de dizer todas as mulheres. A mulher não existe.

*“A mulher, no caso, como esse texto foi feito para demonstrar \_ refiro-me ao em-si d’A mulher, como se pudéssemos dizer todas as mulheres\_ A mulher, insisto, essa que não existe, é justamente a letra\_ a letra como significante de que não há Outro. S(A/)<sup>8</sup>*

Ao falar da Rainha, surge algo que sugere este gozo que a ultrapassa.

*“A Rainha não se dá conta de que é quase fatal que fique louca por esse ministro, agora que ela o detém, que o castrou, não é? Isso é amor”<sup>9</sup>*

Do lado do homem a castração é uma condição, no nível do parceiro feminino vemos surgir neste conto um gozo suplementar encarnado pela rainha. Por isso Lacan fala desta carta como signo d’A mulher que não existe, aquela que não pode ser localizada no significante, ela não tem nada a ver com a lei.

---

8 Idem p.102

9 Idem p.98

Mesas Simultâneas

## SALA 4 | POLÍTICA CLÍNICA



## É SÓ ISSO! |

Adriana Gomes Pessoa  
gpessoa@gpessoa.com.br

Freud no texto *As perspectivas futuras da terapia psicanalítica* (1985), que compõe uma de suas conferências, aponta sua preocupação sobre o futuro da psicanálise, suas técnicas frente ao tratamento das neuroses e os caminhos necessários para que a mesma se consolide. Propõe três direções: 1) do progresso interno; 2) do acréscimo em autoridade; 3) do efeito geral de nosso trabalho.

A primeira refere-se às pesquisas e teorias deixando explícito a importância de se avançar na teoria a partir da clínica, pois a mesma deveria priorizar a descoberta e superação das resistências apresentadas pelos analisados. Para Freud o progresso se daria aí, nessas descobertas, chegando a apontar para alguma possibilidade de cura quando afirmava que: “confiando, justificadamente, em que os complexos se entregarão sem dificuldade, tão logo as resistências sejam reconhecidas e eliminadas.”(1985) Ainda sobre o progresso, Freud, além de apontar para as questões da observação clínica e teórica para fins de eliminação da resistência, também expunha sua preocupação sobre a figura dos analistas em



relação à contratransferência e sua análise pessoal. Sobre a segunda direção, a mesma aconteceria mediante o sucesso da primeira e desde já, Freud já expunha o papel revolucionário que a psicanálise apresenta em relação à sociedade, pois, de acordo com ele:

[...] “transformamos o indivíduo em nosso inimigo, desvelando o que nele se acha reprimido, também a sociedade não pode responder com simpatia ao implacável desnudamento de seus danos e deficiências; pelo fato de destruímos ilusões, acusam-nos de pôr em perigo os ideais.” (FREUD, 1985)

Vê-se que Freud, ao apontar a terceira direção, demonstra a visão diferenciada da teoria psicanalítica em relação aos sintomatizados pelas neuroses; sua teoria se colocava a frente dos sintomas em uma posição contrária que perdura até os dias de hoje, afirmando que nem sempre será vantajoso o combate ao sintoma. “Boa parte daqueles que hoje se refugiam na doença não suportaria o conflito”. (FREUD, 1985)

Freud acenava preocupação com o futuro da psicanálise e estamos hoje em diferentes desafios ofertados pela ciência e pela revolução tecnológica com suas diversas consequências sobre o humano e seu desejo. Estamos navegando pelo regime da felicidade para todos, no empuxo sanitarista como afirma Brodsky (2013) em Loucura nossa de cada dia.

Lacan soube reler Freud e avançar na prática analítica, para além do Édipo, das articulações significantes. O gozo. Num primeiro momento o NP poderia delimitar e localizar algo do inominável para além do significante. Avança com as fórmulas da sexualização indicando a dimensão do feminino e suas implicações.

No Ultimíssimo Lacan, Miller já nos acena o repensar da clínica psicanalítica com o paradigma das psicoses ordinárias, da “forclusão generalizada “já que se trata de uma” rejeição do simbólico no real do gozo que faz intrusão.” (MILLER, 2011)

Miller (2011) avança no que diz respeito ao gozo, não sendo mais possível dizer de uma interdição de gozo, mas de um corpo que se goza, como um acontecimento de corpo. Algo do real, para além do imaginário que a fantasia recobre. Um indizível se faz articular ao gozo neste último ensino.

É mediante as novas formas de sintomas e de se “arranjar com seu gozo e até com o mal-estar” que alguém procura um psicanalista. Demarcar o lugar do gozo na contemporaneidade implica em situar o sintoma com th, suas correlações e modo de viver. O sintoma passa a ser o incurável afirma Brodsky.<sup>6</sup>

Insiro fragmento de um caso, que do lado do analista trouxe algo do horror do seu ato e que implicou num manejo delicado da transferência frente ao gozo.

N, uma mulher lésbica, casada. Quer ter um filho, ser mãe, e está no tratamento de fertilização in vitro. De uma intervenção da parte do analista sobre o doador do espermatozoide para fecundação a mesma responde: ``isto não faz diferença nenhuma, é apenas um doador de material genético. Só isso, um material genético que vou utilizar. Não estou entendendo o porquê desta pergunta´´ Escolhi no arquivo enviado pela clínica pela aparência, cor etc. e que se parecia mais comigo.”

A pergunta de Graciela lançada sobre o fazer da psicanalista na atualidade me instiga na prática e na escrita.

*“Creio que o que orienta nossa clínica e nossas intervenções, é nos perguntarmos sempre: o que domestica o gozo? E quando o gozo não está domesticado, nos perguntarmos: o que podemos fazer, como analistas, para que um sujeito possa inventar essa função de domesticação do gozo, que na neurose é exercida pelo Nome-do-Pai?”*  
(BRODSKY, 2013)

#### REFERÊNCIAS

- BRODSKY, G. A loucura nossa de cada dia. **Opção lacaniana on line**, n. 4. Ano 12. Novembro de 2013.  
 FREUD, S. As Perspectivas da terapia psicanalítica. **Obras Completas**, Vol. XI. Rio de Janeiro: Imago, 1985.  
 MILLER, J. A. Curso de Orientação Lacaniana. O ser e o UM. ( 2011) , aula 04 . Inédito.

## “O QUE NÃO TEM NOME NEM NUNCA TERÁ”: AS EVIDÊNCIAS DO REAL A PARTIR DE UM LAUDO NEUROPSICOLÓGICO

Luciana da Silva Pedron  
lucianasilvapedron@gmail.com

Desde a Promulgação da Constituição Federal de 1988, a educação passou a ser um direito de todos. As crianças com necessidades educacionais diferenciadas, antes segregadas em seus lares ou educandários exclusivos, passam a frequentar as escolas regulares. Pouco a pouco, a lógica das escolas inclusivas foi cedendo e dando lugar a uma série de direitos que impuseram deveres às instituições escolares.

A psicanálise nos adverte quanto aos perigos do “para todos”, não há algo que possa servir para todos. Devemos estar atentos às armadilhas onde a lógica da inclusão pode promover a segregação com um “apagamento” das diferenças.

Dentro deste paradoxo, o aforismo lacaniano de “Todo mundo é louco” (Lacan, 1978)”, traz em si mesmo sua própria exceção à norma e tentar ordenar o mundo numa única lógica comum é sim, delirante.

Em “O delírio da normalidade”, Laurent (2011) nos ensina que não há nenhuma possibilidade de visar uma norma comum e que o “maior” delírio é daquele que acredita na normalidade. Segundo Laurent (2011):

Quanto mais forem globalizados os ideais da civilização, quanto mais comuns aos espaços de civilização que antigamente estavam separados, quanto mais for proposta uma norma para todos em um utilitarismo sem limite, mais precisaremos lembrar que todo mundo é louco. Isso significa que cada um é um obstáculo à norma de todos, que existe sempre um “x”, que é obstáculo ao “para todos”, e isso é cada um de vocês, cada um constitui uma exceção à norma. (2011, p.51-52)

A normalidade é delirante e para nos defendermos do delírio da normalidade é preciso mostrar, segundo Laurent (2011), que a saúde mental e o laço social não existem, pois, são semblantes. Sabendo disso, poderemos nos aproximar do sintoma como Real. Em psicanálise falamos sempre no caso a caso, no um por um, daquilo que existe de irreduzível do sintoma em relação aos ideais de normatização.

Trago uma vinheta clínica para tentar ilustrar o paradoxo. Trata-se de uma criança que chega ao consultório aos 9 anos, não alfabetizada. Desde bebê passou por inúmeros testes, consultas e terapias diversas, sempre foi esperta e sagaz, mas, não aprendia a ler e a escrever. O diagnóstico médico era de Transtorno Global do Desenvolvimento. Desde pequena estudou em escolas “não tradicionais”.

Num primeiro tempo da análise “só brincava”, quase não usava a linguagem como forma de expressão, era agressiva nas brincadeiras e não raramente “batia” na analista através dos bonecos. No decorrer da análise o tempo de brincar foi sendo substituído pelo dizer e o que antes era recusa de saber passou ao interesse pelos jogos com letras e números, bem como pelos livros. Lia durante as sessões, o que não acontecia em casa e na escola.

A mãe em uma busca incessante de respostas às particularidades de sua filha dedicava-se quase que integralmente a ela. Tal dedicação não passava despercebida pela criança que mantinha um “controle” da vida familiar.

Por uma contingência, aos 11 anos, se mudam de cidade e consequentemente de escola. A mãe, para dar um “lugar” à filha em uma das escolas da cidade, recorreu à um laudo neuropsicológico. Este demonstrou que havia possível falha genética cromossômica que “justificaria” o prejuízo no desenvolvimento oral e cognitivo da criança, contudo, que não havia na literatura existente uma síndrome específica que pudesse nomear tal particularidade.

Este laudo teve importante efeito sobre a mãe, promovendo uma espécie de “corte”, uma separação entre ela e a filha. Possibilitou à mãe deixar cair algo do excesso de expectativas de normatização, consentindo que nada pudesse fazer para “mudar” a realidade e que a filha precisaria encontrar modos próprios de viver.

Nesse interim, a criança faz um sintoma transitório de encoprese. Ela se “descontrola”, consente em não se ocupar de controlar a demanda do Outro com a retenção, inclusive de saber.

De posse do laudo, a criança é matriculada numa escola “tradicional” e como parte de seu direito à inclusão é designada uma auxiliar de sala para acompanhá-la em seu desenvolvimento. Desde que iniciou nesta escola, desenvolveu sua leitura e escrita sem maiores embaraços. Nas sessões, exhibe seus cadernos com os elogios da professora e demonstra o quanto ler e escrever lhe trouxeram vivacidade e novos modos de estar no mundo. Indagada quanto ao que há de novo nesta escola, diz: “Uma professora brava e provas!”.

Abordar a criança a partir do gozo e não do ideal orientou a condução deste caso. A partir do laudo (in) conclusivo com o que “não tem nome nem nunca terá” o sintoma como real pôde ser incluído no mundo das letras e da escrita. O que se inclui é da ordem do gozo, que propicia uma reconciliação do sujeito com a própria satisfação e que faz emergir o desejo de saber.

<sup>1</sup> Paródia da música de Chico Buarque, “o que será, que será?” cunhada por Jorge Forbes. Disponível em: <http://jorgeforbes.com.br/provocacoes-psicanaliticadas-2/#:~:text=Aquilo%20que%20n%C3%A3o%20tem%20nome,-ser%20outra%20coisa%20na%20vida>.

<sup>2</sup> Texto produzido a partir do cartel relâmpago preparatório para as IV Jornadas da Seção Leste-Oeste da Escola Brasileira de Psicanálise, “Que loucura é essa?”, início em 19/05/2023. Caracterizantes: Carla Serles (Mais-um), Luciana Pedron, Geanine Vieira, Rafaella Cunha e Roseane Patriota.

## REFERÊNCIAS

Brasil. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal, 2016. 496 p.

LACAN, Jacques. Ornicar. **Transferência para Saint Denis? Diário de Ornicar? Lacan a favor de Vincennes!**. Paris, n.17-18, 1978. Tradução publicada pela revista *Correio* 65.

LAURENT, E. **O delírio da normalidade**. In: *Loucuras, sintomas e fantasias na vida cotidiana*. Belo Horizonte: Scriptum, 2011, p. 45-56

MILLER, J.A. **Todo mundo é louco AMP 2024**. In: *Opção Lacaniana*, (85), dezembro de 2022.

## A LOUCURA CODIFICADA E SUAS RESSONÂNCIAS NO CORPO

Delza Eloy de Santana Gonçalves

[delzaeloy@gmail.com](mailto:delzaeloy@gmail.com)

*Que loucura é essa?* Que loucura é essa que forjou a raça humana? Que loucura é essa que codificou a cor como um distintivo de valor? Que toma o negro como resto no pacto social? Que faz da diferença uma ameaça a ser subjugada, segregada e, não raro, exterminada? Mbembe (2022) a chamou “loucura codificada”, uma ‘invenção útil’ que, a serviço de um sistema de colonização, catalogou as humanidades em grupos a partir da coloração da pele.

O século XIX foi o auge do imperialismo europeu. A raça, além de um signo da diferença, era tomada como critério de inimizade e do princípio da eliminação, sendo o corpo do outro o alvo imediato. A lógica colonial se apoiava na crença de que havia subespécies humanas que deveriam ser dominadas. Mbembe (2022) observa que a autoridade propriamente despótica que os europeus exerciam em suas colônias só poderia se aplicar fora de suas fronteiras, sobre pessoas com as quais julgavam não ter nada em comum.

Miller (2016) traz para o debate da segregação a noção de *extimidade* e aponta o ódio ao gozo do Outro no cerne do problema do racismo. Não tolero que se goze de um modo diferente do meu, e eis que a saída para esse ódio é fazer do diferente um dejetos ou torná-lo semelhante, insistir em apagar sua singularidade a qualquer custo, o que faz uma parceria sintomática com o anseio de universalização do capitalismo. Isso se complica na medida em que ponderamos que esse estranho, *êxtimo*, é em sua raiz o próprio gozo, insubmisso.

Na perspectiva de Souza (2021), há uma proximidade entre negritude e feminino. Assim, em uma sociedade racista, o Outro gozo pode ser o da mulher tão quanto pode ser o do negro -ambos se contrapõem à ordem dominante. O dominante é masculino, fálico, europeu, branco. O feminino é o outro radical, estrangeiro, o qual diz respeito a todos nós ao nível do singular e do qual nos defendemos.

Trago uma vinheta de um paciente que acompanho há 7 anos, o qual chamarei J. Homem trans e negro, que, ao tomar posse de seu Registro Geral atualizado quanto à sua identificação sexual e nominal, é acometido de mais uma apreensão. Por tornar-se então registrado no sexo masculino, fica mais suscetível à abordagem policial invasiva. J. diz estar acostumado com o olhar frequente e vigilante de policiais quando caminha na rua à noite para buscar sua companheira no ponto de ônibus de volta do trabalho. Me diz que, embora leve consigo um pedaço de pau para se proteger se preciso, sente-se constantemente ameaçado. Acrescenta que, apesar do medo da polícia e de outras situações cotidianas em que se sente ameaçado, como frequentar banheiros masculinos, está se aceitando mais e buscando novas maneiras de lidar com sua imagem.

Nesse relato, J. narra elementos diversos de seu impasse com o corpo, com o falo, com o Outro. Há uma nova carteira de identidade que, sim, inaugura uma nova habilitação. O habilita a se apresentar enquanto homem, legalmente traduzível no campo do Outro. J. se entusiasma com a retificação de seu nome próprio, no entanto, um mal-estar persiste. Para J., assim como para todo ser falante, há um mal-estar inerente à existência, e não há nomeação capaz de fazê-lo silenciar. O corpo - o nosso, o do Outro e os dos outros - é isso que se impõe e nos inquieta em sua des-conjuntura, seja ela real ou imaginária. De ter um corpo é impossível nos salvar.

Miller (2016) adverte que a proposição de raças é um efeito de discurso que não se diluirá simplesmente pelo argumento de que não existem do ponto de vista biológico. O que está em jogo é um insuportável a nível da alteridade. No entanto, é preciso considerar especificidades do racismo brasileiro que, bem disse Andrade (2023), ultrapassa o conceito de segregação. Desde o estabelecimento da raça como marcador simbólico, há corpos brancos

e há os outros corpos, há corpos de senhores e corpos de escravizados. E essa cisão não se dá sem ressonâncias.

Concluo compartilhando inquietações no tange às cicatrizes da escravização no inconsciente. Qual a importância de se dar escuta às particularidades dos corpos inaugurados na linguagem já marcados por um traço que os posiciona enquanto abjeto? Podemos localizar o real da cor como um elemento que opacifica o brilho fálico do corpo negro? Ainda, partindo da leitura do negro como alteridade, a transexualidade de J. pode ser lida como uma defesa ao feminino? O que disso deságua nas perlaborações do desejo? Enfim, é cabível a hipótese de que a violência do racismo afeta o corpo negro desde o registro real?

#### REFERÊNCIAS

ANDRADE, C. *Aquilombamentos analíticos*. In Correio Express – Revista Eletrônica da Escola Brasileira de Psicanálise, nº 24. 2023. Disponível em: [https://www.ebp.org.br/correio\\_express/2023/03/29/editorial-correio-express-no24/](https://www.ebp.org.br/correio_express/2023/03/29/editorial-correio-express-no24/)

MBEMBE, A. *Crítica da razão negra*. São Paulo: N – 1 edições, 2018/2022.

MILLER, J-A. *Racismo e extimidade*. In Derivas Analíticas, edição 4, 2016. Disponível em: <https://www.revistaderivasanaliticas.com.br/index.php/accordion-a-2/o-entredois-ou-o-espaco-do-sujeito>

SOUZA, N. S. *O estrangeiro: nossa condição*. In Tornar-se Negro ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social, p. 121-130. Rio de Janeiro: Zahar, 1998/2021.



## LUCIDEZ DEMAIS TAMBÉM É LOUCURA.

Ordália A Junqueira- EBP/AMP  
psico.rdom@terra.com.br

O mestre interrompe o silêncio com qualquer coisa, um sarcasmo, um pontapé. (LACAN, 1953)

1ª frase de Abertura Sem. 1. O mestre budista, a procura de sentido, assim procede 2º a técnica zen. Segue Lacan (1953): “Cabe aos alunos, eles mesmos, procurar as respostas as suas próprias questões. O mestre não ensina ex-cathedra uma ciência já pronta, dá a resposta assim que os alunos estão a ponto de encontrá-la.” (LACAN, 1953)

1ª orientação a ensinar o que não se ensina, na perspectiva do último ensino: do Um sozinho. Como ensinar o Lacan primeiríssimo enodado ao Lacan ultimíssimo? Um trilho a seguir nesse texto. Lucidez demais, talvez, ou de menos? Um delírio?

1ª razão do discurso analítico não ser matéria de ensino: ele não é para todos, ele é para Um só, para o Um-sozinho. (MILLER, 2022) Sabe-se que, diante da não-existência da re-

lação sexual, somos colocados diante do paradoxo do Um que dialoga sozinho. No Sem. 24, Lacan (1976-77) considera esse diálogo como uma fala solitária por se processar entre o Um e o Outro que não existe.

Lacan afirma que a psicanálise não é matéria de ensino (LACAN, 2010). 2º Miller (2022), isso se deve à oposição estrutural entre o discurso analítico e o discurso universitário, entre o saber suposto na prática da psicanálise e o saber exposto no universitário. Esse saber suposto, seria, também, um delírio? Em 2001, Miller aponta que o ensino em psicanálise é uma modalidade da fala que responde, que repercute a fala analisante. E Lacan provoca:

[...] se um homem que se acredita rei é louco, não menos o é um rei que se acredita rei. (LACAN, 1946)

Miller (2022) sugere se levar em conta a seguinte frase que segue ao Todo mundo é louco, ou seja, delirante: É isso mesmo que se demonstra no 1º passo rumo ao ensino. (LACAN, 2010) “Aqui, nada de Despatologização, mas um rebaixamento, uma destituição e, por que não, uma desconstrução do que é o ensino. [...] o ultimíssimo Lacan se demonstra assim que ensinar é uma loucura, que o ensino é um delírio?” (MILLER, 2022, p. 11). Deste modo, continua Miller, o aforismo em questão se inscreve no âmbito de uma crítica à função do ensino. [...] A partir daí, ouve-se o slogan como enunciando: “É preciso ser louco para ensinar, quem ensina delira. À 1ª vista, o que preocupa Lacan é [...] a estrutura de todo ensino.” (MILLER, p. 12).

Assim, a técnica zen do mestre budista, citada no Lacan primeiríssimo, enoda-se à essa preocupação do Lacan ultimíssimo, na medida em que estrutura um ensino privilegiando o estilo de cada Um: o aluno procurar as respostas as suas próprias questões; assim como a loucura do mestre ao interromper o silêncio com um sarcasmo, um pontapé! (LACAN, 1953) Miller traz Lacan advertindo seus alunos quanto a prática da psicanálise não poder ser ensinada: “será preciso colocar algo de si, pagar com a sua pessoa [...] algo muito diferente de um aluno, a saber, como analisante.” (MILLER, 2022, p. 13).

Enfim, na perspectiva do aforismo: Todo mundo é louco, 2º Miller, caberá a nós analistas, alinharmos nossa prática a essa nova era. Nesse contexto, o aforismo só pode ser interpretado como assumindo e validando o termo: “Despatologização”. Miller nos orienta afirmando que “não haverá mais patologias, haverá, já há, em vez disso, estilos de vida, livremente escolhidos - uma liberdade [...] dos sujeitos de direito.” (MILLER, 2022, p. 9-10).

Finalizo no pouco de lucidez que me resta: 2 citações que se enodam loucamente. A 1ª de Lacan; a 2ª de Torquato Neto. Esse último, poeta não tão conhecido, nomeia meu texto:

O médico, tal como aquele que contesta ao louco que o que ele diz não é verdade, não divaga menos que o próprio louco. (LACAN, 1946, p. 178)

Leve um homem e um boi ao matadouro. O que berrar mais na hora do perigo é o homem, nem que seja o boi. (NETO, 2005)

*Poetemos pois, em berros!* (NETO, 2005)

## REFERÊNCIAS

LACAN (1946). *Formulações sobre a causalidade psíquica*. **Escritos**. R.J: Zahar Ed., 1998

LACAN (1953) **Livro 1. Os escritos técnicos de Freud**. RJ: Zahar, 1983

LACAN (abril, 2010). *Lacan a favor de Vincennes!* *Correio*, n. 65

MILLER (2001) *O último ensino de Lacan*. *Opção lacaniana*, n. 35

MILLER (2022). *Todo mundo é louco*. *Opção Lacaniana*, n. 85,

NETO T (1971) In: CARVALHO. *A consistência da geléia*. *Jornal O Povo*. 2/4/2005. *Jornal de Poesia* - Eleuda de Carvalho

NETO, T. (1944-1972). In: *Jornal de Poesia* - Eleuda de Carvalho

Mesas Simultâneas

## SALA 5 | ENCONTRO E ENIGMA



## “Da arte à interpretação: uma reflexão.”

Fernanda Fernandes  
nandaagf@gmail.com

Ao assistir o documentário de Gerard Miller, sobre o início das análises, me deparo com este trecho: “Nossa vida é um teatro onde o que se vê e se ouve não é verdade...como se a cena na qual crescemos, na qual aprendemos a amar, a trabalhar, a rir e a sofrer, como se essa cena tivesse bastidores dissimulados bem escondidos”\* e com as câmeras passeando pela coxa do palco, pontua que o analista dá uma volta nesses bastidores, fazendo uma bela analogia sobre a psicanálise e o teatro. Este passeio, me levou a pensar um pouco sobre a psicanálise e a arte como um todo, não apenas no teatro.

Como apontado pelo texto de Marie Helene Brousse (2010), ao escrever sobre o surgimento da arte contemporânea, mostra que esta virada na arte marca um momento importante, e articula com a psicanálise. Antes, pela via da sublimação, a arte, as pinturas, ocupavam um lugar de satisfação, de sentido, “o campo do esquecimento da castração, um campo desangustiante e pacificador” (BROUSSE, 2010, p. 28).

Com a arte contemporânea, aquilo que era pacificador, torna-se inquietante ao olhar. Os objetos são elevados, são mostrados com estética, não como o belo, “há um retorno da angústia à cena da arte” (BROUSSE, 2010, p. 30). Freud já nos dizia que os artistas ensinam os psicanalistas. A partir disso, me veio à memória um quadro que me causou impacto, ao passear por um museu. Trata-se da obra “Contour of loss”, de Titus Kaphar. É um quadro de uma mulher negra segurando uma criança, mas a imagem da criança é recortada do quadro. Brousse citando Miller diz: “A arte moderna, contemporânea, aprendeu talvez um pouco tarde, na sua própria história, a lição de Lacan: ela explora o fato de que o fundamental em um quadro é a moldura” (BROUSSE, 2010, p. 29). Longe de querer interpretar este quadro; mas ao ser recortado ele ressalta o objeto ausente, trazendo ao olhar de quem olha inquietação e questionamento pelo que falta, não a completude de uma imagem que representa algo, como na representação clássica, mas pelo que está fora. Não mais no campo da metáfora e sim no campo da metonímia, e no que não faz sentido. “A arte se deslocou da representação para a interpretação, uma interpretação metonímica, alusiva, que não visa produzir efeito de sentido e que eleva os objetos-restos à dignidade do real” (BROUSSE, 2010, p. 37). Deixo aqui a pergunta: seria assim, um saber-fazer com o real?

Neste passeio, não mais pelo museu, destaco dois momentos: o primeiro as leituras em psicanálise que envolve o tema de nossa Jornada “Que loucura é essa?”, não a loucura sinônimo da psicose, mas a loucura de cada um a seu modo e, segundo um fato ocorrido na minha clínica, em que uma paciente faz um acting out. Estes dois momentos me fizeram questionar sobre o lugar da interpretação na época atual. A arte contemporânea esvazia-se de sentido para produzir algo novo. Seria este o lugar da interpretação? Mas este lugar a interpretação sempre ocupou. Porém hoje, como pontuou Sérgio de Mattos (2023), “na clínica atual, o sujeito não quer saber de nada, chega atolado pelo gozo...”, e se “a interpretação não é outra coisa que o inconsciente, é o próprio inconsciente” (MILLER, 1996), ou seja, convoca o analista a estar à altura de sua época. Sendo assim, a interpretação pela via do real é o caminho para a clínica atual, uma “prática que visa no sujeito o sinthoma” (MILLER, 1996, p. 97).

Sabemos que não existe um modo único de interpretar. Muito menos uma técnica que se aplica no trabalho analítico. Pois estamos no campo ético, do um a um. E interpretar é fazer “ressoar, fazer alusão, subentender, silenciar, fazer oráculo, citar, fazer enigma, meio dizer, revelar”, e é também interpretar pela via do assemântico, o que Miller nomeou de interpretação pelo avesso, aponta para via que dê conta do falasser.

“Que loucura é essa?”, direciona a pensar um sujeito pela via do sinthoma, e a interpretação em seu avesso, não apenas no campo da decifração ou tradução. Faço um recorte deste trecho sobre a interpretação pelo avesso, que vai ao encontro do nosso tema atual. “Trata-se

de reconduzir o sujeito aos significantes propriamente elementares, com os quais delirou em sua neurose...quando a interpretação torna-se o êmulo do inconsciente, mobilizando recursos sutis de retórica, quando se molda na estrutura das formações do inconsciente - o delírio, ela o nutre - quando se trata de esfomear. Se houver aqui decifração, é uma decifração que não produz sentido”(MILLER, 1996, p.98).

Assim, distante de respostas ou conclusões, sigo repensando a interpretação e seus modos de uso hoje. Afinal, o analista está nas coxias da fala do sujeito, conduzindo a um saber fazer com sua própria moldura.

#### NOTA

Documentário “ A primeira sessão”, Gerard Miller. 2009.<https://www.youtube.com/watch?v=qqIby82USGQ>

#### REFERÊNCIAS

BROUSE, M.-H., **Quando os artistas ensinam os psicanalistas ou um tratamento do mal-estar na civilização pela ironia**. Revista Carta São Paulo. 2010. p. 27-41.

MATTOS, S. **Começar a se analisar**. In: ATIVIDADE PREPARATÓRIA PARA O XI ENAPOL. , 2023.

MILLER, J.-A., **A interpretação pelo avesso**. Opção Lacaniana nº 15, 1996.p.96.

## O ENIGMA |

*Simone Souza Vieira*  
simsouvi@gmail.com

Segundo uma das definições do Google para enigma, encontramos:

“Enigma é um substantivo masculino da língua portuguesa e significa algo ou alguma coisa de difícil compreensão, difícil de definir ou de conhecer a fundo, e que é caracterizado por ser ambíguo ou metafórico. O enigma está relacionado com o obscuro, o desconhecido e com as trevas.”

Essa definição se aproxima de elementos importantes para psicanálise, como o fato de um enigma andar junto ao ser falante, na sua linguagem enquanto uma metáfora, apontando para algo desconhecido. Enigma é uma pergunta, que abre ao sujeito a demanda de resposta, onde algo de seu deve comparecer.

Trarei dois exemplos de enigmas, que distam um do outro, aproximadamente 2453 anos. O primeiro provavelmente foi representado pela primeira vez em 430 a.C. (SÓFOCLES, 1989) e o segundo em 2023 d.C. vindo da clínica.



430 a.C.-Tentando escapar de seu destino, Édipo foge em direção a Tebas e decifra o enigma que a Esfinge impunha aos tebanos: “O que é que pela manhã tem quatro patas, à tarde tem duas, e à noite tem três?” A pergunta era acompanhada da ameaça: “decifra-me ou devoro-te”. Édipo ao resolver este enigma não é morto pelo monstro, se torna rei de Tebas, desposando Jocasta, sua mãe.

2023 d.C.-Eles se olharam durante toda a balada. Ela com sua amiga e ele com o amigo dele. Matemática quase perfeita. Ao final da noite, ele se aproxima da amiga dela que lhe diz: “se gostou dela, apresente-se como um homem inteligente”. Diante disso ele responde: “ok, vou perguntar a ela qual é a raiz de quatro (ênfatizando o de quatro)”.

De Sófocles à modernidade, o que aconteceu com as respostas diante dos enigmas?

“...A estupidez é aquilo em que se entra quando as perguntas são formuladas num certo nível, que é determinado, pela realidade da linguagem, ou seja, quando se aborda sua função essencial, que é a preencher tudo o que deixa de hianti a impossibilidade de existir a relação sexual...”. (LACAN, 2012)

Essa é a condição do ser falante.

Podemos pensar que a estupidez de Édipo está em dar como resposta, sua fuga de casa? O fato de ter sido revelado a ele, que ele era adotado não o moveu em procurar, junto a seus pais, essa resposta. No entanto, o que o coloca em fuga é a possibilidade de matar seu pai e fazer existir a relação sexual com quem achava ser sua mãe. Talvez para Édipo, o pai fosse sua mais sólida barreira protetora contra o real. Lacan trabalha no primeiro capítulo do seminário 19 ...ou pior, a importância dos três pontinhos nesse lugar onde há “a única possibilidade de dizer alguma coisa com a linguagem” (LACAN, 2012, p. 11). Então, na impossibilidade de Édipo em trocar a letra P (de pire), por um D (de dire), Lacan diz: “Com efeito, quando de uma proposição vocês tentam fazer uma função, é o verbo que cria a função, e é daquilo que o cerca que podemos fazer um argumento. Logo, ao esvaziar o verbo, faço dele um argumento, uma substância. Não é dizer, mas um dizer” (LACAN, 2012, p. 12). Édipo foge, e ele como todo ser falante não se furtará do encontro com o real, e ...ou pior, e em seu caso, encontrará Jocasta.

Em 2023, onde encontrar a estupidez nessa resposta matemática formulada tão prontamente? Diante do enigma, o que é ser um homem inteligente, o sujeito tem a certeza de que a oferta de seu órgão fálico será, indubitavelmente, a melhor resposta.

Só que não.

Ainda, nesse capítulo, encontramos:

Quando digo que não há relação sexual, formulo, muito precisamente, esta verdade: que o sexo não define relação alguma no ser falante. Não que eu negue a diferença que existe, ...menina e menino. Não estou falando da famosa pequena diferença, ..., que faz referência complexual com esse órgão, A pequena diferença já é destacada desde muito cedo como órgão". (LACAN, 2012, p. 13).

Porém a questão está no nível da lógica, e nesse sentido, "um órgão só é instrumento pelo engano disto em que todo instrumento se baseia: é que ele é um significante." (LACAN, 2012, p. 17).

O matemático baladeiro acredita mesmo em seu órgão? Depois do que disse, ele nem tentou se aproximar daquela que capturou, durante toda noite, seu olhar. Foi embora sozinho. Por quê? Talvez ele tenha se dado conta da impossibilidade de responder à loucura que é o enigma do coração da mulher.

#### REFERÊNCIAS

- LACAN, Jacques. **O Seminário, livro 19: ou pior**. [tradução Vera Ribeiro]. – Rio de Janeiro: Zahar, 2012. p. 28.
- SIGNIFICADO DE ENIGMA**. Significados, 2023. Disponível em: <<https://www.significados.com.br/enigma/>>. Acesso em: 23/07/2023.
- SÓFOCLES. **A Trilogia Tebana: Édipo Rei, Édipo em Colono, Antígona**. [Tradução por Mário da Gama Kury]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1989.

## COMO ENSINAR O QUE NÃO SE ENSINA: ECOS DESSE PARADOXO

Roseane Patriota Albuquerque Melo  
*roseane.patriota@terra.com.br*

Meu trabalho foi fruto do cartel relâmpago, composto por Geanine Vieira, Luciana Pedron, Roseane Patriota e Ra-faella Pfrimer. Tendo como mais um Carla Serles.

“É preciso ser louco para ensinar, quem ensina delira”<sup>1</sup>, com essa provocação lacaniana, início com as perguntas: o que a psicanálise nos ensina, como ensiná-la? De que delírio estamos falando? O quê da experiência analítica pode ser transmitido?

O ensino foi um tema caro para Lacan durante toda sua trajetória de trabalho. Ele não teve pretensão em ensinar ou concluir com a teoria psicanalítica. Ensino é diferente de experiência analítica. O que se pode ensinar é a teoria ana-lítica, já o discurso analítico não se ensina, pois cada um, a partir de sua experiência com seu gozo, entenderá ao seu próprio modo, e com isso, fará seus arranjos possíveis.

Só há transmissão de ensino pela via da transferência de trabalho, desse modo a análise se dá pela via de trabalho de transferência e o ensino se dá pela via da transferência de trabalho. Na perspectiva da transmissão destaco que cada um, ao seu modo, tem seu estilo próprio e singular de transmitir a psicanálise.

Enquanto ensinar uma experiência não é possível, por outro lado, só podemos aprender a psicanálise pela via da experiência analítica, pois uma psicanálise é justamente a experiência do encontro do saber com a falta. Destaco Miller, “A prática da psicanálise não se ensina, no máximo ela é supervisionada”<sup>2</sup> só se ensina, no caso a caso.

O dispositivo da supervisão é um lugar que tem como objetivo, supervisionar a teoria psicanalítica e os manejos possíveis da transferência. Se sabemos que a experiência analítica não se ensina, então por que procuramos supervisionar nossa prática clínica com alguém mais experiente, como parte da formação analítica? Será que algo pode ser transmitido? Que loucura é essa que ocorre nesse dispositivo?

Trago um fragmento da minha experiência. Em meio a elaboração desse trabalho, realizei uma supervisão. Levei comigo, minhas inquietações sobre o enigma que havia se instalado em relação ao diagnóstico, angústia diante da atuação como analista praticante, e dúvidas na direção do tratamento. O supervisor acolheu e extraiu do caso, a parte em que pontuei que o significante enigma estava posto para mim como algo que deveria ser desvendado a todo custo. Ele me diz: “enigmas são para serem desvendados, mas nem sempre são possíveis “. Essa intervenção teve sobre mim, um efeito de transmissão tão singular e preciosa que reverberou não só diante do caso, como diante da minha posição enquanto analisante. O supervisor introduziu um furo do meu discurso, deixando aparecer o real que estava em jogo.

No ultimíssimo Lacan, se demonstra que ensinar é uma loucura, que quem ensina, delira. Delirar é uma forma de suportar um outro aforismo de Lacan “a relação sexual não existe”. Essa ideia da generalização do delírio, se dá pela falta de um significante capaz de representar o que significa fazer Um. Ou seja, não existe simbólico capaz de dar conta de uma satisfação total e que dois não fazem Um.

O discurso visa o delírio, pois busca utilizar a linguagem para fazer existir o que não existe, o que produz um efeito de generalização do delírio, tornando evidente o estatuto de ficção da realidade que o próprio discurso cria. Na tentativa de construir sentido para o vazio primordial, a palavra articula-se a outra palavra, criando os discursos, sendo sua estrutura vazia por natureza, devido inexistência da relação sexual.

Sendo assim, a realidade é constituída de discurso, que só pode ser compreendida a partir da linguagem, então toda realidade tem um ponto de ficção, de fantasia, de delírio.

Miller destaca que “O discurso analítico exclui a dominação, que o discurso do mestre, nada ensina. Ele não tem nada de universal, por isso mesmo não é matéria de ensino”<sup>3</sup>. O discurso do mestre descarta o que há de mais singular de cada um.

Lacan diz que o discurso analítico, não é a mesma coisa da ordem do conhecimento, visto que “não existe relação sexual”, também não existe conhecimento. O saber é sempre produção de algo, pois o objeto a está em operação, o que não ocorre da mesma forma com o conhecimento.

Enquanto a universidade a partir de seu discurso de dominação, desconhece a sua própria insuficiência para ensinar a psicanálise, a Escola, por sua vez, é um conjunto de Uns, cada um com seu sintoma, tentando se haver com sua marca singular. Desta forma, em uma experiência analítica, para transmitir algo, faz-se necessário que possamos delirar um pouco menos para permitir que o impossível possa ser ensinado, e diante da contingência, possamos extrair do vazio, um saber possível. Sem, no entanto, esquecer que em psicanálise, falamos do lugar de analisantes, tanto para aprender como para ensinar.

## REFERÊNCIAS

FERREIRA, Romulo. **Supervisão e controle: Efeitos de formação**. Correio, n 79. Revista de Escola Brasileira de Psicanálise.

LACAN, J. (1978) **Transferência para Saint Denis? Lacan a favor de Vincennes**. Correio, n 65. Revista da Escola Brasileira de Psicanálise. Abr. 2010

.LACAN, J. (1957) **A psicanálise e seu ensino**. Escritos. Rio de Janeiro. Editora Zahar. Pág.440.

LACAN, J- **Meu ensino** – Rio de Janeiro. – Zahar Ed. 2006.

MILLER, Jacques Alain - “Todo mundo é louco” - Opção Lacaniana. N, 85. Dez 2022.

## O PARADOXO DA DEMOCRACIA: UMA LEITURA PSICANALÍTICA SOBRE O 08 DE JANEIRO

Geanine Lucas Vieira  
*geaninelv@gmail.com*

Findadas as eleições presidenciais de 2022, a capital do Brasil, Brasília – sede oficial do Governo –, passou por sucessivos ataques. E mesmo para uma cidade acostumada a ser palco de constantes manifestações, esses acontecimentos foram intensos, ficando uma tensão no ar.

O domingo 8 de janeiro, um dia geralmente tranquilo em que as pessoas se envolvem com atividades culturais, esporte e lazer, foi agitado por uma multidão, vestida de verde e amarelo e escoltada pela polícia militar, descendo o Eixo Monumental em direção à Esplanada dos Ministérios. O que estaria acontecendo? Inacreditavelmente, essas pessoas clamavam por uma tomada de poder pelo Exército, isto é, estavam reivindicando um golpe militar.

As redes sociais e os telejornais noticiavam: “terrorismo em Brasília”, “atos antidemocráticos e golpistas”. A invasão dos prédios que representam os Três Poderes institucionais

do Brasil mostrava a que ponto cada um estava disposto a chegar. As pessoas estavam alegres e registravam em suas redes sociais a invasão, comemorando ao lado de policiais e representantes políticos que deveriam evitar que tal ato ocorresse. Que loucura foi essa?!

Em 2013, o movimento que convocou todos à rua, em protesto aos aumentos nas tarifas cobradas no transporte público sob o slogan “não são apenas 20 centavos”, fragmentou-se. Cada um, desbussolado, procurou sua própria pauta reivindicatória. As manifestações como conhecíamos, como estávamos familiarizados, tornaram-se infamiliars. Assim, as sucessivas crises políticas abriram espaços para que grupos conservadores saudosos do Regime Militar e religiosos fundamentalistas se apossassem de partidos políticos de Centro e de Direita, formando uma frente de “Deus, Pátria, Família e Liberdade”. Esses grupos foram bombardeados por notícias falsas e orientados a se informarem por órgãos não oficiais, por exemplo canais de YouTube, grupos de WhatsApp/Telegram, pequenas rádios locais e líderes religiosos. Vale lembrar o que Éric Laurent (2016/2002) diz, em “O falasser político”:

“As bolhas de certeza (...) podem tomar a forma de um enganche de crenças fanáticas ou ainda aberrantes, como se vê nos partidos populistas, que rejeitam os discursos dos especialistas de toda espécie e outras baboseiras dos ‘sabichões’, ao preço de priorizar significantes mestres provenientes da magia ou da religião”. (p. 204)

Com a globalização dos meios digitais, as informações circulam livremente, muitas delas disfarçadas de liberdade de expressão, e vociferam-se discursos de ódio contra as minorias, além de ataques à ciência, à saúde, à educação e ao meio ambiente, provocando uma desregulação na ordem social. Ademais, nas redes sociais, as pessoas se sentem protegidas por uma falsa ilusão de anonimato. A dificuldade de dialogar com pessoas que propagam *fake news* tem empobrecido o discurso, pois neste há uma recusa do saber, ligada a um saber neutro, um pressuposto. Jacques Lacan (2015/1968), inclusive, adverte, em “Nota sobre o pai”, que “o universalismo, a comunicação de nossa civilização, homogeneíza as relações entre os homens” (p. 07), provocando uma segregação ramificada, multiplicando as barreiras.

Jacques-Alain Miller, em 2017, chamou a atenção da comunidade psicanalítica para as eleições na França, alertando que, para a psicanálise existir, a democracia deveria ser defendida. Em 2018, o IX Enapol trouxe como tema os desafios para a psicanálise em tempos de ódio e segregação. Jésus Santiago (2018) ainda nos lembra que “a democracia assume uma relação direta com a vida, pois, como a psicanálise nos ensina, é atravessada pelo acaso e pela indeterminação radical inerente aos acontecimentos contingentes da história política de um povo”.

A palavra democracia foi utilizada tanto por conservadores e liberais reacionários quanto por progressistas, mas de formas diferentes. O jornalista Leonardo Sakamoto (2023), em sua rede social, ressaltou que “um presidente pode utilizar a democracia para atropelar a própria democracia”. Então, ao se dizer: “político é tudo igual, não tem jeito”, “as lutas dos movimentos sociais e os atos antidemocráticos são a mesma coisa” ou “é meu direito não me vacinar”, subverte-se a lógica e provoca-se o caos. Marie-Hélène Brousse (2002/2018) nos lembra que “a democracia é estruturalmente ligada à fala. (...) A fala é um poder, como demonstra a experiência analítica.” (p.132). Com isso, ela também nos adverte de que, assim como na arte, a psicanálise deve-se deixar ser ensinada pela política.

1 Texto produzido junto o Cartel Relâmpago preparatório para as IV Jornadas da Seção Leste Oeste da Escola Brasileira de Psicanálise, “Que loucura é essa?”, início em 19/05/2023, cujo caraterizantes são: Carla Serles (Mais-um), Geanine Lucas Vieira, Luciana da Silva Pedron, Rafaella Cunha, Roseane Patriota.

2 “Champ freudien, année zéro”

3 Psicanálise, democracia e neofascismo”

## REFERÊNCIAS

BROUSSE, M-H. **O inconsciente é a política. Democracias sem pai.** São Paulo. Escola Brasileira de Psicanálise. 2018. p.131-142.

LACAN. J. **Opção Lacaniana. n.71. Nota sobre o pai.** São Paulo. Edições Eolia. 2015. p.07-09.

LAURENT. É. (2016/2002). **O Averso da biopolítica: Uma escrita para o gozo. O falasser político.** Rio de Janeiro. Coleção Opção Lacaniana. V. 13. Contracapa. 2016. p.201-219.

MILLER. J-A. **Lacan Quotidiene. n. 718. Champ freudien, année zéro.** <https://www.lacanquotidiene.fr>

SAKAMOTO. L. (2023). @leosakamoto.

SANTIAGO. J. **Psicanálise, democracia e neofascismo.**

[https://www.ebp.org.br/correio\\_express/extra002/texto\\_JesusSantiago.html](https://www.ebp.org.br/correio_express/extra002/texto_JesusSantiago.html)